CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

CLARA JUVENTUDE BRANCA: REFLEXÕES ACERCA DAS NARRATIVAS DA IDENTIDADE RACIAL DA BRANQUIDADE

Fernanda da Silva Santos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique dos Santos Martins.

Rio de Janeiro
Dezembro de 2021

CLARA JUVENTUDE BRANCA: REFLEXÕES ACERCA DAS NARRATIVAS DA IDENTIDADE RACIAL DA BRANQUIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Fernanda da Silva Santos

Banca Examinadora:

_____

Presidente, Prof. Dr. Carlos Henrique dos Santos Martins (CEFET/RJ) (orientador)

_____

Prof. Dr. Roberto Carlos da Silva Santos Borges (CEFET/RJ)

_____

Profa. Dra. Glenda Cristina Valim de Melo (UniRio)

SUPLENTES

_____

Profa. Dra. Maria Cristina Giorgi (CEFET/RJ)

_____

Profa. Dra. Sônia Beatriz dos Santos (UERJ)

Rio de Janeiro
Dezembro de 2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

S237 Santos, Fernanda da Silva
Clara juventude branca: reflexões acerca das narrativas da identidade racial da branquidade / Fernanda da Silva Santos. — 2021.
87f. + apêndice : il. color. , enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2021.
Bibliografia : f. 81-87
Orientador: Carlos Henrique dos Santos Martins

1. Relações étnicorraciais. 2. Brancos. 3. Identidade racial. 4. Antirracismo. 5. Juventude. I. Martins, Carlos Henrique dos Santos (Orient.). II. Título.

CDD 305.8

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

DEDICATÓRIA

Olhei no entorno, ponderei o grau de importância e colaboração que recebi daqueles que estão nesta jornada comigo e não consegui fazer diferente do clichê: dedico esse trabalho e minha vida à Maalum Santos Vieira, minha filha, minha *labalaba* (borboleta em iorubá). Não só por ser meu grande amor, mas por ser uma menina negra de pele clara que teve de aprender desde sempre a se posicionar no mundo para amenizar os efeitos do racismo e a se proteger de alguma maneira do sistema de branquidade.

Quando a vejo aos sete anos de idade sendo referência para outras crianças, brancas e negras, sinto que estou no caminho certo e toda a jornada na busca de contribuir para uma sociedade justa e equânime tem valido à pena. A figura da Maalum se desdobra em todas as crianças e jovens que atravessam a minha vida profissional, e é a eles que dedico este trabalho. Clara juventude branca, este trabalho também é para você, dedico-lhe na esperança de mudanças no agora, do fazer diferente, do ser e estar de outra forma neste mundo.

AGRADECIMENTOS

Mo wa dupé ao meu *Orí* por ter feito a escolha de retornar à vida acadêmica e ter escolhido esta casa, o CEFET-RJ, e por ter se mantido meu companheiro e amigo para que eu chegasse ao final inteira. Agradeço à minha ancestralidade pelo amparo em todo o momento *Ošun, Aiyrá, Ogun* e Pombo Gira Maria Mulambo das estradas.

Muitos foram os caminhos percorridos para chegar aqui, e em cada um havia pessoas ao meu lado, ora na frente me puxando para que eu não parasse.

Agradeço à minha filha Maalum por, a despeito da tão pouca idade, tentou entender o que estava acontecendo e que, à sua maneira, se organizou para passar comigo por essa trajetória. Não esqueço do dia em que fez questão de ficar acordada comigo, fazendo mapa mental para a prova do mestrado.

À minha mãe, Edna da Silva Santos, por ser minha inspiração e por estar sempre ao meu lado.

À minha irmã Vanessa da Silva Santos, minha metade do Obi que caiu na mata, a caçadora que corrige minha estratégia antes de eu lançar a flecha certeira em muitos momentos.

Ao Instituto Hoju pela oportunidade e o compromisso com o desenvolvimento da população negra, às pessoas que naquele momento foram fundamentais na *ORI*entação do caminho a trilhar.

Ao meu querido Quilombo Ubuntu: Bianca Toscano, Octávio Silva e Wesley Peixoto, pela dororiedade em momentos tão difíceis, pelas mãos na hora certa que não deixou ninguém para trás. Tenho muito orgulho de fazer parte dessa família.

Ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Henrique dos Santos Martins, por me avisar sobre as poças d'água, pelos desníveis da estrada, para que essa trajetória fosse mais assertiva.

À minha rede preta que me apoia, me dá suporte e me inspira: Nara Jandre, a pessoa da aldeia que ajuda a educar minha filha; a Aline Nascimento, pela inspiração e pela escuta nos momentos mais certeiros; a Roberta Calixto, por me lembrar sempre da

potência que sou e com seu dedo em riste me dizer verdades nas horas necessárias; a Cecília Rosa, minha psicoterapeuta que me auxilia na hora de me preservar e na hora de pôr o “clitóris na mesa”; e a Vanderlei Silva, por ter estado ao meu lado, mesmo que virtualmente, às 4h da manhã para me oferecer um bom dia e por ter me dado a inspiração para o título desta dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais que, em sua proporcionalidade, contribuíram com conhecimentos para chegar ao final dessa escrita.

Agradeço ao Babalorixá Rodney Willian por me lembrar do meu propósito neste mundo, quando me vi na encruzilhada sem saber qual caminho tomar.

Aos meus amigos queridos, que mesmo distantes em função da pandemia da Covid-19 ou pela falta de tempo desta mestra, estiveram comigo e torceram como se fossem eles a fazer o caminho.

À minha instituição escolar Colégio Estadual Dom Antônio de Almeida Moraes Junior pelo incentivo e, em especial, aos meus alunos que vibraram com cada conquista minha e demostraram de forma mais ancestral, com comida, bebida e muitas gargalhadas. Não vou esquecer a festa surpresa por eu ter passado no mestrado.

Aos jovens aprendizes desta pesquisa e a todos que trilharam caminhos comigo desde 2017 por ser sempre uma descoberta, um aprendizado, um recarregar de energia.

A todos que pacientemente me escutaram quando eu estava imersa nas reflexões, que suportaram minhas reações de humor advindas do contato com o tema que afeta nosso corpo e mente negros. Falar de branquidade e conhecer seus meandros é adoecedor, pois compreender o sistema que se prevalece do racismo que nos mata diariamente de todas as formas exige persistência, inteligência emocional e cura de traumas.

EPÍGRAFE

PROTESTO

Mesmo que voltem as costas
Às minhas palavras de fogo
Não pararei de gritar
Não pararei
Não pararei de gritar

Senhores
Eu fui enviado ao mundo
Para protestar
Mentiras ouropéis nada
Nada me fará calar

Senhores
Atrás do muro da noite
Sem que ninguém o perceba
Muitos dos meus ancestrais
Já mortos há muito tempo
Reúnem-se em minha casa
E nos pomos a conversar
Sobre coisas amargas
Sobre grilhões e correntes
Que no passado eram visíveis
Sobre grilhões e correntes
Que no presente são invisíveis
Invisíveis mas existentes
Nos braços no pensamento
Nos passos nos sonhos na vida
De cada um dos que vivem
Juntos comigo enjeitados da Pátria

Senhores
O sangue dos meus avós
Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia

Um dia talvez alguém perguntará
Comovido ante meu sofrimento

Quem é que está gritando
Quem é que lamenta assim
Quem é

E eu responderei
Sou eu irmão
Irmão tu me desconheces
Sou eu aquele que se tornara
Vítima dos homens
Sou eu aquele que sendo homem
Foi vendido pelos homens
Em leilões em praça pública
Que foi vendido ou trocado
Como instrumento qualquer
Sou eu aquele que plantara
Os canaviais e cafezais
E os regou com suor e sangue
Aquele que sustentou
Sobre os ombros negros e fortes
O progresso do país
O que sofrera mil torturas
O que chora inutilmente
O que dera tudo o que tinha
E hoje em dia não tem nada
Mas hoje grito não é
Pelo que já se passou
Que se passou é passado
Meu coração já perdoou
Hoje grito meu irmão
É porque depois de tudo
A justiça não chegou

Sou eu quem grita sou eu
O enganado no passado
Preterido no presente
Sou eu quem grita sou eu
Sou eu meu irmão aquele
Que viveu na prisão
Que trabalhou na prisão
Que sofreu na prisão
Para que fosse construído
O alicerce da nação
O alicerce da nação

Tem as pedras dos meus braços
Tem a cal das minhas lágrimas
Por isso a nação é triste
É muito grande mas triste
E entre tanta gente triste

Irmão sou eu o mais triste

A minha história é contada
Com tintas de amargura

Um dia sob ovações e rosas de alegria
Jogaram-me de repente
Da prisão em que me achava
Para uma prisão mais ampla
Foi um cavalo de Tróia
A liberdade que me deram
Havia serpentes futuras
Sob o manto do entusiasmo
Um dia jogaram-me de repente
Como bagaços de cana
Como palhas de café
Como coisa imprestável
Que não servia mais pra nada
Um dia jogaram-me de repente
Nas sarjetas da rua do desamparo
Sob ovações e rosas de alegria

Sempre sonhara com a liberdade
Mas a liberdade que me deram
Foi mais ilusão que liberdade

Irmão sou eu quem grita
Eu tenho fortes razões
Irmão sou eu quem grita
Tenho mais necessidade
De gritar que de respirar

Mas irmão fica sabendo
Piedade não é o que eu quero
Piedade não me interessa
Os fracos pedem piedade
Eu quero coisa melhor

Eu não quero mais viver
No porão da sociedade
Não quero ser marginal
Quero entrar em toda parte
Quero ser bem recebido
Basta de humilhações
Minha alma já está cansada
Eu quero o sol que é de todos
Quero a vida que é de todos
Ou alcanço tudo o que eu quero
Ou gritarei a noite inteira
Como gritam os vulcões
Como gritam os vendavais
Como grita o mar
E nem a morte terá força
Para me fazer calar

(Carlos de Assumpção)

RESUMO

Esta pesquisa visa suscitar reflexões acerca da condição de privilégios da identidade racial branca, especificamente no que se refere à juventude, apoiada nas contribuições acerca da juventude (MARGULLIS; URESTTI, 1996), reconhecendo que a raça branca raramente é posta em lugar de sujeito de estudo, e se vê nisso a necessidade de problematizar esse lugar de segurança e plenitude. Ao observar o contexto social brasileiro, a juventude, mesmo alinhada a ideias mais tolerantes, pode desempenhar distintos papéis, afastando-se ou reforçando o pacto narcísico da branquitude (BENTO, 2002) e da branquidade (PIZA, 2005), sendo importante perceber e destacar a ausência ou não da hierarquização nas narrativas dos sujeitos investigados, influenciando sua relação com o "diferente/outro". Além disso, o trabalho observa a fragilidade branca (DIANGELO, 2018), manifesta em reações que podem não ser de raiva por parte de alguns brancos, mas que ainda podem isolar-se por meio de alegações de que não têm necessidade de se engajar com o conteúdo porque "já tiveram uma aula sobre o assunto" ou "já sabem disso". O entendimento sobre raça parte do ponto de vista de Hall (2008), que apresenta a identidade racial como relacional, operacional e construída pela interação social, sobretudo no contexto do Brasil, em virtude do processo político e histórico de branqueamento que subjugou a sociedade. Dessa maneira, interessou-nos investigar se os jovens brancos conseguiram compreender a violência que o branqueamento e a redução ao essencialismo do discurso de igualdade engendram como mecanismos que atuam de forma a dissimular os discursos que acobertam o racismo e estabelecem a manutenção das relações de subalternidade (silenciamento/ausência como sujeito) e supremacias. Para viabilização da pesquisa, o foco da investigação deu-se na juventude branca no contexto específico da ação de rememorar a produção de um documentário assinado e dirigido por ela, cujo objetivo foi dar visibilidade às vozes silenciadas na sociedade. As narrativas obtidas foram analisadas a fim de investigar a construção de sentidos de identidade e o posicionamento subjetivo, de forma a perceber o afastamento ou aproximação da manutenção do lugar de poder e privilégio da branquidade.

Palavras-chave: Branquitude. Branquidade. Juventude. Antirracismo. Étnico-racial.

ABSTRACT

This research aims to raise reflections on the condition of privilege of white racial identity, specifically regarding youth, supported by contributions about youth (MARGULLIS & URESTTI, 1996). Recognizing that white people are rarely placed in the place of the subject of study, and we see in this the need to problematize this place of security and plenitude. When observing the Brazilian social context, youth, which even aligned with more tolerant ideas, can play different roles, moving away from or reinforcing the narcissistic pact of whiteness (BENTO, 2002) and whiteness (PIZA, 2005). Hence, the importance of realizing the absence or not of regulations and/or hierarchization influencing the relationship with the “different/other”. In addition, the work looks at white fragility (DIANGELO, 2018) whose reactions in some whites may not respond with anger but may still isolate themselves through claims that they have no need to engage with the content because "they already had a class on the subject” or “already know it”. The understanding of identity starts from the point of view of Hall (2008), who presents white racial identity as relational, operational and constructed by social interaction, especially in the context of Brazil, due to the political and historical process of whitening that subjugated the society. In this way, we were interested in investigating whether young whites were able to understand the violence that whitening and the reduction to essentialism of the discourse of equality engender as mechanisms that act to disguise the discourses that cover up racism and establish the maintenance of subordinate relations (silencing/absence as a subject) and supremacy. To make the research viable, the focus of the investigation was on white youth in the specific context of the action of recalling the production of a documentary signed and directed by them, whose objective was to give visibility to the silenced voices in society. The narratives produced were treated to investigate the construction of meanings of identity and analyze the positioning, in order to ratify or refute the maintenance of the place of power of whiteness.

Keywords: Whiteness. Youth. Anti-racism. Ethnic-racial.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Gênero 59
Gráfico 2 – Cor/raça segundo IBGE..... 59
Gráfico 3 – Escolaridade atual 60
Gráfico 4 – Domínio de idioma..... 60
Gráfico 5 – Indicação à vaga de aprendiz 61
Gráfico 6 – Forma de seleção..... 62
Gráfico 7 – Ramos das empresas contratantes 62
Gráfico 8 – Efetivação na empresa contratante 63
Gráfico 9 – Atuação na produção do documentário 65
Quadro 1 – Dados do formulário de investigação 63

SUMÁRIO

Introdução **15**
1 Juventudes e Geração **21**
1.1 Reflexões sobre gerações 28
2 Entendendo a operacionalização do conforto em ser a norma universal de ideal de indivíduo **32**
2.1 Branqueamento 32
2.2 Branquidade e branquitude – uma perspectiva a seguir 36
2.3 Construção da identidade racial branca – A plenitude de ser apenas eu 43
3 O percurso da construção da pesquisa **54**
4 Considerações finais **76**
Carta aos futuros pesquisadores **80**
Referências **81**
Apêndice A – Questionário mapeamento de jovem aprendiz **88**
Anexo A – Transcrição roda de conversa **92**

Introdução[1]

Por que escrevo? Porque tenho a audácia de fazer da escrita uma das minhas estratégias de sobrevivência. Com a escrita, rompo com a determinação que a mim tentam cotidianamente impor – o silenciamento. Levanto-me e ouso falar, nomeando sem eufemismo e subterfúgio linguístico a que venho. Eu digo: "o branco também é raça", me aproprio de Frantz Fanon (2008) para isso. Nossa sociedade está organizada centralizando o indivíduo branco como padrão e ideal a ser seguido. Vemo-nos impelidos a nos descaracterizar e nos distanciar de todas as referências que acionem a memória da herança africana em virtude de apenas o corpo diferente do corpo branco ser racializado. O branco não se vê compondo um grupo racial, entende-se como norma e, por isso, se posiciona em uma instância superior. Toni Morrison, em entrevista a um programam de TV estadunidense, alega que:

> se o branco racista – e eu quero dizer não aquele que está examinando sua consciência e tal – não entende que ele ou ela também tem raça que também é uma construção, que também é feita, que também tem alguma utilidade. Mas quando se tira isso – se eu tiro de você a sua raça – eis você aí, uma bola de nervos, e tudo que você tem é seu ego fútil. [...] Se você só pode ser alto apenas porque o outro estiver ajoelhado, então você tem um problema sério. E eu acho que os brancos têm um problema sério, muito sério. E eles devem começar a pensar em como podem lidar com isso. Tirem-me disso.[2]

Junto-me na desobediência negra e feminina de ser ọmọ[3] ti Oxum, como a também filha de Oxum Lélia Gonzalez. Somos herdeiras ancestrais da grande ìyálodè/Ialodê[4], e imposto a voz para ecoar "O lixo vai falar e numa boa". (GONZALEZ,

---

[1] Aqui, faço uma alusão à série "Cara gente Branca". *"Dear White People"* (Brasil: Cara Gente Branca) é uma série de televisão satírica estadunidense baseada no filme de 2014 de mesmo nome. A produção foi encomendada pela Netflix. A série acompanha um grupo de estudantes negros de uma importante universidade dos Estados Unidos, pertencente à Ivy League, cuja maioria dos alunos é branca. *Dear White People* retrata como esses personagens lidam com o racismo no campus da universidade. Depois de uma festa de *Halloween* com a temática *blackface*, organizada por um grupo de alunos brancos, várias tensões raciais desenrolam-se no ambiente acadêmico. São dez episódios, cada um focando um dos personagens centrais, incluindo Sam White (Logan Browning), a criadora do programa de rádio que dá nome ao seriado. A série causou polêmica nos Estados Unidos antes mesmo de sua estreia. Quando foi divulgado pela Netflix o *teaser* da produção, muitos norte-americanos a acusaram de "apologia à violência contra brancos e de reduzi-los a estereótipos racistas.

[2] Toni Morrison sobre racismo e branquitude, com legendas em português. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NSRPpvgqVeo.

[3] Significa filha/filho na língua iorubá. (FONSECA, 1976).

[4] O título Ialodê significa "mãe de assuntos públicos" – a titular desse cargo era a voz ou porta-voz de mulheres no governo. Também pode ser entendida como "anafêmea [fêmea anatômica, utilização dos conceitos de sexo e gênero como sinônimos, pois para os iorubás o gênero simplesmente não era inerente organização social humana] mais velha encarregada de assuntos públicos". (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 169-170).

1984, p. 3). Assumo o risco do ato de escrever com todas as implicações advindas da decisão de se ter voz, porque para mim, para nós, negros e negras, não há escolha.

Quem vos escreve é Iyá Kaobi[5], uma mulher negra, mãe da Maalum Santos Vieira; filha de Edna da Silva Santos e Luiz Antônio da Conceição Santos; Ekedje d' Ogum; professora da Educação Básica, cujo propósito de vida é abrir caminhos de vida para os seus. Sou a primeira a ter curso superior dos dois lados da família, mas não sou a primeira a ser mestre; temos um mestre em Engenharia Elétrica pela Federal do Rio de Janeiro, proporcionado pelos governos progressistas que investiram na educação e no acesso da população minorizada ao nível superior. Desejo que eu não seja a primeira a ser doutora nessa família preta, que eu seja mais uma entre muitos. Sou a metade do Obì[6] que caiu nas águas da cachoeira e, por isso, sigo como água: ora ocupando espaço por preenchimento, ora transbordando quando necessário.

Na necessidade de continuar em frente como água de rio, em 2010, para conclusão do curso de especialização em Relações Étnico-Raciais e Educação pelo CEFET/RJ, desenvolvi uma pesquisa-ação cujo resultado demonstrou que os alunos pesquisados não se viam refletidos no ambiente escolar – suas crenças, costumes e tradições não eram referenciados. Verifiquei, à época, que a memória dos alunos estava silenciada; muitos não conheciam a história do bairro nem a sua própria enquanto parte da memória coletiva de um local. Com as práticas pedagógicas de intervenção, no intuito de resgatar a autoestima daqueles alunos, consegui evidenciar a mudança positiva de comportamento no âmbito da subjetividade e desempenho escolar. Isso se deveu à inserção do aluno no contexto escolar, oportunizando-o como produtor de conhecimento, proporcionado por uma educação de perspectiva antirracista.

Acreditando e permanecendo na convicção da possibilidade de mudança por meio de práticas pedagógicas antirracistas, em 2017, assumi, como educadora social, a mentoria de uma turma de educação profissional no programa de aprendizagem de jovens. As discussões e reflexões durante as aulas resultaram na realização do documentário chamado *Empowerment*[7]. Esse documentário consiste na apresentação de falas de pessoas diversas, respeitando suas especificidades, narrando suas trajetórias de vida desde a infância, trazendo dores e alegrias vividas. O elenco é composto por um homem negro, uma mulher negra, um imigrante sírio e um jovem com

[5] Nome ancestral assumido após iniciação no Candomblé. Significa a mãe que abre o caminho, que vai à frente.
[6] Noz de cola. Na tradição ancestral da diáspora africana brasileira, a noz de cola detém o poder de fortalecer energicamente as pessoas e ser sinônimo de riqueza e longevidade.
[7] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xZ1E1No13lg&list=PLPhk3soFdq5EPtl106IA4AKUB2G2QQQcY&index=9&t=49s.

Síndrome de Down. Esse registro, a princípio, seria uma primeira etapa do Projeto Somos, que visava ser um espaço virtual para a fala de pessoas de grupos minorizados[8] socialmente – aqueles em desvantagem social em relação a um grupo dominante, que não é necessariamente a maioria em uma sociedade, mas dita o padrão social. Essa ação foi inspirada num depoimento durante uma aula cujo tema era a trajetória extraordinária e voluntariado, durante a qual um jovem negro compartilhou com a turma a história de vida de seu pai, que abandonou a criminalidade e traçou outro caminho de vida. A trajetória narrada fez com que alguns jovens sentissem estranhamento diante da realidade de vida trazida pelo outro. Esses jovens eram os jovens brancos da turma.

O documentário foi produzido pela turma tendo os jovens brancos como líderes da ação. Essa situação foi o incômodo para que eu questionasse todo o processo de mentoria de perspectiva antirracista aplicada à turma de aprendizagem, por isso busquei refletir como se deu a relação do sujeito jovem branco com o sistema da branquidade, procurando identificar a existência ou ausência da normatização e/ou hierarquização racial, e como se deu esta tensão na relação com o "diferente/outro" durante a produção do documentário *Empowerment*.

Além disso, como objetivo geral, compreender que estratégias esses jovens brancos empregam para transpor as relações impostas pela estrutura da branquitude. Como objetivo específico proponho aprofundar as reflexões acerca do lugar social inerente à identidade racial branca, especificamente na juventude. Assim, conforme Frankenberg (1999), o branco não se vê como racializado, não pensa sobre o fato de ser branco. Nesse contexto, vejo o direcionamento da responsabilidade de solução para a desigualdade racial brasileira à população negra, como se fosse um problema oriundo dela, portanto é importante identificar as estratégias utilizadas pela juventude branca para se distanciar do sistema estrutural da branquidade. Para isso, esta dissertação centra-se no entendimento da identidade racial do jovem branco autodeclarado.

Em junho de 2019, o projeto de pesquisa apresentado intencionava como metodologia um percurso diferente do realizado. Foi vislumbrado utilizar os dados existentes acerca dos jovens na instituição capacitadora do programa de aprendizagem, no entanto o acesso às informações foi negado, por isso a decisão em não nomear o programa de aprendizagem de onde os jovens sujeitos de pesquisa são egressos. Para atender à necessidade de construção do perfil dos sujeitos e obter a autodeclaração racial, foi elaborado um questionário específico para a investigação com base no modelo

[8] Grupos minorizados: segmentos sociais que, independentemente da quantidade, têm pouca representação social, econômica (inserção no mercado de trabalho, ocupação de cargos de poder e outros) e política.

socioeconômico do IBGE e aplicado no grupo de egressos na rede social WhatsApp. No início, seriam realizadas três entrevistas semiestruturadas, no modo presencial. Contudo, diante da situação de calamidade sanitária decorrente da pandemia da Covid-19, a forma de interação entre as pessoas foi profundamente afetada. O distanciamento social obrigou-nos a migrar para o mundo virtual, logo toda a estratégia pensada para obtenção dos dados teve de ser repensada.

Em virtude disso, foi realizada uma roda de conversa, no modo virtual, composta por três pessoas, pela plataforma Google Meet, com duração de uma hora e cinquenta e seis minutos, no dia 19 de setembro de 2021, entre 10h e 12h. Nesta roda, estavam dois jovens brancos de 26 anos e eu, no lugar de mediação, investigadora de 42 anos. Optou-se pelo método da roda virtual para que a interação pudesse ser mais fluida do que a entrevista individual em formato virtual, a qual poderia ter seu resultado alterado em decorrência do desconforto em se estar sozinho, sem o contato físico e o acolhimento que a roda presencial possibilitaria. Iniciei a roda com o trecho do tema musical escolhido para o documentário, “Somos quem podemos ser”[9], do grupo de rock nacional Engenheiros do Hawaii, lançada em 1988, interpretada pela Família Lima. Durante a execução da música, foi exibida a foto do documentário que reúne todos os participantes.

A unidade básica de análise foram as narrativas produzidas nessa roda de conversa, que possibilitaram observar em que medida a consciência de privilégios sociais decorrentes da branquidade estavam refletidos nos discursos narrativos trazidos na roda, a fim de evidenciar a postura de contribuição para a luta antirracista, o posicionamento identitário e a tensão entre valores, ideologias e normas socioculturais.

No entanto, o campo de pesquisa foi benevolente e me concedeu a oportunidade de escutar uma jovem negra e trazê-la como critério de heteroidentificação sobre os jovens pesquisados. Essa jovem atendia aos requisitos de ter participado da produção do documentário e ser jovem, entretanto ela se autodeclara negra e isso a afasta do grupo de pesquisa, pois o trabalho concentra-se na juventude branca. Contudo, diante da potência de sua narrativa sobre a participação no documentário, insiro-a neste trabalho como informante e inspiração para análise das narrativas dos jovens pesquisados.

Durante a aplicação do questionário socioeconômico aos jovens do grupo de WhatsApp, composto por 15 jovens, obtive o retorno de sete respondentes. No questionário aplicado, duas questões sobre juventude foram dispostas a fim de auxiliar

[9] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bubDJmsQc00.

o direcionamento da escolha dos sujeitos de pesquisa. O questionário foi enviado a 15 jovens, dos quais sete responderam. Desse campo de pesquisa, três jovens se autodeclararam brancos e participantes da produção do documentário, contudo, a partir da resposta para a questão proposta sobre a visão particular sobre o conceito de juventude, optei por trazer para análise a fala de uma jovem negra, mesmo a juventude negra não sendo a centralidade do trabalho. Essa escolha deu-se pelo reconhecimento dos benefícios à investigação que resultariam dessa interação. Ao se autodeclararem brancos, facilitaria o diálogo e a racialização dos pesquisados a partir da sua própria identificação racial. Também o posicionamento identitário da jovem negra respalda a análise e o critério de seleção dos sujeitos de pesquisa. Diante do ocorrido, realizou-se uma roda de conversa com os jovens brancos e uma entrevista com a jovem negra para coleta das narrativas analisadas nessa investigação.

Esse estudo teve como sujeitos de pesquisa Rafael e Miguel, jovens brancos, ambos com 26 anos. Luísa, jovem negra, 25 anos, foi narrativa inspiradora que possibilitou a realização da heteroidentificação dos sujeitos de pesquisa e sustentação de argumento para as análises sobre as narrativas dos jovens brancos. Ela é a terceira perspectiva sobre o mesmo ponto. Digo terceira porque os dois jovens brancos mostraram-se em aliança ou pacto na concordância em suas respostas aos questionamentos[10]. No entanto, ocorreu de um terceiro jovem branco afirmar que havia participado do documentário, mas ao verificar os dados como tempo e lista de presença da turma, percebi que ele havia mentido, por isso não foi selecionado para a roda de conversa. Não descartei essa informação, pois ela aponta para o rótulo que trago de plenitude de ser apenas eu, no qual está garantido o conforto de ser quem se é, sem pensar nas consequências advindas de uma falsa declaração. Esse jovem aparece apenas como dado de suporte à reflexão apresentada. Os três primeiros fizeram parte da produção do documentário. Os jovens brancos exerceram a liderança do projeto e da produção; a jovem negra ocupou-se do roteiro. É importante salientar que a jovem negra não é sujeita de pesquisa – ela foi inserida como auxílio e inspiração no suporte às narrativas das pessoas brancas, a fim de que a análise não se resumisse à minha interpretação, mas que fosse construído um arcabouço analítico por dois pontos de vista. Além disso, sua narrativa agrega ao critério de heteroidentificação somado ao de autodeclaração para seleção dos sujeitos para a pesquisa.

[10] Os nomes das pessoas apresentados são fictícios, objetivando a anonimização. Escolho Rafael e Miguel aludindo a persona do anjo bom, que sempre apareceu no repertório cultural judaico-cristão como pessoas brancas; Luísa refere-se à Luísa Mahin, personagem histórica de grande importância na Revolta dos Malês, ocorrida em 1835, em Salvador.

Como aspectos metodológicos, a pesquisa é exploratória (GIL, 2017a), de forma a trazer familiaridade para o leitor; e explicativa (GIL, 2017b), a fim de identificar os fatores que determinam a postura investigada. Partimos do particular para o geral observando a realidade (BOURDIEU, 1994), utilizando a estratégia de triangulação (CANO, 2012) como processo de comparação entre os dados oriundos do questionário e das narrativas, com a epistemologia selecionada para aprofundar a análise.

No percurso epistemológico, optou-se pelos conceitos principais de Pacto Narcísico (BENTO, 2002); Moratória Social e Vital (MARGULIS; URRESTI, 1996); Branquidade (PIZA, 2005); e Fragilidade Branca (DIANGELO, 2020) para a análise da investigação.

Com o intuito de organizar didaticamente o texto, é apresentada no *capítulo 1* a consolidação das escolhas quanto à categoria de juventude e geração que delimitou os sujeitos de pesquisa. Para isso, utilizo a teoria de juventudes de Dyrell (2003) para designar que há diferentes possibilidades de juventude a partir das experiências de vida; os conceitos de moratória social e vital de Margulis e Urresti (1996), que explicita o modo singular de se viver a juventude e como as experiências distanciam brancos de negros em suas juventudes, a partir do qual reflito acerca da utilização pela mídia e mercado de consumo de marcadores geracionais para concentrar os jovens em uma definição social.

No *capítulo 2*, delineio a concepção de conforto em ser banco por meio de três frentes de discussão: a) o branqueamento da sociedade brasileira, apresentando o conforto em ser a norma social, a fim de entender os desdobramentos do sistema de branquidade; b) o uso dos termos branquitude e branquidade, utilizando como referência as contribuições de Piza (2005); c) por fim, a argumentação acerca da construção da identidade racial branca, com o propósito de fornecer ao leitor os motivos pelos quais escolho o termo branquidade ao invés de branquitude, que me possibilitou desenhar a identidade racial branca se equiparando ao conceito de *plenitude de ser apenas eu*.

No *capítulo 3*, compartilho a trajetória e as descobertas realizadas durante todo o processo de pesquisa, demonstrando as escolhas metodológicas, trazendo as surpresas do campo, a análise das narrativas dos sujeitos de pesquisa à luz do aporte teórico e refletindo sobre os resultados encontrados, evidenciando minhas percepções sobre a branquidade na juventude.

1 Juventudes e Geração

É hora, é hora
É hora, é hora, é hora
Rá-tim-bum!
Tia, faça seus pedidos antes de apagar a vela.
Juventude, eu quero juventude!
(Tia Mana, em seus 85 anos)

A sociedade geme
Juventude fria, juventude carente
Somos tão jovens, tão caçulas
Tão novos, tão desviados
Cada vez desistindo mais das lutas
Temos a malandragem mais ingênua que já viu
Ele era forte?
Mentiu.
Forte nada.
A malandragem dele era se mutilar escondido na madrugada
Era injetar drogas como se os pais não soubessem de nada
E eles não sabiam?
É claro que sabiam
Mas eram tão jovens, como nós,
que, quando se viam sós, injetavam drogas também.
Mas injetavam na alma.
Tudo só para nós, jovens, não percebemos
Que a depressão deles é serem manipulados
Todos os dias pela TV.
Que padroniza a beleza
e te impõe um modelo de felicidade.
Tudo não passa de caô.
As novelas são as mesmas,
Só trocam de emissora e ator.
Juventude movida a fama.
Juventude que o mais brabo,
É quem menos sente,
Menos demonstra,
Menos ama.
Juventude do século 21,
que tudo deixa pra depois.
Juventude que ainda não sabe que um mais um é dois.
Juventude que troca carícias através de sarradas.
Juventude totalmente manipulada.
Juventude que a moda é mandar foto do mamilo.
Menina, mande foto do seu sorriso.
Menino, manda coração vermelho, sim.
Abracem essa causa.
Juventude, mandem nude de suas despidas almas.
(Poema Juventude - Nathália Amorim)[11]

Ser jovem não se define em uma sentença. O diálogo e o poema epígrafe deste capítulo ilustra como a juventude é diversa e proporciona diferentes disputas, por isso

[11] A aluna Nathália Amorim, do 9º ano da E.M. Coelho Neto (6ª CRE), declama o poema Juventude, de sua autoria. Ela escreveu sobre a angústia que sente ao testemunhar a violência provocada e sofrida por sua geração. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rbowpSnrGwo. Acesso em: 11 out. 2021.

utilizo o termo juventudes. Aplico o conceito de juventudes, no plural, por entender a importância de se respeitar a diversidade existente na juventude – o conceito não pode ser utilizado como rótulo que finca pessoas em categorias rígidas, mas destacar os processos, o conjunto de experiências vivenciadas pelo indivíduo. Levando em consideração que os jovens foco da pesquisa são jovens racialmente brancos inseridos em uma turma racialmente heterogênea, preservar as especificidades de cada um é respeitar seus modos de ser jovem. (DYRELL, 2003, p. 41). É nesse sentido que enfatizo a noção de juventudes, no plural, para considerar a diversidade de modos de ser jovem existentes.

Por similaridades em perspectiva política, social e em como enxergam o mundo, os jovens foco da pesquisa aproximam-se em certo grau aos jovens dos movimentos estudantis ocorridos entre 2015 e 2016, em São Paulo, quando estudantes ocuparam centenas de escolas públicas em São Paulo contra o projeto do governo estadual de fechar escolas e realocar alunos. Esse momento foi intitulado de “primavera secundarista” pela imprensa. Além disso, indico que também, em certa medida, seriam análogos a ícones que ilustram bem a juventude ativista e preocupada com temas sociais e a melhoria de vida no mundo, como Malala Yousafzai, a ativista paquistanesa dos direitos das mulheres e da luta pelos direitos à educação, que foi condecorada com o Nobel da Paz, em 2014; Martha Payne, a menina escocesa que, em 2012, começou a tirar fotografias das refeições escolares e a publicá-las num blog para denunciar a falta de qualidade das mesmas nas cantinas, e incentivando crianças de todo o mundo a fazer o mesmo; a brasileira Isadora Faber, que criou, em 2012, a página de Facebook “Diário de Classe — A Verdade” para retratar as falhas e as deficiências da sua escola e chamar a atenção para o estado das escolas públicas no Brasil e, em função disso, tem dado palestras por todo o país, chamando a atenção para o problema. Em 2020, a jovem ativista climática de Uganda Vanessa Nakate teve sua figura repercutida quando foi cortada pela agência de notícias *Associated Press* da foto que reunia outras ativistas durante atividade no Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça. Ela era a única negra entre outras jovens alemãs, suecas e suíças – fazia parte do grupo e da foto, a jovem estrela do ativismo internacional, a sueca Greta Thunberg. A partir desse fato, podemos sugerir que mesmo nas ações progressistas, o racismo atua de forma a segregar, inclusive a juventude progressista.

Além dessa segregação, o mundo ocidental atribuiu rótulos às juventudes, sejam eles positivos ou negativos socialmente, tais como irresponsabilidade, virilidade, violência, com o intuito de controle; o poder e a sabedoria estavam reservados aos

velhos. (BOURDIEU, 1983, p. 1). Esses rótulos funcionam como balizadores de conceitos e determinações que influenciam o modo de pensar da sociedade, como um recurso utilizado pelo setor de consumo por meio da publicidade e do *marketing*, de forma a constituir uma necessidade comum a diversas pessoas de forma natural e inquestionável. Na sociedade de massa, os indivíduos estariam marcados por ondas de interesses vagos essencialmente orientados para o consumo. Dessa maneira, a cultura juvenil seria um apêndice da cultura de massa.

> culturas juvenis aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar, o certo é que esses elementos tanto podem ser próprios ou inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de «juventude», como podem, também, ser derivados ou assimilados1: quer de gerações precedentes (de acordo com a corrente geracional da sociologia da juventude), quer, por exemplo, das trajectórias de classe em que os jovens se inscrevem (de acordo com a corrente classista). Aos diferentes sentidos que o termo «juventude» tem tomado e às manifestações de sentido contrário que entre os jovens é possível encontrar — nos seus comportamentos quotidianos, nos seus modos de pensar e de agir, nas suas perspectivas em relação ao futuro, nas suas representações e identidades sociais. (PAIS, 1990, p. 140-141).

Em contrapartida, a vida livre na infância e a sensação de imortalidade são invejadas por esses mais velhos, aqueles que ultrapassaram a fronteira da linha etária determinada socialmente. A impressão de que a finitude da vida é algo distante de ocorrer pode ser observada por meio da impetuosidade e o imediatismo de alguns jovens. Sabe-se que esse sentimento de longevidade não perpassa todos os jovens – há diferenças entre jovens negros e brancos, levando em consideração sua classe e gênero. No decorrer deste capítulo, essa perspectiva será retomada. Na aplicação do questionário da pesquisa de mestrado, um jovem respondeu que sua concepção de juventude, em 2017, era “ganhar dinheiro e gastar comprando minhas coisas”. Podemos inferir, a partir desse depoimento, que o agora é o que importa, não há preocupação com o futuro e como será sua qualidade de vida nele. O “comprar minhas coisas” aponta para uma situação de preocupação individual, na qual esse jovem não se sente impelido a se responsabilizar por um grupo familiar ou contribuir para manutenção do coletivo – ele vive para si, sem ter a necessidade de pensar nas necessidades básicas para isso.

Tratando-se da epistemologia de investigação da juventude, destaco as categorias fase, idade ou geração, tendo como base Bourdieu (1983, p. 2), para quem a juventude e a velhice são construídas socialmente na luta entre os jovens e os velhos. A idade é um dado biológico, socialmente manipulado e manipulável, de acordo com

interesses do contexto social da época. Podemos acionar como exemplo o Código Penal de 1890, estudado por Nina Rodrigues, no qual foi criada a figura dos “meninos-homens”, presos dos seus 9 aos 21 anos, projetados para ser não mais do que mão-de-obra industrial subvalorizada, na melhor das hipóteses. Em 1894, na primeira edição do livro “As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil”, Nina Rodrigues consolida o resultado de lições ministradas na Faculdade de Medicina da Bahia, ao associar as diversas manifestações de criminalidade ao estágio de desenvolvimento intelectual e moral dos grupos sociais, defendendo diferentes critérios de responsabilidade penal para cada segmento étnico da população brasileira. Ela registra em seu livro:

> [...] conclue Garofalo: "Eis ahi, pois, como a pobre arma do alphabeto de que se esperava maravilhas é feita em estilhaços pela estatística: a idéa de que “para cada escola que se abre, fecha-se uma prisão” é apenas um absurdo. Seria mesmo supérfluo estar a insistir nisso, porque ainda quando não tivéssemos algarismos em apoio, o simples bom senso nos havia de dizer que não há a menor relação entre a grammatica e a moralidade. Pode-se acaso imaginar, por exemplo, que uma paixão qualquer, ou mesmo um prejuízo de honra, possa ser destruído pelo alphabeto?" (RODRIGUES, 1984, p. 185).

Ainda como exemplo de manipulação da idade, posso citar também o ano de 1927, quando o Brasil se entregou ao menorismo, que postula uma legislação específica voltada para crianças e adolescentes que vivenciavam diferentes formas de perigo ou que representava em si um perigo para a sociedade da época, e à doutrina da situação irregular, que marcaram o Código de menores Melo Mattos. Esse código prescrevia estabelecer modos de controle, fundamentados no princípio da vigilância e punição, constituindo-se como um manual produzido por adultos voltados para a regulação do cotidiano de meninos e meninas que viviam em situação de pobreza, abandono ou em conflito com as leis vigentes. Legitimará as relações de poder e saber das pessoas e instituições voltadas para o atendimento de crianças e adolescentes, classificados como “menores”. (MIRANDA, 2019, p. 1).

Destaca-se, na República, a tentativa de ordenação social a partir do controle dos corpos negros na pós-abolição, como exemplo a Lei das capoeiras e vadios (1890) e o Código Penal do mesmo ano, copiando o código italiano, que reduziu o limite da maioridade penal à idade inferior a nove anos, mas elevou, a certos respeitos pelo menos, o limite máximo a 21 anos. (RODRIGUES,1894, p. 190).

A ditadura civil-militar, em 1979, editou seu próprio Código de Menores, o qual, a pretexto de proteger e resguardar a infância das mazelas do braço penal do Estado, costurou toda uma roupagem caritativo-assistencial, com enfeites ditos científicos para,

na prática, prosseguir no sequestro, exclusão e neutralização dos jovens pobres e negros, constantemente estigmatizados e tornados “filhos do governo”, expelidos das unidades correcionais para o subemprego ou a indigência. O código de 1979 buscou legitimar o menorismo a partir de uma doutrina que conservava cânones da legislação de 1927.

> Uma “mudança conservadora”, como defendo no meu trabalho doutoral. A sua reformulação apresentada como o “novo”, trazia demandas da época, mas continuava a ver a criança como objeto dos interesses das normas produzidas pelos adultos. O código em si era adultocêntrico, uma vez que, além de ser produzido por adultos, trazia consigo a defesa de seus interesses. (MIRANDA, 2019, p. 1).

Já pela categoria fase entende-se uma transição, na qual um indivíduo, para realizar as funções físicas da existência do adulto em coletividade, adquire as habilidades necessárias para desempenhá-las numa forma social determinada. No entanto, esse conceito tem sido cada vez mais questionado por transformações sociais recentes que apontam para uma desconexão entre as idades e os papéis tradicionalmente desempenhados nas diferentes etapas da vida. Por isso, para Bourdieu (1983, p. 2), as divisões entre as idades seriam arbitrárias: “Somos sempre o jovem ou o velho de alguém”. Sendo assim, os cortes em classes de idade ou em gerações teriam uma variação interna e seriam objeto de manipulação, como vimos anteriormente no exemplo do Código Penal de 1890, do Código de Menores de 1927 e o de 1979.

Contudo, para outros autores estudiosos da juventude e de suas práticas, seria mais que uma palavra. Em texto cujo título já apresenta um contraponto a Bourdieu – “A juventude é mais que uma palavra”, Mario Margulis e Marcelo Urresti (1996, p. 25) propõem o afastamento de considerações sobre a juventude como mera categorização por idade, com características uniformes: “A condição histórico-cultural de juventude não se oferece de igual forma para todos os integrantes da categoria estatística jovem”. Para eles, a discussão feita por Bourdieu leva à percepção da juventude como “mero signo”, como “uma construção cultural desgarrada de outras condições”. (MARGULIS; URRESTI, 1996, p. 25). Assim, a noção como definida por Bourdieu é desvinculada das condições históricas e materiais. Margulis e Urresti reforçam a necessidade de observar o modo como a condição de juventude manifesta-se de forma desigual conforme outros fatores, como classe social e/ou gênero. Para exemplificar, destaco a fala da

entrevistada Simone[12]: *"Alguns para mim já não eram tão jovens, por conta de suas experiências de vida. Eu mesma já não me sentia tão jovem assim, por conta das obrigações que carregava"*. Nesse recorte, pode-se associar como a moratória social, que será discutida à frente, apresenta-se na trajetória de alguns jovens negros, cujo tempo e permanência na fase da juventude parecem ser diminuídos em função do contexto em que vivem, com efeitos emocionais que os fazem ultrapassar antes de outros jovens a fronteira para a vida adulta.

Juventude, portanto, não se constitui um conceito homogêneo. É necessário ressaltar que assim como não se deve considerar apenas os critérios biológicos de idade para definir juventude, não se pode também levar em conta apenas os critérios sociais. Para elaborar reflexões acerca das juventudes em relação às outras gerações, e mesmo às especificidades internas aos diversos modos de vivenciá-las, os dois autores nos concedem as noções de moratória vital.

> [...] por sobre esta moratória, haverá de aparecer diferenças sociais e culturais no modo de ser jovem, dependendo de cada classe e também das lutas pelo monopólio de sua definição legítima, que implica a estética que se supõe esta haverá de se revestir, os signos exteriores com que se fará representar (MARGULIS; URRESTI, 1996, p. 20).

E moratória social:

> Essa energia vital própria da moratória muda de expressão: o capital energético se converte em outra coisa, se mobiliza com outra lógica, aparecendo como crédito social, uma massa de tempo futuro, não investido, disponível de maneira diferencial segundo a classe social. Aqui é onde aparece a importância das transições que articulam a moratória social pelas quais se define a juventude que é o ponto de entrada pelo qual normalmente se opta na bibliografia especializada. Aí se pode notar claramente como se dá a passagem do crédito energético ao crédito social, e ao tomar a definição de seu objeto exclusivamente deste último, isto é, já objetivado socialmente, se aceita implicitamente o prejuízo social que este traz incorporado, caindo na ideologia que rege a produção dominante de "juventude". (MARGULIS; URRESTI, 1996, p. 23).

A ideia de moratória é entendida como um período de suspensão de obrigações e responsabilidades, na qual é permitido aos jovens fazer suas escolhas e experimentar o mundo. Como se fosse um período de testes, permissividade e certos privilégios que caracterizam esse período. Dessa forma, a moratória social da qual desfrutam alguns jovens privilegiados por pertencerem a setores sociais mais favorecidos tem seu

[12] De modo a preservar o anonimato dos participantes, todos os nomes são fictícios.

ingresso na vida adulta, com as exigências requeridas para a entrada na maturidade social cada vez mais postergado pelo aumento do tempo de estudo. Por outro lado, os jovens das camadas populares, devido, entre outras coisas, ao ingresso prematuro no mercado de trabalho e à aquisição de obrigações familiares (casamento, filhos etc.), teriam sua moratória social diminuída e, por consequência, uma vivência juvenil diversa da dos mais abastados. Entre os jovens abastados e os das classes populares há as interseções de cor, gênero, território – atravessamentos que irão intensificar o distanciamento entre as vivências da moratória social. A moratória vital complementa a social, a qual seria um período da vida em que se possui um excedente temporal, um crédito, que os mais velhos já não teriam. “Daí a sensação de invulnerabilidade que caracteriza [alguns] jovens, sua sensação de segurança: a morte está longe, é inverossímil, pertence ao mundo dos outros, às gerações que os precederam” (MARGULIS; URRESTI, 1996, p. 25). Sobre essa moratória, também aparecerão as diferenças sociais e culturais, de classe, raça e de gênero no modo de ser jovem. A essa moratória estaria associada uma desigualdade entre os jovens negros e brancos em função das consequências do racismo sobre suas vidas. Se a moratória vital define uma noção fática marcada pela energia do corpo e pela distância da morte, não podemos ignorar o assassinato de um jovem negro a cada 23 minutos, de acordo com Mapa da Violência Adolescente de 16 e 17 anos, no Brasil:

> quando se foca nos adolescentes de 16 e 17 anos, objeto da atual controvérsia, a taxa de homicídios de brancos foi de 24,2 por 100 mil. Já a taxa de adolescentes negros foi de 66,3 em 100 mil. A vitimização, neste caso, foi de 173,6%. Proporcionalmente, morreram quase três vezes mais negros que brancos. (WAISELFISZ, 2015, p. 28).

A partir da estatística apresentada, pode-se apreender que a moratória vital dos jovens negros não se resume à sua condição de negação da finitude da vida. Diferentemente disso, seu tempo vital é atravessado por fatores que partem de marcadores como a cor e, por exemplo, o território onde vivem. Então, não seria possível atribuir o capital energético e o distanciamento da morte apenas ao viés etário, pelo contrário; possuir esse capital vital pode ser lido como uma ameaça social e, por isso, a eliminação em forma de genocídio.

Na busca pela definição de juventude, não se pode distanciar-se da especificidade de gênero: “A juventude depende também do gênero, do corpo processado pela sociedade e pela cultura; a condição de juventude se oferece de

maneira diferente para o homem e a mulher". (MARGULIS & URRESTI, 1996, p. 9). As juventudes, portanto, apresentam elementos comuns e de diferenciação.

1.1 Reflexões sobre gerações

A categoria de geração apropriada para a discussão construída neste texto refere-se ao que Karl Mannheim (1993, p. 194) postula como experiências compartilhadas dos mesmos problemas históricos concretos. Ao mesmo tempo, assevera que as gerações podem ser consideradas o resultado de descontinuidades históricas e, portanto, de mudanças. Em outras palavras, o que forma uma geração não é uma data de nascimento comum – a "demarcação geracional" é algo "apenas potencial" (MANNHEIM, 1993, p. 194) – mas é a parte do processo histórico que jovens da mesma idade-classe de fato compartilham. Essa continuidade histórica é quebrada por eventos que demarcam o "antes" e o "depois" na vida coletiva, quando essas experiências históricas são "primeiras impressões" ou "experiências juvenis". Por isso, o uso da marca geracional requer cautela, pois pode impedir-nos de ver estigmas de representação e desigualdades intragrupos etários, sendo recomendável que se observe a idade, gênero, raça/etnia, classe social e localização geográfica, sem dispensar o repertório pessoal do contexto familiar, percebendo as diferenças geracionais num mesmo espaço-tempo. É a partir dessa premissa que os jovens sujeitos de pesquisa não foram reunidos apenas por idade ou marcador geracional – o ponto de encontro para que eles sejam objeto de estudo é o fato de terem participado do mesmo processo de produção audiovisual e serem jovens brancos.

Dessa forma, os sujeitos de pesquisa estão além da categorização entre a Geração Z, termo tecnológico utilizado para denominar o grupo de crianças, adolescentes e jovens nascidos entre 1994 e 2012, considerados os nativos digitais no momento de consolidação da internet e das redes sociais; e a geração anterior a essa, intitulada *Millennials*. Segundo a agência de publicidade Sparks & Honey, cuja missão é estruturar dados de milhões de fontes para visualizar mudanças culturais em tempo real por meio da tecnologia, a Geração Z é mais madura: 60% dos jovens acreditam que deixará uma marca no mundo, em oposição a 39% dos *Millennials*. Indico a experiência

compartilhada na capacitação de Jovem Aprendiz[13] como um atributo que aproxima os jovens como um grupo no qual um tempo social está demarcado pelo trabalho em comum. Essa perspectiva permite que as experiências individuais sejam compartilhadas por outros indivíduos da mesma geração, que vivem circunstâncias semelhantes e enfrentam os mesmos desafios. A geração pode servir como categoria de análise para refletir acerca dos processos e não na categorização dos grupos humanos, assim como pode ser útil para pensar no compartilhamento das experiências simbólicas e materiais, considerando as relações de poder. Assim, geração, classe e outras interseccionalidades devem ser observadas nos estudos sobre juventudes.

Levando em consideração a globalização e a invisibilidade de fronteiras estabelecidas por esse modelo, à medida que surgiram certas expressões da cultura de massa, etiquetas geracionais foram utilizadas para denominar os grupos geracionais X, Y ou Z, principalmente pela mídia e o mercado de consumo. As vivências estariam ancoradas no campo do lazer, do trabalho, dos estudos, do consumo cultural, do entretenimento, da estética, dos estilos de vida e, mais fortemente, pelo envolvimento com o mundo digital e seu alcance global, dando a entender que as identidades, a cultura, o consumo, o trabalho e as formas de se estar juntos mediados pela TICs os rotulassem como aqueles que foram educados e socializados no mundo digital e que possuem maior destreza no uso das ferramentas da comunicação e da informação em rede.

Contudo, não posso deixar de observar aqueles que estão diante de diferentes condições e possibilidades reais nas formas de acesso às tecnologias e suas múltiplas possibilidades e limitações de uso, causando, assim, diversas disparidades de caráter global. Logo, o processo de globalização não atinge todas as populações e espaços geográficos de forma homogênea, e são inúmeras as profundas desigualdades no acesso ao consumo material e simbólico, por exemplo, incluindo especialmente o acesso às diferentes tecnologias e possibilidades do mundo digital, tido como globalizado. Essa conjuntura posiciona jovens brancos e negros, atravessados por seus gêneros, em lugares sociais distantes entre si.

Partindo do contexto tecnológico manipulado pela mídia e o mercado de consumo, denominou-se Geração Z os nascidos entre 1995 e 2010. Os jovens respondentes do questionário aplicado para levantamento de perfil nasceram entre 1995 e 1999. Sei que nem todos os jovens, inclusive brancos, têm ou tiveram acesso à

[13] Esse processo será apresentado e discutido no capítulo 3.

internet. Esse dado pode ser depreendido da pesquisa TIC Domicílios 2019[14], a qual demonstrou que 20% dos entrevistados brancos não tinham acesso à internet. No entanto, tratando-se da estrutura de sistema como a branquitude[15], que pauta privilégios materiais, os rótulos são postos a partir do padrão de sujeito estabelecido, sobretudo, pela mídia, publicidade e audiovisual: jovens brancos são “antenados/conectados”. Os jovens costumeiramente racializados são os negros, excluídos dessa moratória social em virtude da dificuldade de acesso a equipamento tecnológico e à internet. Isso foi intensamente evidenciado no período de ensino remoto, sobretudo na rede pública de ensino.

De acordo com Margulis e Urresti (1996), a moratória social torna-se um período da vida em que se permite postergar diversas exigências sociais, tais como trabalho, matrimônio, ter filhos e formar o próprio lar, em que há uma tolerância especial para com o comportamento juvenil, muitas vezes caracterizado como imaturo, ingênuo, resumido a “coisas da idade”.[16], Essa concessão não é observada como disponível à juventude negra. Apropriando-me de Bourdieu (1986, p. 189), entendo por trajetória a sucessão de séries, de forma individual ou de um grupo, relacionada ao espaço social, estando sujeita a incessantes transformações. Na maioria das trajetórias individuais de jovens negros, há a responsabilidade do cuidado com a casa e com os irmãos menores, além da inserção prematura na atividade laboral no mercado de trabalho informal, como nos aponta o IBGE (2020): a taxa de desocupação entre as pessoas de 14 a 17 anos é de 44%, e de 27,1% entre as pessoas de 18 a 24 anos. Esses dados nos sugerem implicações sobre a moratória social da juventude negra, que quando não está subempregada, está desempregada.

Ainda ressalto o conceito de moratória vital – advindo de um “capital vital”, de uma disponibilidade de energia, de vitalidade e mesmo de tempo de vida maiores dos jovens em relação aos adultos e velhos (GROPO, 2015, p. 18), que coloco em xeque ao aplicar à juventude negra brasileira, quando temos um jovem negro assassinado a cada 23 minutos. De acordo com o Atlas da Violência (2019, p.31), 75,5% das vítimas de homicídio eram pretas ou pardas, em 2017. Entre os adolescentes e jovens de 15 a 19 anos do sexo masculino, os homicídios foram responsáveis por 59,1% dos óbitos.

---

[14] Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2019. Inclui os usuários de Internet, os usuários de Internet no telefone celular e os usuários de aplicações que necessitam de conexão à Internet. Disponível em: https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2019/individuos/C2A/. Acesso em: 12 out. 2021.

[15] Tanto o termo e conceito de Branquitude serão discutidos mais adiante em capítulo específico no texto.

[16] FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – 1º Tri 2020.

Saliento que o Atlas da Violência de 2021 não fez recorte de raça/cor entre os jovens na estatística de homicídios. Observo também que foi em 2020 que o Superior Tribunal Federal (STF) determinou por liminar o impedimento de operações policiais nas comunidades do Rio de Janeiro[17], com exceção de operações extraordinárias nas quais fossem adotados cuidados excepcionais devido à pandemia, em virtude da morte do adolescente João Pedro Mattos Pinto, durante operação em São Gonçalo. Escreveu o ministro Edson Fachin[18], do Supremo Tribunal Federal:

> Nada justifica que uma criança de 14 anos de idade seja alvejada mais de 70 vezes. O fato é indicativo, por si só, que, mantido o atual quadro normativo, nada será feito para diminuir a letalidade policial, um estado de coisas que em nada respeita a Constituição.

Curioso é o fato de não haver indicativo de raça associada à letalidade por homicídio justamente no ano em que ocorre uma decisão de diminuição de operações policiais nas favelas do Rio de Janeiro. Essa lacuna provoca a ausência e o silenciamento do acompanhamento dos dados acerca da violência sobre a juventude, e pode sugerir manobra no uso restrito das categorias faixa etária e gênero, sem fazer o atravessamento pela categoria raça.

A moratória vital não é um privilégio dos jovens negros, uma vez que a eles não é permitida a vitalidade da sua juventude, e sua perspectiva de vida não se compara à dos mais velhos.

---

[17] Disponível em: https://www.conjur.com.br/2020-ago-05/mantida-proibicao-operacoes-policiais-favelas-rj-durante-epidemia.

[18] Disponível em: https://veja.abril.com.br/blog/jose-casado/policia-do-rio-mata-e-culpa-o-supremo/. Luiz Edson Fachin, ministro do Supremo Tribunal Federal, em 05 de junho de 2020, citando a morte de uma criança no município fluminense de São Gonçalo, quando impôs restrições às operações policiais em comunidade do Rio de Janeiro durante a pandemia.

2 Entendendo a operacionalização do conforto em ser a norma universal de ideal de indivíduo

Os termos branquitude e branquidade, utilizados para nomear o sistema que estabelece privilégio a pessoas brancas e subalternidade a outros, ainda são confusos e às vezes contraditórios no meio acadêmico, quiçá no dia a dia da população. Com o avanço da pauta por equidade racial no Brasil, diversos termos que estavam reservados à literatura técnica acadêmica estão cada vez mais presentes nas conversas de alguns cidadãos brasileiros que estão em busca de letramento racial, assim como na mídia. Por isso, a importância de se escolher o termo que traduza da melhor forma o conceito proposto neste trabalho: a plenitude de ser apenas eu, expressão descritiva da identidade racial do sujeito branco, e a construção da identidade racial branca. Mas antes precisamos compreender como se deu a formação racial da sociedade brasileira, pois não posso me esquivar de trazer o recorte sobre o branqueamento da população.

2.1 Branqueamento

Embora a subjetividade negra não seja objeto desta reflexão, uma vez que nos concentraremos na identidade racial branca, entendo que, por se tratar da sociedade brasileira e da forma como se deu sua construção, é necessário discorrer sobre o projeto político de nação implementado no final do século XIX: o branqueamento do povo brasileiro. As estruturas sociais nas quais estamos inseridos são reflexo desse projeto. Assim, brancos e negros são atravessados pela estrutura da branquidade e do branqueamento, experimentando o prejuízo e favorecimento do racismo.

Em documentos oficiais do governo, a exemplo do texto de apresentação do censo de 1920, Oliveira Vianna (1922) assevera que o clareamento fenotípico da população seria a solução para o Brasil, e isso se daria entre cinquenta e duzentos anos. Segundo Carlos Vainer (1990, p. 113-114), “o Estado se posicionou por uma estratégia racista que projetava o branqueamento da população. Para tal estratégia, deveriam concorrer a imigração europeia e a miscigenação”. Para esse segundo recurso, o homem negro não estaria contemplado, uma vez que era necessário o útero da mulher

negra e o pênis do homem branco para o “aperfeiçoamento da raça” (DOMINGUES, 2014, p. 145), como bem foi retratado no quadro a Redenção de Cam, do pintor espanhol Modesto Brocos y Gomez, de 1895. Além do branqueamento da pele, também deveria ocorrer o branqueamento ideológico e cultural como mecanismo de inserção psicossocial dos negros em um mundo dominado pelos brancos.

Nesse expediente, além do extermínio do homem negro, incluía-se a morte simbólica da raça negra. Branqueando-se, o negro deveria assimilar os valores e passar a se comportar, pensar, sentir, agir conforme a ideologia racial do branco. Dessa forma, a miscigenação foi o mecanismo primário para o melhoramento da raça brasileira. O dramaturgo Artur Azevedo, em sua peça O escravocrata (1883), já ensaiava o tema da purificação racial como produto da união entre a escrava mulata e o imigrante galego (QUINTELA, 2009) – por conseguinte, o negro renunciaria a sua subjetividade. Abdias Nascimento fez um comentário truculento e necessário, condenando a tela por refletir o “desejo patológico, estético e social de que o povo brasileiro embranquecesse, imposto pela ideologia racista das elites”. (NASCIMENTO, 1989, p. 140).

Fazer parte da democracia racial era o mesmo que ser elegante, educado, possuir fino trato, ser de bom tom e tomar para si a subjetividade e humanidade brancas. A elite brasileira no pós-abolição, principalmente, esforçou-se para criar uma atmosfera de harmonia entre as raças, o que chamou de democracia racial. Essa estratégia deveu-se ao receio de revoltas, como a que ocorreu no Haiti, e a busca incessante de tornar o Brasil uma nação equiparada às grandes nações europeias. Com isso, passamos por milhares de anos acreditando que aqui não havia racismo, que negros, brancos e indígenas viviam em perfeita harmonia, sem levar em consideração o fosso separatista de oportunidade e bem-estar social.

Desde o século XIX, viajantes, cientistas, jornalistas e políticos europeus e estadunidenses registraram uma certa surpresa com a convivência pacífica entre as raças e etnias (brancos, negros e índios) no Brasil. A imagem de um "paraíso racial", constantemente comparada à situação de segregação e violência estadunidense, contrastava vivamente com os receios das elites brasileiras que, especialmente após a tardia abolição da escravidão e a fundação da República, concebiam a maciça presença dos negros e a intensa miscigenação, características visíveis na sociedade brasileira, como obstáculos à inserção do país na modernidade. Todavia, nas primeiras décadas do século XX, particularmente entre os anos 1920 e 1940, devido às transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas no Brasil e à centralidade do debate intelectual acerca de uma versão definitiva da identidade nacional – uma busca pelo ethos

identitário, houve a substituição da visão pessimista da contribuição das raças formadoras da sociedade brasileira por um enfoque positivo, no qual a convivência racial transformou-se em indicador de tolerância e harmonia. A obtusa crença numa democracia racial à brasileira, que teve no sociólogo Gilberto Freyre a mais refinada interpretação, tornou-se, assim, um dos principais alicerces ideológicos da integração racial e do desenvolvimento do país, e foi suficientemente substantiva para atrair a atenção internacional. Contudo, após o projeto Unesco[19], Florestan Fernandes (1960, p. 14) faz essa declaração:

> Não existe democracia racial efetiva no Brasil, onde o intercâmbio entre indivíduos pertencentes a "raças" distintas começa e termina no plano da tolerância convencionalizada. Esta pode satisfazer às exigências de "bom tom", de um discutível "espírito cristão" e da necessidade prática de "manter cada um em seu lugar". Contudo, ela não aproxima realmente os homens senão na base da mera coexistência no mesmo espaço social e, onde isso chega a acontecer, da convivência restritiva, regulada por um código que consagra a desigualdade, disfarçando-a acima dos princípios da ordem social democrática.

Portanto, as representações construídas acerca do negro eram pejorativas e, consequentemente, reforçando o desprezo às raízes da negritude. Por conseguinte, nos anos entre 1960 e 1970, a expressão democracia racial adquiriu conotação negativa, quando muitos acadêmicos brasileiros e estrangeiros, ao lado de um movimento negro brasileiro revigorado, denunciaram veementemente a democracia racial como um "mito" – uma ideologia insidiosa que servia para velar o racismo na sociedade brasileira e que, de maneira ainda mais eficaz do que o racismo franco dos Estados Unidos ou da África do Sul, impedia a mobilização. A denúncia da democracia racial como "mito" tornou-se uma característica central do ativismo negro brasileiro. (NASCIMENTO, 1978, 1982).

A ideologia do branqueamento estético foi um fetiche eficaz nessa alienação do negro, pois oficializou a brancura como padrão de beleza e a negritude como padrão de fealdade. (DOMINGUES, 2014, p. 292). Inclusive, no seio da comunidade negra, no século XX, alguns assimilaram[20] essa ideologia e entenderam como o único caminho para sobreviver no Brasil pós-abolição. Como exemplo, em 1928, um jornal da imprensa

[19] Nos anos de 1951 e 1952, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) patrocinou uma série de pesquisas sobre as relações raciais no Brasil. As investigações foram desenvolvidas em regiões economicamente tradicionais, como o Nordeste, e em áreas modernas localizadas no Sudeste, tendo em vista apresentar ao mundo os detalhes de uma experiência no campo das interações raciais julgada, na época, singular e bem-sucedida, tanto interna quanto externamente. O programa de estudos denominou-se Projeto Unesco. (MAIO, 1999, p. 141).

[20] Nessa reflexão, assimilação pode ser definida, em síntese, pelo "tipo de mudança étnica pela qual as pessoas se tornam parecidas". Assimilação é um processo que "pressupõe que a minoria irá se adequar aos modos" de vida da maioria étnica ou racial. (CASHMORE, 2000, p. 84-85).

negra noticiava a promoção de um concurso para eleger o “preto mais feio”[21]. No interior da comunidade negra, uma parte adotou o paradigma branco de beleza – comportamento, moral, mentalidade, etiqueta e cultura foram assimilados e reassimilados, total ou parcialmente, por alguns membros daquela comunidade.

> [...] o branqueamento foi “uma pressão cultural exercida pela hegemonia branca, sobretudo após a Abolição da Escravatura, para que o negro negasse a si mesmo, no seu corpo e na sua mente, como uma espécie de condição para se integrar (ser aceito e ter mobilidade social) na nova ordem social”. (BENTO; CARONE, 2002, p. 14).

Inserido no mito da democracia racial, o negro passou a se considerar latino, ocidental, negando sua ancestralidade africana. Somos brasileiros[22]! Por outro lado, na década de 1970, com o avanço e organização do movimento negro, essa ideia é substituída por um retorno à África. O movimento negro produz discursos, reordena enunciados, nomeia aspirações difusas ou as articula, possibilitando aos indivíduos que dele fazem parte reconhecerem-se nesses novos significados. (GOMES, 2017, p. 47). Celebrar nossas raízes africanas passou a ser bandeira de luta e estratégia de afirmação da beleza do negro.

O contexto estabelecido pela democracia racial contribuiu de forma a sugerir no branco o complexo de superioridade, e no negro, o de inferioridade. Os brancos, independentemente de classe social, produziram uma autorrepresentação positiva e conceberam seus valores como naturalmente superiores. A internalização da ideologia do branqueamento pelo negro deve ser entendida como um mecanismo psicossocial a fim de evitar as agruras do racismo. Fanon escreve que “uma criança negra normal, ficará anormal ao menor contato com o mundo branco.” (FANON, 2017, p. 129). Como se o mundo ao redor construído a partir da idealização de atributos positivos associados ao branco envolvesse o indivíduo em sua mais tenra idade e mudasse seu rumo de desenvolvimento social, podendo ser lido como fora da normalidade. Maria Aparecida Bento (2002, p. 29) ressalta que a branquidade pode ser definida como “traços da identidade racial do branco brasileiro a partir das ideias sobre branqueamento”, pois enquanto os indivíduos brancos que reconhecem que a supremacia branca não tem razão de existir permanecem omissos no processo, o privilégio destes e daqueles brancos que acreditam na brancura como condição ideal de ser humano é mantido, o

[21] O clarim da Alvorada São Paulo, 15-11-1925, p. 4.
[22] O Bandeirante, São Paulo, setembro de 1918, p. 2.

que faz com que negros sem qualquer conhecimento sobre seus valores culturais e sociais encontrem no processo de branqueamento a única forma de integração social.

2.2 Branquidade e branquitude – uma perspectiva a seguir

Na revisão bibliográfica, encontrei os termos branquitude, branquidade e branquitudes, ora para estabelecer posições contrárias às práticas sociais racistas, ora para ratificá-las. Não espere aqui encontrar um conceito fechado, pois entendo que se trata de um conceito em construção e necessita de muitas reflexões e contribuições de estudiosos e pesquisadores de diversas áreas. Por isso, busco trazer um pouco da historiografia do termo, de forma a subsidiar a escolha do termo epistemológico neste trabalho.

Para entendimento do desenho da identidade racial branca, parti da revisão bibliográfica e de literatura de forma cronológica, em conjunto com a relevância dos autores para meus estudos sobre identidade racial do branco: W.E.B Du Bois (1920, 1935); Frantz Fanon (1952); Alberto Guerreiro Ramos (1957); Maria Aparecida Bento (2000, 2002); e Lia Vainer Schuman (2012). Os conceitos de salário público e salário psicológico de Du Bois configuram a situação dos brancos à margem da sociedade estadunidense, que tinham os mesmos interesses dos negros pobres, e passaram a aderir à ideia de raça para conquistar benefícios e privilégios. A ideologia do privilégio branco como fundamento para a manutenção das hierarquias raciais e sociais e de maioria populacional branca afrontou o sentimento da parcela da população branca pobre que, mesmo economicamente longe de uma minoria branca bem-sucedida pelos regimes de exploração nos EUA, mantinha-se muito distante dos negros pelo signo do pertencimento racial.

Essa perspectiva auxilia no entendimento do racismo que ocorre no Brasil – o preconceito de marca, como afirmou Oracy Nogueira (1998, p. 124), no qual o *status* de classe social não é capaz de impedir que o sujeito negro sofra ações racistas, uma vez que o racimo à brasileira contém pressupostos fenotípicos. Apoio-me em Fanon (2008) para o entendimento da identidade racial branca, pois considero que seu estudo contribuiu para demonstrar como o branco projeta seu ego diante do corpo negro, atribuindo àquele que é diferente os predicativos de inferioridade e os atributos que não gostaria que fossem identificados em si.

Dos estudos de Guerreiro Ramos (1957, p. 150), utilizo o conceito de “ideologia da brancura”, definido como uma crença de que "a cor da pele do negro parece constituir o obstáculo, a anormalidade a sanar. Na sociedade brasileira o branco é o ideal, a norma, o valor, por excelência". Ainda segundo Guerreiro Ramos (1957, p. 180), "o nosso branco é, do ponto de vista antropológico, um mestiço, sendo, entre nós, pequena minoria o branco não portador de sangue negro". Dessa forma, a minoria branca, desejosa por preservar a sua condição de estirpe, de pureza racial ante a um povo nitidamente mestiço, mascararia seu complexo de inferioridade, revelando, assim, uma combinação de anomalia e atraso.

Dos estudos e contribuição da pesquisadora Maria Aparecida Bento (2002), utilizo a concepção de pacto narcísico, que consiste em um pacto silencioso de apoio e fortalecimento aos iguais. Um pacto que visa preservar e conservar a manutenção de privilégios e de interesses. (BENTO, 2002, p. 105-106). Incluo Lia Schucman (2012), que apresenta, com seu trabalho de pesquisa de campo realizado na cidade de São Paulo, como a ideia de raça e os sentidos construídos acerca da branquitude são apropriados e construídos por sujeitos brancos.

Esses intelectuais promoveram um deslocamento na interpretação dos estudos raciais, trazendo a questão para o debate, no Brasil, pela relação teoria-pesquisa social, problematizando os estudos sobre relações raciais ao inverterem o sentido e colocarem o foco dos estudos na identidade racial branca. A partir desse deslocamento, ocorre a revisão de conceitos fundamentais à interpretação de nossa sociedade como, por exemplo, mestiçagem e democracia racial, levando em consideração aspectos da branquitude, complexificando a identidade racial branca como elemento de análise na produção da pesquisa social, bem como na produção intelectual. Outros intelectuais se ocuparam da temática em si: Edith Piza, César Rossato e Verônica Gesser e Liv Sovik, segundo Priscila Elizabeth da Silva. (2017, p. 25).

Nos Estados Unidos, o estudo deu origem ao que ficou conhecido como *Critical Whiteness Studies*. (CARDOSO, 2008, 2010, 2014; CARONE; BENTO, 2009). Os estudos críticos da branquidade são um campo interdisciplinar. Novos entendimentos teóricos de branquidade e identidades e etnias brancas foram desenvolvidos e debatidos nos Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia e Europa, incluindo o Reino Unido. Segundo Hunter, Grimes e Swan (2010, p. 410), sua interdisciplinaridade percorre diversos campos, como a comunicação, os estudos culturais, a sociologia, a teoria crítica racial, feminismos, a psicologia da educação, a geografia social e estudos pós-coloniais.

As trajetórias teóricas e os debates nos Estudos Críticos da Branquidade são diversos, mas seus pressupostos teóricos básicos são de perspectiva da construção social. A branquidade não é vista como uma coisa em si, mas como um processo contínuo, uma forma de vir a ser, em vez de já ser. Nesse sentido, os primeiros estudos, exemplificado pelo trabalho de Du Bois (1935), abordam vantagens raciais, como salário público e psicológico da brancura. Em outro momento, os Estudos Críticos da Branquidade direcionaram-se para explorar como processos legais, a exemplo de propriedade (HARRIS, 1998) e cidadania (LOPEZ 1996), e práticas culturais, como o desenvolvimento de metáforas literárias dominantes (MORRISON, 1992), servem para construir a branquidade. Assim, as identidades brancas são locais sociais, políticos e éticos envolvidos, reproduzindo relações locais, nacionais e geopolíticas.

A lógica evidente, nesses estudos, foi tirar o olhar das identidades consideradas marginalizadas e voltar para a autoconstrução do centro, como afirmei anteriormente, com o intuito de observar, revelar e denunciar também o conteúdo dessas identidades centralizadas, como a identidade do sujeito branco, que até então haviam sido privadas de uma análise crítica. Dyer (1988, p. 44), em seu artigo *White*, aponta que os estudos que apenas olharam e focaram os grupos minorizados contribuíram com a ideia de norma dos grupos hegemônicos[23], ou seja, olhar apenas para os negros e indígenas, nos estudos de relações raciais, ajudou a contribuir com a ideia de que a identidade racial branca é a norma. Esse contexto, por ser a norma, permite que os sujeitos brancos não se sintam responsáveis e culpados pela configuração de mundo opressor em que vivemos. O avanço social e a superação do racismo perpassam a responsabilização e ação efetiva das pessoas brancas, exclusivamente. Richard Dyer salienta ainda que a reprodução do sentimento de estranheza ao diferente do indivíduo branco reforça o sentimento de que indivíduo negro constitui desvio de norma; em contrapartida, o indivíduo branco segue como norma, como se fosse a maneira natural e inevitável de sermos humanos. Ainda nesse artigo, alega que na organização do mundo contemporâneo, a imagem do sujeito branco permanece numa categoria não analisada, em contraste com os muitos estudos acerca do povo negro e indígena, trazendo a importância de se analisar as imagens de pessoas brancas.

[23] O conceito de hegemonia é entendido neste trabalho tal como propõe Raymond Williams, influenciado pela teoria gramsciana, como um “conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivos e constituidor – que, ao serem experimentados como prática, parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso de realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas da sua vida”. (WILLIAMS, 1979, p. 113).

A primeira proposta de definição do conceito de branquidade da pesquisadora Edith Piza (2005) trata das práticas do sujeito branco com o intuito de manter seus privilégios estruturados pela hierarquia racial da sociedade. Essas práticas justificam e naturalizam a vantagem estrutural, atribuindo ao branco a postura de ser humano, de modo inconsciente.

Em 2004, chega ao Brasil a obra da pesquisadora Vron Ware, *Branquidade: Identidade branca e multiculturalismo,* sugerindo a análise do comportamento do sujeito branco, de forma a contribuir com a construção de políticas antirracistas, ou seja, como uma aliada no combate ao racismo. O referido trabalho apresenta a dimensão e complexidade do tema, que se forja e configura de acordo com o contexto em que está inserido.

Ainda assim, Ruth Frankenberg (2004, p. 312-313), que influenciou o trabalho de Piza, conceitua branquidade, evidenciando alguns aspectos:

> A branquidade é um lugar de vantagem estrutural nas sociedades estruturadas na dominação racial; A branquidade é um 'ponto de vista', um lugar a partir do qual nos vemos e vemos os outros e as ordens nacionais e globais; [...] A branquidade é comumente redenominada ou deslocada dentro das denominações étnicas ou de classe; [...] Como lugar de privilégio, a branquidade não é absoluta, mas atravessada por uma gama de outros eixos de privilégio e subordinação relativos; estes não apagam nem tornam irrelevante o privilégio racial, mas o modulam ou modificam; A branquidade é produto da história e é uma categoria relacional. Como outras localizações raciais, não tem significado intrínseco, mas apenas socialmente construídos. Nessas condições, os significados da branquidade tem camadas complexas e variam localmente e entre os locais; além disso, seus significados podem parecer simultaneamente maleáveis e inflexíveis.

A partir disso, olhando para a identidade racial do jovem branco, percebem-se possíveis demonstrações de si em diversas circunstâncias. Assim, a negociação sobre o protagonismo na produção do documentário foi feita de acordo com a conveniência do nível de conforto, exemplificada nessa fala do jovem Miguel, durante a roda de conversa:

> *"[no início foi uma] baguncinha só que depois a gente já tava no meio do processo entendeu, uns foram desistindo e outros se importando mais para o projeto. Acho que tava no meio do processo não dá [pra] desistir agora, a gente botou o [na] cabeça de cada um, vai ter que acontecer, [...] tu, tá, vai na gravação? também quero, então vamos embora. E aí a gente fez acontecer a parada."* (Miguel, jovem branco, 26 anos).

A fala de Miguel sugere um lugar de conforto para assumir a liderança e conduzir os demais para a execução do projeto – ele demonstra consciência da sua influência sobre a decisão dos outros. Esse poder de influência está relacionado ao lugar de privilégio oportunizado pela sua cor, pois associado à fala sobre a sua competência técnica, ele manifesta não temer a dúvida ou desconfiança do outro sobre sua capacidade de entrega, não hesitando em afirmar saber realizar uma tarefa mesmo sendo inexperiente.

> *"o resultado final ficou bem maneiro para mim, o legal que tipo assim, eu falo meu primeiro vídeo, bato no peito [...] naquela época [eu dizia] eu sei editar. A gente vai fazer."* (Miguel, jovem branco, 26 anos).

Frankenberg evidencia o atributo de flexibilidade da estrutura da branquidade – esse ponto exige análise e atenção, pois parece ser uma armadilha nas reflexões sobre a identidade branca. Nesta investigação, o protagonismo juvenil branco exercido na forma de liderança pode parecer algo natural ou apenas uma caraterística da personalidade do indivíduo, vista pelo mercado de trabalho como uma habilidade de grande valor. No entanto, é possível denotar que esse protagonismo na subjetividade da juventude branca advém da segurança em se viver no conforto de ser escutado, ser visto como padrão, pela supervalorização da sua identidade pela sociedade, ao contrário dos jovens negros. Sendo assim, não opera nas relações apenas como uma característica, mas sim uma habilidade desenvolvida por privilégios simbólicos e por um contexto propício e indulgente.

Em 2005, Piza, no artigo "Adolescência e racismo: uma breve reflexão", propõe nova forma de pensar a terminologia. Assim, para ela, o termo branquitude seria um ponto de vista positivo, quando o indivíduo branco reconhece seus privilégios, negando-os; e o termo branquidade estruturar-se-ia a partir de indivíduos que assumem e sustentam sua condição ideal de ser humano e ratificam e usufruem dos privilégios advindos dessa condição, seja consciente ou inconscientemente. A autora Ruth Frankenberg (2004), em seu texto sobre branquidade já chamava atenção para o esforço contínuo e diário que o branco precisa ter para se tornar vigilante e contrário a atitudes que vão de encontro à manutenção da superioridade. Como exemplo, trago a fala de Miguel, que retrata a falta de percepção sobre seu discurso, marcando-o dentro de uma bolha, isolado da realidade que assinala a muitos da população brasileira a convivência com a criminalidade. Seu relato parece ser de alguém que não está próximo

aos acontecimentos expostos pela mídia, quando ele destaca “ser tão diferente daquilo que a gente vê ao nosso redor”:

> *“Marcante por conta disso mesmo [a história de superação do pai do jovem negro] a gente ouviu histórias e ideias que mudam, mudam definitivamente a nossa perspectiva, a sua opinião, mas você não tem dimensão das coisas e acho que é isso, acho que foi o gatilho do projeto para mim no meu caso, foi esse fascínio, essa curiosidade, como a coisa pode ser tão diferente daquilo que a gente, daquilo que a gente vê a nosso redor, como é que é mais profundo.”* (Rafael, jovem branco, 26 anos).

Essa demonstração de distanciamento da situação de vulnerabilidade social que afeta a população negra é consequência de estar protegido por uma bolha de iguais, com os mesmos privilégios simbólicos e materiais, que ocupam o mesmo território protegido pela segurança do Estado e possuem a passabilidade que os preserva de ser afetados pelo racismo estrutural. Dessa forma, o contato com o exterior causa o estranhamento a ponto de surgir a “curiosidade” pelo outro, daí depreende-se que, inconscientemente, o sujeito branco usufrui do privilégio advindo da sua condição racial.

A própria Piza, em seus textos, observa que a proposta necessita de amadurecimento, por isso alertei no início da seção que não podemos fechar um conceito imutável e estático, pois o local, o discurso, o social e a interação influenciam no seu funcionamento. Ecoo, aqui, a voz do antropólogo Munanga (2008), quando afirma que, no Brasil, o racismo é um crime perfeito, conduzindo-nos a enxergar a branquidade como uma máquina movida por ele. Dessa forma, Piza sugere que:

> *branquitude* seja pensada como uma identidade branca negativa, ou seja, um movimento de **negação** da supremacia branca enquanto expressão de humanidade. Em oposição à branquidade (termo que está ligado também a *negridade*, no que se refere aos negros), *branquitude* é um movimento de reflexão a partir e para fora de nossa própria experiência enquanto brancos. É o questionamento consciente do preconceito e da discriminação que pode levar a uma ação política antirracista. (PIZA, 2005, p. 7, grifo meu).

Ainda na coletânea que inaugura o termo branquidade no Brasil, Peter Rachleff (2004, p. 100) desperta-nos quanto ao seu emprego, dando a entender que a branquidade existe para negar a negritude, da seguinte forma:

> A branquidade de que falam e escrevem [...] não teve conteúdo cultural próprio nem existência independente de uma relação com a “negritude”. Essa branquidade foi criada – e recriada – a partir de uma relação não com a cultura historicamente negra ou africana, ou afro-

> americana, mas com uma “cultura negra” inventada a partir dos recalques, projeções, desejos e fantasias dos não-negros.

Esse alerta faz-me observar que não podemos incorrer na armadilha de equiparar o termo branquitude à negritude, como tradução de coletivo racial marcado por cor, apenas, como temos visto acontecer na mídia brasileira e nas redes sociais.

Cito o caso da apresentadora Ana Maria Braga[24], em seu programa matinal Mais Você, na Rede Globo de Televisão, quando disse: "A gente tem culpa disso [ser branco], né? Da mesma forma, tá acontecendo um reverso aí, né?", em resposta à fala da psicóloga e participante do *reality show* Big Brother Brasil 21, Lumena Aleluia, a qual utiliza o termo e o conceito de branquitude para justificar as ações de uma participante branca em relação a alguns negros que também faziam parte do reality show. Além desse episódio televisivo, outro que colabora para a necessidade de disseminar o termo de forma acessível ao entendimento de qualquer brasileiro aconteceu com a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz, cujo artigo publicado na Folha de S. Paulo[25], em 2 de agosto de 2020, trazia críticas ao filme *"Black is King"*, produzido pela cantora pop Beyoncé, que faz uma leitura do continente africano. A repercussão do texto nas redes sociais foi de alto índice e, em muitos comentários, apresentava-se o termo branquitude de forma deslocada de seu sentido, sendo traduzido somente como marcador de cor de um grupo racial – os brancos.

Para ratificar a impossibilidade de equiparação entre branquitude e negritude, trago o termo negridade, citado por Piza, que foi utilizado pelo fundador e presidente da Frente Negra Brasileira, Arlindo Veiga, em seu “Manifesto à Gente Negra Brasileira”, cujo ideal pessoal era integrar os negros de forma digna e completa na sociedade brasileira. Contudo, Veiga pregava valores monarquistas, procurando obter reconhecimento, legitimação e respeitabilidade. (FERREIRA, 2007, p. 167). O movimento negro das décadas de 1920 e 1930 reivindicou a inclusão do negro na sociedade branca por meio da negação de sua origem, portanto negridade refere-se a "parecer" branco para ser aceito entre brancos. (PIZA, 2005). À negridade opõe-se negritude, que diz respeito ao resgate dos valores individuais e coletivos dos negros através do ponto de vista do próprio negro, na busca pelo combate ao racismo.

Daí, conforme Piza (2005, p. 6), branquitude *“*não diz respeito aos discursos ingênuos que afirmam: ‘somos todos iguais perante Deus, ou perante as leis’; ao

[24] Disponível em: https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/03/01/ana-maria-braga-branquitude-racismo-reverso-lumena-bbb-21.htm.
[25] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/08/filme-de-beyonce-erra-ao-glamorizar-negritude-com-estampa-de-oncinha.shtml.

contrário, reconhece que ‘alguns são mais iguais do que os outros’”, compreendendo os processos de constituição da branquidade e se colocando opostos a eles para estabelecer uma ação consciente, rompendo com o comportamento hegemônico e se apresentando por meio de uma postura política antirracista para, então, agir de forma a expressar a desigualdade e os privilégios de ser branco, em espaços brancos e para brancos, e em ações de apoio à plena igualdade.

Em função do poder de amolda do racismo e da mutação histórica da identidade racial branca atrelada à superioridade branca, elejo, neste trabalho, o uso do termo e conceito de branquidade proposto por Piza (2005). Assim, neste texto, branquidade é vista como uma estrutura que concede e mantém privilégios simbólicos e materiais ao sujeito branco, independentemente do nível de sua consciência acerca do funcionamento desse sistema.

2.3 Construção da identidade racial branca – A plenitude de ser apenas eu

Aciono o Naturalismo, expressão artística datada do século XIX, de valorização dos traços reais, daquilo que se vê, imagem da representação do natural, cujas influências perpassam o cientificismo e outras áreas do conhecimento moderno, evocando uma descrição do homem baseada em suas características biológicas e pela influência do meio, funcionando como prova real das convenções estabelecidas no século XVII. O que isso tem a ver com a identidade racial branca? Trata-se de um excelente contexto para perpetuar o conceito de supremacia. A expressão supremacia branca é utilizada para apontar que o grupo branco é dominante sobre os demais. Schwarcz (1993, p. 83-84) afirmou que Joseph Arthur Gobineau desenvolveu sua teoria de superioridade branca juntando as teorias monogenistas e darwinista social, que impunham que o grupo branco nórdico era de uma raça pura – ariana – o que o fazia concluir que qualquer mistura de raças com não-brancos levaria à degeneração da sua raça. Essa ideia era contrária à miscigenação, pois, para Gobineau, geraria a inferiorização das próximas gerações. Na Alemanha nazista, essa ideologia foi aplicada rigorosamente, de modo que se podia matar os grupos inferiores, que não possuíam nenhum direito. Atualmente, no Brasil, a expressão supremacia branca não é entendida sob a mesma perspectiva, visto que o seu uso é aplicado para designar que o grupo

formador de opinião, controlador das artes, música, mídia, segurança e moral, ou seja, que o grupo detentor do direito de cidadania, é composto pela população branca (OLIVEIRA, 2017, p. 201). Neste estudo, utilizamos a expressão “supremacia branca” segundo este último entendimento, pelo qual os brancos compõem o grupo dominante em todos os âmbitos da sociedade brasileira, enquanto os negros e indígenas são, em regra, subalternizados.

Muitos indivíduos não se identificam com a imagem da supremacia branca, pois associam à figura do nacionalista da extrema direita[26]. Faz-se apropriado aqui destacar a guinada em diversos lugares do mundo para a extrema direita como um evento a ser analisado e identificados suas causas e efeitos. Segundo Santos (2020, p. 57), a última década testemunhou uma forte ascensão de discursos neoliberais que se fortaleceram através das eleições, ao redor do globo, de líderes de Estado com características conservadoras, populistas, nacionalistas. Focalizando o Brasil, podemos perceber essa ocorrência durante o processo eleitoral, que foi muito próximo ao ocorrido nos Estados Unidos, com o uso de *fake news* como estratégia de campanha, formando bolhas de informação nas plataformas da internet, dando suporte a discursos extremistas. Esse cenário reforça o racismo na sociedade brasileira e diminui, com o intuito de aniquilamento, os avanços da luta antirracista, como por exemplo o polêmico debate sobre as cotas raciais nas universidades e a ampliação do acesso do cidadão negro aos direitos básicos, bem como à reparação, a fim de promover a equidade racial nas oportunidades.

No Brasil, por ainda negarem a existência do racismo, as pessoas carregam a ideia simplista de que o racista é uma pessoa ruim, sendo impossível que um cidadão visto como de bom caráter possa ter atitudes racistas. Contudo, o racismo vai além de atos individuais; ele cria consensos ideológicos e culturais de forma a configurar uma hegemonia, daí a ideia de uma supremacia branca, como nos explicita Silvio Almeida (2018, p. 58-59):

> [...] é uma forma de hegemonia, ou seja, uma forma de dominação que é exercida não apenas pelo exercício bruto do poder, pela pura força, mas também pelo estabelecimento de mediações e pela formação de consensos ideológicos. A dominação racial é exercida pelo poder, mas

[26] Segundo Jeferson Rodrigues (2015, p. 21; 31), pessoas de extrema direita seriam portadoras de concepções nacionalistas radicalizadas que muitas vezes se apresentam como justificativas para ações segregadoras e violentas, portanto, a expressão busca identificar os agrupamentos políticos portadores de um orgulho nacional exacerbado e cego. O patriotismo fanático denota opiniões simplistas, ignorantes e estreitas, tanto sobre os demais povos, encarados com desconfiança e desprezo, quanto em relação aos conterrâneos, que têm suas ‘virtudes’ destacadas e exageradas. Trata-se de um nacionalismo exacerbado e de práticas políticas intransigentes.

> também pelo complexo cultural em que as desigualdades, a violência e a discriminação racial são absorvidas como componentes da vida social.

A supremacia branca é um termo descritivo e útil para capturar a centralidade das pessoas definidas e percebidas como brancas. Portanto, trata-se de um sistema de dominação político, ideológico, econômico e social o qual se estabelece pela superioridade racial branca frente às demais raças. Diante disso, o grupo dominante utiliza-se do racismo como arma dessa dominação (MOURA, 1994), pois inferioriza os negros com pretextos adotados para a garantia da supremacia branca (FERNANDES, 1972, p. 66), promovendo a formação do racismo velado, fazendo com que a população negra tenha dificuldade de notar a desigualdade, visto que os atos são tomados como normais ou naturalizados. Desse modo, entendo que a invisibilidade da supremacia branca auxilia seu poder, a partir de aspectos tidos como pacíficos, que subscrevem todos os demais contratos políticos e sociais. (DIANGELO, 2020, p. 53). Assim, compreendo que a supremacia racial branca está vinculada à identidade racial branca. Esta que não é homogênea e estática, pois sofre mutações no decorrer do tempo, variando de acordo com o contexto situacional – por exemplo, o âmbito brasileiro, onde ser branco pode significar ser o poder ou estar nele. (CARDOSO, 2008, p. 204-210). Segundo Giroux (1999, p. 100), o argumento da invisibilidade pode ter sido válido na década de 1980; hoje ele não faz mais sentido, pois a juventude branca tem acesso ao *status quo* como brancos por causa da política racial e exposição da raça pela mídia em tempos anteriores. Os meios de comunicação de massa, cito como exemplo as novelas, reescreveram o legado racial de forma a mitificar a branquidade associada à pureza e inocência.

Logo, a identidade racial nesse sentido, de acordo com Edith Piza (2002), compreende os brancos, enquanto identidade coletiva, como aqueles que não têm a visibilidade da raça: “As consequências dessa visibilidade para negros são bem conhecidas, mas a da neutralidade do branco é dada como ‘natural’, já que ele é o modelo a ser seguido de aparência e de condição humana”. (PIZA, 2002, p. 72). Daí, posso sugerir o encapsulamento da situação do sujeito branco no conceito que descrevo como o conforto e a plenitude de ser e estar em um mundo onde ele é o centro e a referência para sua ordem: a plenitude de ser apenas eu. Concordando com a pesquisadora Marcia Maria Santana (2018, p. 114), os brancos se relacionam entre si, profundamente, mesmo estando num território de maioria negra, levando-se a crer em uma onipresença, falam apenas de si, se colocam em papéis centrais e normatizados,

contribuindo para o entendimento de uma única raça humana que se configura por sua autoimagem.

Outro ponto que contribui para o contexto da supremacia racial branca é a política colonial imperialista perpetrada durante a modernidade, ancorada na racionalidade que instituiu o ocidente[27] como padrão para o restante do mundo. Em decorrência dessa forma de pensar o mundo, atribuiu ao outro (*anthropos*) a ausência de humanidade. Daí, os diferentes, sobretudo os negros – aqueles que têm a cor da noite, foram transformados facilmente em mercadorias, tendo sua humanidade castrada, legitimando toda forma de opressão e exploração. O negro sendo o outro impactou o que Mbembe (2018, p. 27) chama de alterocídio, que consiste em "constituir o outro não como semelhante a si mesmo, mas como objeto intrinsecamente ameaçador, do qual é preciso proteger-se, desfazer-se ou destruir (quando não se pode controlar)". Logo, o homem ocidental define-se de dentro para fora renegando a alteridade a partir de padrões hierárquicos estabelecidos pela cosmologia cristã e implicitamente referendada pelas teorias da modernidade, como os conceitos de valor construído para arte, ciência e moral. A racionalização, princípio da modernidade, contrapõe-se à visão mítica do mundo, descentralizando e separando a natureza, a cultura e o indivíduo, com isso sendo terreno para o estabelecimento da formação da consciência moral universalista, universal das normas. (DANNER, 2016, p. 45). Ao que parece, o sistema da supremacia branca constitui-se a partir de então. Na investigação, foi perceptível nas falas dos jovens brancos, a naturalização de alguns episódios como se eles, jovens brancos, fossem o centro e o parâmetro para o entendimento do contexto.

Assim sendo, dentro da sociedade colonial, ser branco torna-se meta, uma vez que no outro não é reconhecida sua humanidade. Para elucidar melhor o entendimento, utilizo o conceito de "outremização", conforme define Ashcroft (1998, p. 171):

> Este termo foi cunhado por Gayatri Spivak para o processo pelo qual discurso imperial cria seus 'outros'. […] O outro é o excluído ou sujeito dominado criado pelo discurso de poder. A outremização descreve os vários modos pelos quais o discurso colonial produz seus sujeitos. Na explicação de Spivak, outremização é um processo dialético porque o colonizador Outro é estabelecido ao mesmo tempo em que seus colonizados outros são produzidos sujeitos.

[27] Ocidente – metáfora geográfica para uma narrativa destinada a consolidar a pretensão de domínio imperial (cultural e civilizatório) da Europa sobre o resto do mundo. (SODRÉ, 2018, p. 9).

Esse “outro” é o que Spivak (2010), baseada nos estudos de Gramsci (1922), chama de subalterno. O “outro” é, portanto, aquele que é excluído e silenciado, e é fabricado pelo discurso. Esse mecanismo possibilitou a construção de estereótipos que estabeleceram a condição de inferioridade do outro, especificamente o sujeito negro. Nesse processo, o sujeito colonizador fabrica o “outro” ao mesmo tempo que constrói sua própria imagem, excluindo e silenciando o diferente. Do lugar reservado de agente de violência, sexualização, detentor de força física, desprovido de intelectualidade vê o outro (o normal), cujo universo é o modelo de realização: a cor branca, a religião, as roupas, a cultura, o poder, a linguagem europeia. Fanon (2008, p. 26-27) salienta: “direi que o negro não é um homem"; e acrescenta: "o negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano."

Dessa maneira, ocultadas por trás da retórica da modernidade, práticas econômicas espoliavam vidas humanas, e o conhecimento científico justificava o racismo e a inferioridade, considerando-as naturalmente dispensáveis. Esse processo de desumanização e esvaziamento do sujeito são caminhos seguros para a objetificação do ser. Logo, foi possível instituir o sistema de escravização e sequestro de aproximadamente mais de 12 milhões de negros durante três séculos, tornando a Maafa[28] o maior holocausto africano.

Ouso, neste trabalho, traduzir branquidade como o conforto de se viver em plenitude, de ser apenas o eu. “O branco está fechado em sua brancura”. (FANON, 2017, p. 27). É um cenário de visibilidade demasiada mantida nas estruturas sociais que garante a posição de superioridade e hegemonia do ser branco e sua tranquilidade em viver sem perceber o que está à sua volta, pois é o centro e a referência nas relações sociais, mantendo-se em uma redoma onde sua imagem está projetada por todos os lugares, ratificando-se no seu igual. Maria Aparecida Bento (2014, p. 25) chamará de pacto narcísico quando os homens brancos – leia-se normatização ocidental – estabelecem um acordo silencioso entre si, no qual se contratam, premiam-se, aplaudem-se, protegem-se; sua imagem é representada de forma avassaladora, sem sequer ser questionada. Ao contrário da negritude, que é sempre vista, “a branquitude nunca se vê, mas está sempre presente”, escreveu Grada Kilomba (2019). Quebrar esse

[28] Segundo Marimba Ani (1994, p. 221), em seu artigo Yurugu, o termo Maafa refere-se à era Europeia do comércio de escravos e o seu respectivo efeito sobre os povos Africanos e seus descendentes, em que mais de 100 milhões de pessoas perderam suas vidas e foram então assaltadas de forma sistemática e contínua por meio do anti-Africanismo institucionalizado. Em síntese, Maafa define o grande sofrimento dos povos Africanos nas mãos de Europeus e seus descendentes, um holocausto africano.

pacto é trabalho de Sísifo[29], embora esperto e astuto, uma força invencível invalida seu esforço repetitivo consumido e o encaminha para o fracasso. Assim, nós, negros e negras sentimo-nos sempre em ação de recomeço, com a sensação de esgotamento por ter de nos repetir nas mesmas explicações ou tentativas de conscientização do sujeito branco, ou quando a branquidade impele-nos a responsabilidade de eliminar o racismo, tecnologia criada e mantida por ela.

É essa confortável situação que inibe a reflexão acerca da identidade racial branca e reitera que a desigualdades raciais no Brasil sejam problemas exclusivamente do negro, cabendo a nós a função de problematizá-las e resolvê-las. Quando um problema não nos afeta é mais fácil manter o distanciamento, possibilitando o comportamento de comoção relativizada até certo momento. Grada Kilomba discorreu em uma palestra-performance, ocorrida entre 4 e 13 de março de 2016, na Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp):

> Há esta anedota: uma mulher Negra diz que ela é uma mulher Negra, uma mulher branca diz que ela é uma mulher, um homem branco diz que é uma pessoa. [...] Branquitude, como outras identidades no poder, permanece sem nome. É um centro ausente, uma identidade que se coloca no centro de tudo, mas tal centralidade não é reconhecida como relevante, porque é apresentada como sinônimo de humano. Em geral, pessoas brancas não se veem como brancas, mas sim como pessoas. A branquitude é sentida como a condição humana. No entanto, é justamente esta equação que assegura que a branquitude continue sendo uma identidade que marca outras, permanecendo não marcada. E acreditem em mim, não existe uma posição mais privilegiada do que ser apenas a norma e a normalidade. (EM PALESTRA-PERFORMANCE..., 2016).

A identidade branca é um passaporte social para compensações e facilitadores que fecham um cerco de proteção em volta de pessoas brancas. Há um mundo à parte que a pessoa de pele branca, ou vista como tal, dá a entender, até certo ponto, que não sabe, não sente, não vive, não percebe; e quando percebe, não questiona, afinal, não é algo que lhe afete. Não há uma responsabilização direta e individual pela desigualdade racial no país; na verdade, ocorre que a desigualdade permanece pela existência de herdeiros dos benefícios construídos historicamente, por isso algumas situações são possíveis de ocorrer e somente se tornam estranhas quando acionadas pelo outro, o

[29] Personagem da mitologia grega que foi condenado a repetir eternamente a tarefa de empurrar uma pedra até o topo de uma montanha, sendo que, toda vez que está quase alcançando o topo, a pedra rola novamente montanha abaixo até o ponto de partida por meio de uma força irresistível, invalidando completamente o duro esforço despendido.

diferente. Como exemplo, ouvi de um CEO[30] de uma grande empresa global de comunicação que em trinta anos no cargo nunca havia entrevistado um negro. A partir dessas situações, que não são isoladas, percebo que mesmo com atitudes individuais de pessoas brancas, de movimentos sociais e ações de empresas que cooperam com a luta antirracista, ainda assim, há intensa dificuldade em se furar a bolha de preservação da branquidade.

Atualmente, no Brasil, nossa sociedade se apresenta muito parecida com a sociedade estadunidense entre as décadas de 1980 e 1990, à medida que a direita se move para o seu extremo, aproveitando-se dos receios existentes quanto aos sujeitos diferentes dos brancos, e imprime ataque agressivo contra a diversidade, promovendo, com sucesso, programas de retrocessos projetados para reduzir investimentos sociais, desmantelar sistema de bem-estar social e desacelerar a integração racial. (EDSALL, M; EDSALL, D., 1992). Esse movimento desloca a política racial da supremacia branca do legado da escravização e segregação, bem como o transtorno contínuo da injustiça racial suportada pelos negros brasileiros e por outras minorias[31], do foco racial para o de classe, levando alguns a acreditar que se trata de ações para seguridade fiscal econômica. O governo do Presidente Jair Bolsonaro e vozes influentes na sociedade que reverberam a ideologia, crenças e inverdades, inflama um discurso populista sobre a família, a nação, os valores tradicionais e o individualismo como parte de uma resistência mais ampla à democracia e à cultura de respeito à diversidade racial. E cada vez mais a população negra é afastada da humanidade e cidadania. Cida Bento (2014, p. 27) ilustra: “Há desigualdades raciais? Há! Há uma carência negra? Há! Isso tem alguma coisa a ver com o branco? Não! É porque o negro foi escravo, ou seja, é legado de um passado no qual os brancos parecem ter estado ausentes.”

A alegação da psicóloga social Dra. Cida Bento demonstra que o ego da pessoa branca é extremamente indulgente e fartamente alimentado, tanto que há uma dificuldade em reconhecer as vantagens estabelecidas em função apenas de sua cor e reconhecer, ainda, que esses benefícios fazem parte de um legado deixado pelo tempo e modelo econômico escravocrata. O sistema da branquidade possibilita à pessoa branca egóica ver-se no centro das relações, tendo gênero, sexualidade, classe,

[30] CEO é a sigla inglesa de Chief Executive Officer, que significa Diretor Executivo em português. CEO é a pessoa com maior autoridade na hierarquia operacional de uma organização. É o responsável pelas estratégias e pela visão da empresa.

[31] Segundo o sociólogo Luís de Gonzaga Mendes Chaves (1970, p. 149-1968), “[A palavra minoria se refere a] um grupo de pessoas que de algum modo e em algum setor das relações sociais se encontra numa situação de dependência ou desvantagem em relação a outro grupo, ‘maioritário’, ambos integrando uma sociedade mais ampla. As minorias recebem quase sempre um tratamento discriminatório por parte da maioria.”

escolaridade ocupando território específico que interseccionalmente coloca a sua raça em relevância. Não é questão de classe, não é classe, não o é somente, é racial. Segundo Kimberle W. Crenshaw (2002, p. 177):

> [...] a interseccionalidade busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

Durante a pesquisa, pude perceber nas narrativas, tanto dos sujeitos brancos, quanto da jovem negra, indícios do impacto da interseccionalidade de gênero: para uns, ratificação de poder; para outra, mais uma opressão em conjunto com a opressão da cor. Luíza trouxe-nos como se sentia diante da dominação do pai militar, e sugere o peso da cor na constituição da vida amorosa de mulheres negras desde a adolescência:

> *"meu pai não deixava, e era um desespero porque eu chegava na escola e eu ouvia as pessoas comentando, tipo: a gente fez isso, fez aquilo que a gente falou com tal pessoa; até a questão das paixões, os primeiros amores, eu acho que eu vivi isso muito tardiamente e isso já* ***relaciono ao fato de eu ser uma mulher negra*** *também, coisas que a minha educação fortaleceu e assim coisas assim que eu que eu sinto que eu só fui viver agora e que quando era mais nova eu não vivi assim tipo principalmente em relação a confraternizar com amigos."* (Luíza, jovem negra, 25 anos).

Luíza revela-nos uma consciência racial e reconhecimento sobre ser negra e mulher na sociedade. Ela sabe quais são os atravessamentos que afetam seu corpo e sua existência.

Em contraste, há a narrativa do jovem Rafael, que possibilita perceber certa dificuldade de associar a raça à opressão vivida por uma pessoa, estabelecendo, em suas palavras, o atravessamento da classe somente.

> *"morador da zona norte, a gente tá acostumado mesmo com todos os privilégios que eu tive na minha vida. Sempre estudei em particular, em colégio na zona norte no RJ. Minha família, assim como boa parte das famílias brasileiras, ascendeu a classe média ali no governo Lula 1, Lula 2. Então, sempre morei na zona norte. E cara, essa realidade é infeliz, mas realmente é a realidade, eu tenho amigos que viraram bandidos, morreram... eu fui criado em Acari, depois morei em Pilares, então, tipo assim, eu tenho até hoje 50% das minhas amizades são de favela. Apesar de tudo isso eu*

> *tive contato com essa realidade mais bruta do que a minha, que apesar de ter convivido com essa galera eu sempre tive mais oportunidades, meu pai e minha mãe sempre puderam e me forneceram essas melhores oportunidades. Mas, mesmo assim, mesmo tendo esse contato lateral com essa realidade, algumas coisas ainda sensibilizam, sensibilizam mais, incomodam mais, como a senhora disse. Porque... mas nesse caso é um incômodo positivo, eu acho. Não sei se a gente pode falar essa palavra, se a gente pode fazer essa lógica "incômodo positivo". Mas, porque é inspirador."* (Rafael, 26 anos).

O conforto de se viver em plenitude é uma consequência de sempre ser visto como padrão, natural, normal e humano, sem passar por uma condição racializada pelo outro, e da dificuldade de enxergar sua identidade coletiva racial. Sobre isso, Piza (2002, p. 72) declara que a excessiva visibilidade grupal da identidade negra e a intensa visão do sujeito branco como indivíduo gera o que podemos chamar de "lugar de raça", o qual pode ser definido como "o espaço de visibilidade do outro, enquanto sujeito numa relação, na qual a raça define os termos desta relação". Nessa dimensão, "o lugar do negro é o seu grupo como um todo e do branco é o de sua individualidade. Um negro representa todos os negros. Um branco é uma unidade representativa apenas em si mesmo". (PIZA, 2002, p. 72). Esse estereótipo associado ao sujeito negro causa-lhe um trauma, na maioria das vezes, que o impede de ascender na sociedade, uma vez que, nas posições de evidência na sociedade, ele será cobrado e a ocorrência de algum erro será desdobrada para todo o grupo racial, como um erro coletivo.

A identidade racial branca é ativa nas relações raciais em sociedades marcadas pelo colonialismo. Assim, entende-se também a branquidade como resultado da relação colonial que legou determinada configuração às subjetividades de indivíduos e orientou lugares sociais para brancos e não brancos.

Tratando-se especificamente do grupo de jovens do Programa de Aprendizagem, percebi que seus comportamentos e o tratamento dado por seus superiores transitam entre a meninice e o amadurecimento imediato à entrada no mercado de trabalho. Eles jazem entre uma ideia de adolescência prolongada, ou seja, moratória vital, e a exigência de ser adultos para desempenhar algumas funções de relevância no espaço de trabalho. Para alguns, será oportunizada a possibilidade da entrada tardia na vida adulta; para outros, fases como infância e adolescência serão abreviadas, antecipando a configuração da vida adulta. A isso podemos relacionar a moratória social, já discutida neste trabalho. Determinados jovens de específica cor estarão na primeira situação, enquanto outros marcados por uma cor diferente da branca serão submetidos ao avanço acelerado de fases importantes para o

desenvolvimento pessoal e seu posicionamento como cidadão. Isso porque, apoiado na branquidade, a esse jovem branco está reservado o lugar de poder que foi construído por meio da organização social da colonialidade e do racismo, e depreendido por representação identitária.

Na inquietação referente à relação do branco progressista na luta antirracista, a professora branca estadunidense Robin DiAngelo (2020, p. 27) traz essa discussão no contexto do seu país, e alega em seu livro Fragilidade branca, artigo White:

> [...] a despeito de nossas intenções conscientes – dificultamos tanto a vida das pessoas de cor. Acredito que os progressistas brancos são os que causam diariamente o maior prejuízo às pessoas de cor, defino um progressista branco como toda pessoa branca que se declara não racista, menos racista, participada ou já assimilada [incluo a aliada]. Progressistas brancos podem ser os mais difíceis para pessoa de cor porque, na medida em que pensamos já ter chegado, porém toda nossa energia em nos certificar de que as outras pessoas nos vejam como já tendo chegado. Nada de nossa energia será posta em fazer o que precisamos fazer pelo resto de nossas vidas: trabalhar por autoconsciência crescente, por educação continuada, por construção de relações e por práticas antirracistas reais. Progressistas brancos realmente defendem e perpetram o racismo, mas nossas reações de defesa e de certeza tornam praticamente impossível explicar a nós mesmos como fazemos isso.

Para ilustrar a possibilidade de ocorrência e o distanciamento da ideia de abstração do que é sugerido por DiAngelo, citamos o caso da vereadora Thais Ferreira[32], do partido Psol, durante as eleições municipais do Rio de Janeiro, em 2020. O ocorrido me leva a questionar os comportamentos vistos como atitude de “bem e inclusiva” e os que se intitulam ou são vistos como aliados ao antirracismo.

O partido político Psol, da cidade do Rio de Janeiro, proibiu candidaturas de quem tinha participado de “plataformas de formação, financiamento e estruturação de campanhas, tais como, RenovaBR, raps e similares”[33]. Thais havia realizado à distância o curso RenovaBR 2018, no qual aprendeu sobre direito eleitoral, redes sociais, financiamento coletivo e assuntos afins; a ação do partido também inviabilizaria outras seis pré-candidaturas. Ressalto que a Thais, em 2018, foi suplente de deputada estadual, e recebeu quase 25 mil votos. Houve mobilização de diversos líderes e movimentos negros em defesa da ativista que fizeram um manifesto. O documento recolheu centenas de assinaturas, incluindo a minha, a do Movimento Negro Unificado do Rio de Janeiro, a da União de Negros pela Igualdade (UNEGRO),

[32] Disponível em: https://noticiapreta.com.br/quando-a-esquerda-e-racista-com-uma-de-nos-ela-e-racista-com-todas-nos-diz-thais-ferreira-candidata-a-vereadora-no-rio/.
[33] Disponível no link da nota anterior.

a da Favela Brasil, a do Fórum de Mulheres Negras, além da dos artistas Rodrigo França e Preta Ferreira e a do ex-deputado Jean Wyllys. A história da ativista foi reduzida a um curso de EAD para impedi-la de se candidatar. Thais precisou fazer uma vaquinha para pagar as despesas de campanha, e alega que por conta da desconfiança política (ou ação da branquidade aliada) sobre o seu nome, em suas palavras: “me deixaram na faixa básica de financiamento, ou seja, com acesso apenas aos serviços compartilhados prestados às candidaturas, que são pagos com o valor do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC)”.

Esse fato leva-nos a refletir sobre como os rotulados ou autodeclarados aliados, no exercício da configuração da estrutura de branquidade, agem de forma racista e excludente. Quando o deslocamento de poder sugere perda de privilégio, logo o resguardo das condições que mantêm a situação de privilégios e benefícios é ativado. Para ser um aliado branco na luta antirracista, não basta reconhecer os privilégios da estrutura social que o beneficia, mas também ter atitude entre os seus iguais de forma a não manter a distribuição desses benefícios entre o seu próprio grupo. Para além disso, entender que atitudes racistas não estão atreladas a caráter somente. As práticas racistas estão postas como ação sem intenção, longe da moralidade e perto do costume. O racismo, sendo estruturante, contribui para essa ideia, pois estrutura o imaginário dos indivíduos, uma vez que os brancos foram associados a valores positivos como trabalho, bondade, honestidade.

Creio que a luta antirracista deva estar inserida em uma materialidade cotidiana no âmbito público e privado. Público, dentre outros, diz respeito ao acesso a direitos como educação, saúde e empregabilidade, que são os que mais afetam a população negra; no privado, é o seu dia a dia, na sua casa, no seu trabalho, na sua opinião emitida nos lugares, nas suas escolhas de consumo, no valor dado a pessoa negra que presta serviço. E, sobretudo, nessa discussão que trago, não negar quando alegarem que a sua ação ou discurso não foi condizente com um posicionamento antirracista. É recomendável compreender que o sistema de branquidade é racista, e o ser antirracista passa por uma escolha e mudança de hábito, por isso é fundamental que o branco não se sinta fragilizado em seu ego quando for indagado sobre sua atitude.

3 O percurso da construção da pesquisa

A clara juventude branca retratada neste trabalho constitui-se de jovens egressos de um programa de aprendizagem profissional, e se autodeclaram brancos. Esse programa atende à Lei da Aprendizagem – Lei 10.097/2000, ampliada pelo Decreto Federal nº 5.598/2005. A Lei determina que todas as empresas de médio e grande porte contratem um número de aprendizes equivalente a um mínimo de 5% e um máximo de 15% do seu quadro de funcionários cujas funções demandem formação profissional. Aprendiz é o jovem entre 14 e 24 anos que esteja matriculado e frequentando a escola, caso ainda não tenha concluído o Ensino Médio, inscrito em programa de aprendizagem (art. 428, caput e § 1º, da CLT). Nas localidades onde não houver oferta de Ensino Médio para o cumprimento do disposto no § 1º do art. 428 da CLT, a contratação do aprendiz poderá ocorrer sem a frequência à escola, desde que ele já tenha concluído o Ensino Fundamental (art. 428, § 7º, da CLT). Caso não tenha concluído essa etapa, tal exigência deverá ser atendida, ou seja, a contratação só será válida com a frequência do aprendiz à escola.

O programa de aprendizagem técnico-profissional prevê a execução de atividades teóricas e práticas dentro da formação para o desempenho da função de Auxiliar Administrativo, sob a orientação pedagógica da entidade qualificadora em formação técnico-profissional, por meio do Educador Social e com atividades práticas coordenadas pelo empregador. O gerenciamento do programa deve ser conduzido por entidade qualificadora, geralmente instituição sem fins lucrativos, a fim de observar uma série de fatores, como público-alvo, indicando o número máximo de aprendizes por turma; perfil socioeconômico e justificativa para seu atendimento; objetivos do programa de aprendizagem, com especificação do propósito das ações a serem realizadas e sua relevância para o público participante, a sociedade e o mundo do trabalho.

Especificamente, o programa do qual os jovens sujeitos de pesquisa são egressos busca criar condições para que os aprendizes possam desenvolver talentos e alcançar os objetivos determinados pelo mercado de trabalho. Criando oportunidades, valorizam a diferença e os talentos particulares, e oferecem apoio específico de acordo com afinidades individuais, envolvendo troca de conhecimento, qualificação social e profissional, inserção no mercado de trabalho e respeito à diversidade, à igualdade de gênero e às culturas dos lugares onde atuam.

Por que eles? Em 2017, atuei como educadora social e mentora de uma turma de jovens aprendizes, na cidade do Rio de Janeiro. Durante a aula sobre trabalho voluntário, cujo conteúdo pautou-se em trazer a construção narrativa do super-herói e do quanto o extraordinário está próximo do cotidiano, um jovem negro compartilhou a trajetória de super-herói de seu pai, que havia conseguido sair do tráfico e reconstruir-se em uma outra vida. A partir dessa interação, nasceu o Projeto Somos, que produziu o documentário *Empowerment* #1[34], pensado pela turma com o propósito de ser um lugar em que a voz de quem se sensibilizar com o filme possa ser ecoada por meio do canal na mídia YouTube. Somos! é um canal de mídia alternativa que se propõe a contribuir com o resgate da autoestima dos indivíduos invisibilizados pelo preconceito e discriminação, inseridos em grupos minorizados política e/ou socialmente por meio de depoimentos audiovisuais.

Por que essa produção me inquieta? A peça audiovisual busca retratar histórias de superação de pessoas de grupos minorizados, sendo eleitos para falar de protagonismo um jovem com Síndrome de Down, e sua história de vida em sociedade; um ativista negro da pauta do combate ao racismo e ao racismo religioso, que se tornou doutor em História Comparada pela UFRJ, tendo passado sua infância e adolescência por diversos internatos; uma educadora antirracista que se dedica à pauta racial (no caso, eu); um imigrante muçulmano sírio que sofreu xenofobia em Copacabana enquanto vendia esfirra em sua barraca na rua. Assim, "*Empowerment* (Empoderamento) apresenta quatro pessoas, quatro histórias, quatro vozes e um propósito: um mundo melhor!"[35].

A turma, composta por 41 jovens diversos em raça, gênero, escolaridade e território, com a maioria heteroidentificada por mim como negra, foi organizada para a produção do documentário e escrita do projeto executivo em equipes denominadas Gestão, Financeiro, Produção Audiovisual e Comunicação. Trazer essa informação é importante para o entendimento da investigação, pois a categoria função dentro da relação de trabalho está associada a uma hierarquia de posições que refletem *status* e privilégios, a qual reproduz, no microecossistema, a relação estrutural de poder da branquidade na sociedade.

Em busca de investigar como se deu a relação do sujeito jovem branco com o sistema da branquidade, procurou-se identificar a existência ou ausência da normatização e/ou hierarquização racial e como esta influência ocorreu na relação com

[34] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xZ1E1No13lg&list=PLPhk3soFdq5EPtl106IA4AKUB2G2QQQcY&index=9&t=41s.
[35] Trecho retirado do Canal Somos no YouTube.

o “diferente/outro” durante a produção do documentário *Empowerment* e, além disso, indicar as estratégias utilizadas pela juventude branca para se distanciar do sistema estrutural da branquidade. Para isso, foi realizado um levantamento demográfico dos participantes da produção do documentário, por meio de um questionário socioeconômico. Esse levantamento possibilitou a seleção dos jovens brancos que compuseram a roda de conversa, cujo objetivo foi aprofundar as questões investigadas quanto a juventudes e à branquidade. As questões do formulário foram pensadas de forma a antecipar dados que auxiliaram na construção dos perfis do jovem da pesquisa. As questões que compuseram o formulário estão detalhadas abaixo, a fim de evidenciar o objetivo da coleta de cada dado:

a) data de nascimento – apontou o recorte etário dos pesquisados;
b) cidade e bairro de residência – fez o recorte territorial do sujeito;
c) gênero – permitiu a interseccionalidade de forma a perceber o lugar social e de poder do gênero feminino na atividade audiovisual;
d) raça/cor segundo IBGE – trouxe por autodeclaração a composição do grupo branco que teve sua investigação aprofundada na roda de conversa;
e) escolaridade, efetivação, trabalho atual – foram categorias que contribuíram para o perfil de mobilidade de empregabilidade e social, pela educação e capacitação profissional a que foram submetidos;
f) idioma – levando em consideração que apenas 1% dos brasileiros são fluentes no idioma inglês[36], essa categoria indicou qual jovem está nesse lugar social a partir do cruzamento com a categoria raça/cor, que aprofundou a discussão acerca de privilégio material e simbólico;
g) a forma de ingresso e a área de atuação da empresa – o ingresso diferenciado nas instituições depreende situações de racismo institucional, no qual funções com mais visibilidade e com possibilidades de ascensão são ocupadas por jovens brancos. A maioria dos jovens negros aprendizes desse programa geralmente são alocados em vagas de serviços, como a área de saúde e logística de transporte de aviação. Nessas funções, o trabalho desempenhado essencialmente refere-se a transporte de caixas, entrega de volumes ou rouparia, sem a possibilidade de desenvolvimento de atividades administrativas e de escritório. Ao contrário das empresas do setor petrolífero

[36] Pesquisa realizada pelo British Council em parceria com o Instituto de Pesquisa Data Popular, em 2013, apontou que apenas 5% da população brasileira fala inglês – sendo que apenas 1% dessas pessoas é fluente. Disponível em: https://www.mundorh.com.br/por-que-apenas-1-dos-brasileiros-e-fluente-em-ingles/

e tecnológico que, em alguns momentos, beneficiam-se dos jovens para além das atividades básicas administrativas, alguns jovens chegam a desempenhar funções de responsabilidade por pequenas decisões dentro dessas empresas. Esses jovens geralmente são brancos;

h) atuação no documentário – partindo do número estatístico do audiovisual, a partir da pesquisa "Diversidade de gênero e raça nos lançamentos brasileiros de 2016", apresentada pela Ancine[37], em 2018, os homens brancos compuseram a maioria entre os diretores (75,4%), produtores (59,9%) e nos elencos. Já os homens negros corresponderam a 2%, mulheres negras 0%. Identificar a função que jovens negros e brancos desempenharam na produção do documentário me conduzirá a reflexões possíveis de lugar de poder, privilégio material, gênero, raça/cor. Essas interseccionalidades auxiliará na constituição do perfil dos jovens que fizeram parte da roda de conversa e na investigação da consciência do privilégio fincado na branquidade;
i) pensar no entendimento sobre juventude antes e depois da produção audiovisual – refletir sobre sua condição de jovem dentro do período de quatro anos, interseccionado com outras categorias, sobretudo a mobilidade social, contribuiu para a linha de análise que foi trabalhada na roda de conversa, de forma a investigar a moratória social discutida neste trabalho e o lugar da branquidade desses jovens.

A opção deu-se pela roda de conversa como ferramenta de coleta de narrativas a ser analisadas, em virtude das dificuldades ocasionadas pela pandemia. A ideia inicial era fazer entrevistas individuais com cada jovem branco selecionado após aplicação do questionário, entretanto, a alteração do calendário acadêmico e a necessidade de distanciamento social me levaram a esse instrumento.

Conforme já relatei, a ideia era entrevistar jovens brancos apenas, porém, quando consolidei as respostas do questionário aplicado, percebi dois eventos que me fizeram mudar o trajeto na escuta das narrativas. O primeiro foi a declaração de um jovem branco como participante na produção do documentário. Indaguei: Você fez parte da produção do Documentário *Empowerment* (Projeto Somos)? Esse jovem sentiu-se confortável em responder sim. Ao não conseguir associar seu nome ao processo de

[37] Disponível em: https://antigo.ancine.gov.br/pt-br/sala-imprensa/noticias/ancine-apresenta-estudo-sobre-diversidade-de-g-nero-e-ra-no-mercado.

construção, investiguei o fato na documentação do projeto e constatei que ele não só não participou, como não fez parte da turma que produziu a peça audiovisual. Mantive essa informação para demonstrar o que busquei rotular de “conforto de ser apenas eu”. Sugiro a associação desse acontecimento e da possibilidade de outros comportamentos similares ao conforto proporcionado pelo *status quo* da branquidade e ao sentimento de plenitude e conforto de que não será questionado, pois sua brancura o protege. Nenhum jovem negro respondente do questionário apresentou comportamento semelhante ou comparável ao do jovem branco em questão.

O outro evento foi a resposta dada por uma jovem negra à questão apresentada no questionário: Em julho e agosto de 2017, quando você esteve como jovem aprendiz, qual era sua concepção sobre ser jovem? Ela respondeu que:

> *“Ser jovem aprendiz me fez conectar com pessoas de diferentes ‘backgrounds’. Alguns para mim já não eram tão jovens, por conta de suas experiências de vida. Eu mesma já não me sentia tão jovem assim, por conta das obrigações que carregava. Neste presente, olhando para atrás, penso que minha juventude pode ser concebida no sonho. Quando mais jovem sonhei muito em conquistar algumas coisas, até mesmo romantizei, e com o passar do tempo, quando o sonho se torna real, parece que alguma juventude também vai embora.”*

Essa jovem, ao afirmar que não se sentia tão jovem aos 21 anos por causa das obrigações que carregava, trouxe-me à reflexão sobre a dificuldade de acesso à moratória social e vital que afeta a juventude negra. Diante desse depoimento, vi relevância em trazê-la por meio de entrevista para narrar sua atuação na produção do documentário, bem como auxiliar na heteroidentificação dos sujeitos pesquisados, uma vez que para além da autodeclaração, somente eu os havia identificado como brancos.

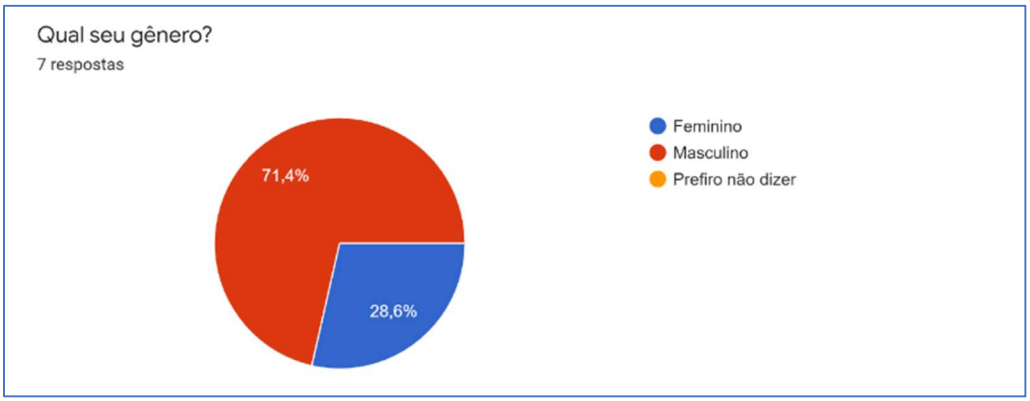
Embora o foco estivesse nas pessoas brancas, a contribuição da jovem Luísa foi fundamental para minhas reflexões sobre as narrativas trazidas pelos jovens brancos. O relato dela possibilitou-me confrontar os pontos de vista trazidos por eles sobre o evento da apresentação rememorado na narrativa durante a roda de conversa. Sua contribuição funciona como um terceiro olho, contribuindo para a descrição das negociações identitárias, sobretudo a construção racial branca dos sujeitos brancos pesquisados.

Buscando configurar o perfil social e subjetivo dos sujeitos de pesquisa, aponto algumas características trazidas pelo questionário aplicado. O questionário foi enviado ao grupo de 15 jovens, tendo como respondentes sete deles. Para a roda de conversa, foram trazidos dois jovens a partir dos critérios estabelecidos na metodologia, e a

entrevista com a jovem negra atua não como foco da investigação, mas como visão complementar à minha análise sobre as narrativas.

Os jovens residem atualmente no centro do Rio de Janeiro, zona sul e zona norte. A maioria declara seu gênero como masculino:

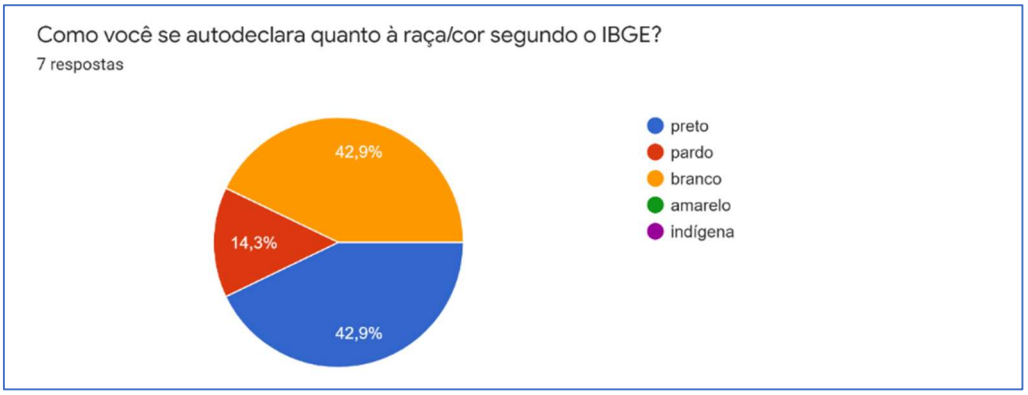
Gráfico 1 – Gênero



Fonte: Elaborado pela autora.

Corroborando os dados do relatório "Diversidade de gênero e raça nos lançamentos brasileiros de 2016", apresentado pela Ancine, os homens brancos são maioria entre os diretores, produtores e nos elencos, com a total ausência e invisibilidade da mulher negra. Nesse recorte, em especial, dos respondentes, apenas duas mulheres responderam ao questionário. Isso demonstra, em um microecossistema, a falta de diversidade de gênero no audiovisual.

Gráfico 2 – Cor/raça segundo IBGE

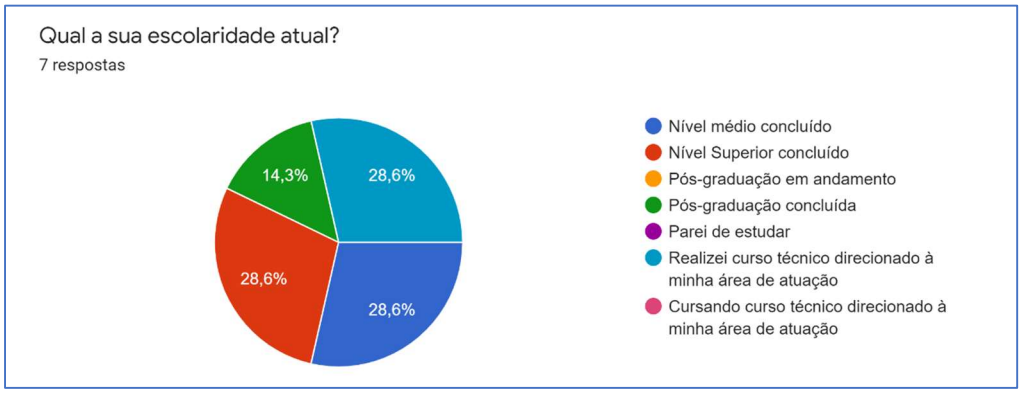


Fonte: Elaborado pela autora.

A categoria negro, composta pelo somatório de quem se autodeclarou preto e pardo, resultou em 57,2% no universo pesquisado. Contudo, o foco do trabalho é a juventude branca: tivemos o percentual de 42,9% de autodeclarados brancos. Dessa

amostra, é possível reafirmar o que foi informado por heteroidentificação anteriormente, que a turma de aprendizagem era composta por maioria de jovens negros.

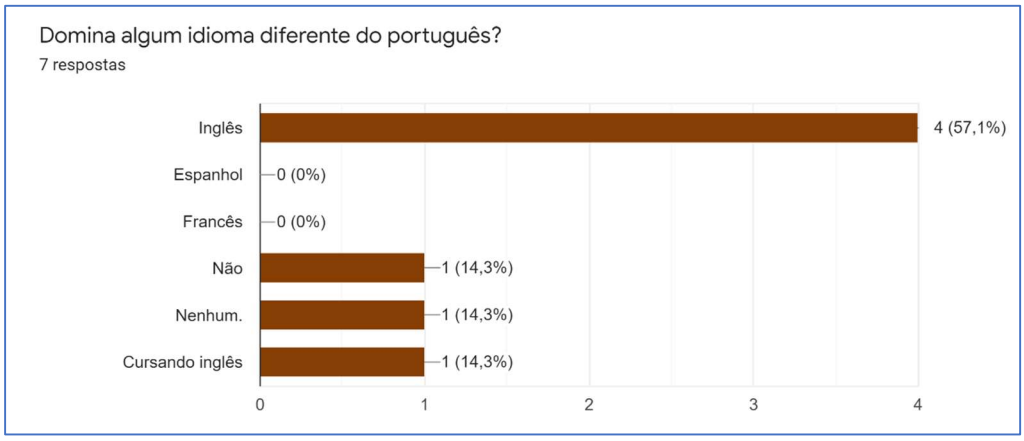
Gráfico 3 – Escolaridade atual



Fonte: Elaborado pela autora.

Em 2021, o grau de escolaridade dos sujeitos pesquisados, inclusive da jovem Luísa, distribui-se entre nível superior completo, nível médio completo e curso técnico na área concluído. O programa de aprendizagem exige no mínimo fundamental cursando, porém, a maioria dos jovens selecionados cursa ou concluiu o Ensino Médio. Isso porque as empresas de médio e grande porte dão preferência a jovens que estejam cursando o ensino superior, mesmo isso não sendo critério para Lei de Aprendizagem. Observa-se uma forma de discriminação a jovens cursando o Ensino Fundamental e àqueles que não estejam cursando uma graduação, que não são preferências para essas empresas.

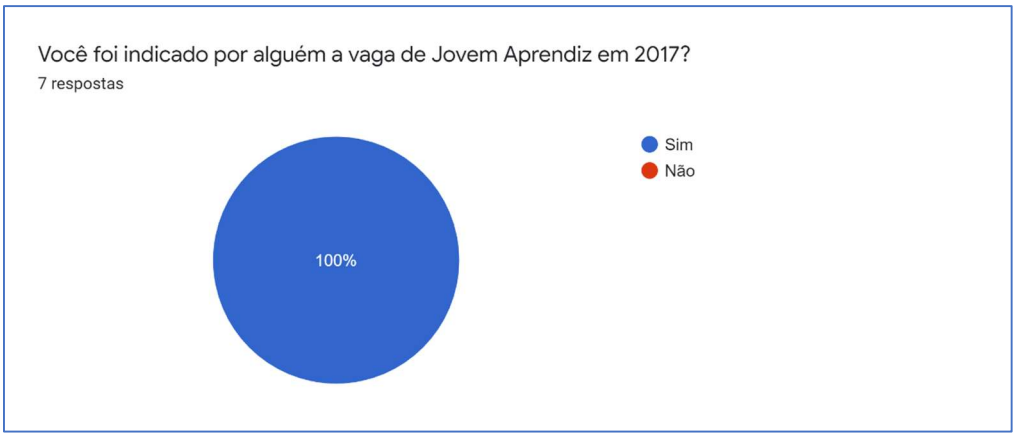
Gráfico 4 – Domínio de idioma



Fonte: Elaborado pela autora.

O percentual de domínio de idioma diferente da Língua Portuguesa apresenta-nos o nível de acesso à moratória social dos jovens, interseccionando com a classe, que pode ser exemplificado por essa condição. Esse dado já saltava aos olhos na sala de capacitação, sendo notável que as empresas do ramo de petróleo, suprimento e logística davam preferência a jovens cursando graduação com o segundo idioma. A consequência disso é o impedimento de outros jovens ao acesso a essas empresas, que, na maioria das vezes, ofereciam uma melhor colocação e valorização profissional. A maioria dos jovens selecionados para essas empresas é branca.

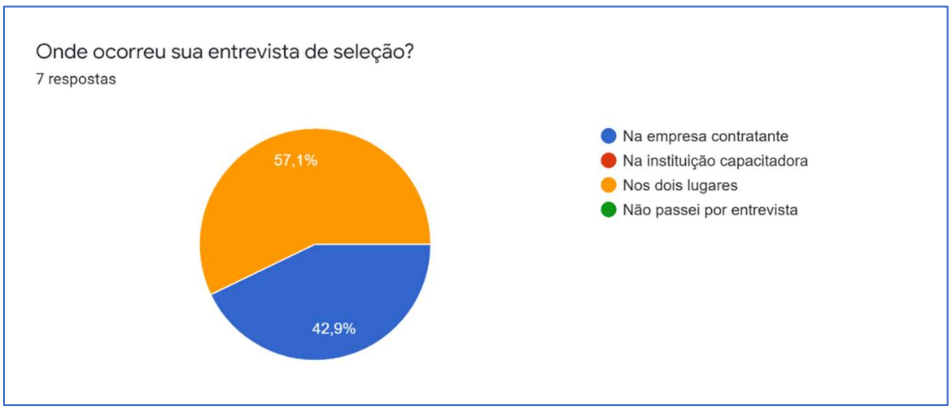
Gráfico 5 – Indicação à vaga de aprendiz



Fonte: Elaborado pela autora.

Todos os jovens respondentes foram indicados à vaga de jovem aprendiz, não passando pelo processo padrão de envio de currículo por plataforma ou entrega presencial no setor de recrutamento. Isso nos demonstra como se dá o acesso a oportunidades por meio de rede de conhecimento. Digo isso porque a branquidade está inserida em uma bolha de preservação e em um pacto narcísico, segundo Bento (2002), no qual os sujeitos iguais promovem-se, evidenciam-se e indicam um ao outro para as oportunidades de mercado. Dessa forma, mantém-se a condição de ocupação de lugar de poder sempre pelo mesmo perfil humano. Também se depreende desse número a reflexão que, antes mesmo do processo seletivo, algumas pessoas são impossibilitadas de concorrer de forma igualitária ao primeiro emprego, e isso se desdobra nas interações de emprego futuras.

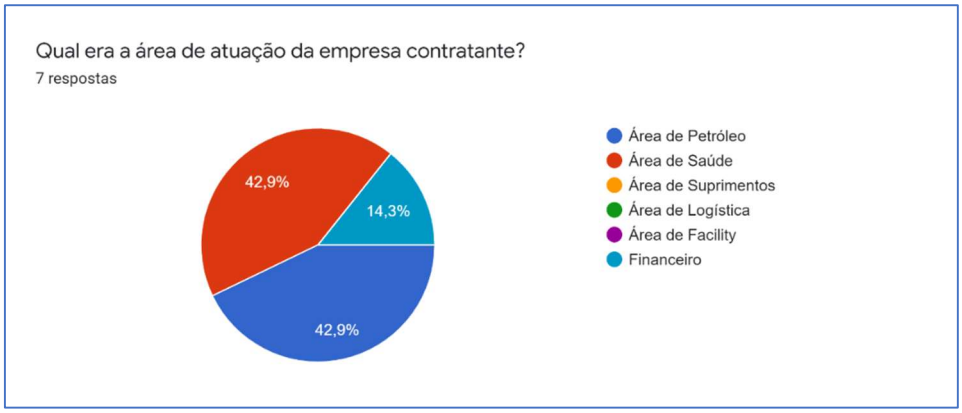
Gráfico 6 – Forma de seleção



Fonte: Elaborado pela autora.

De forma a comprovar o que afirmei antes, o gráfico acima apresenta um alto número de jovens que passaram por entrevista no processo seletivo apenas pela empresa contratante. O procedimento usual é a instituição capacitadora realizar todo o processo seletivo, restando apenas a última entrevista com o profissional designado pela empresa contratante, ou seja, somente aqueles que tiveram suas habilidades de comunicação oral e escrita, raciocínio lógico e inteligência emocional avaliadas são direcionados para a última etapa com a empresa cliente. Esse processo garante aderência do perfil do candidato à vaga. Quando esse percurso ocorre de forma diferente, sugere em alto grau o benefício direto a determinadas pessoas, ratificando o pacto narcísico, uma vez que a maioria dos jovens selecionados diretamente pela empresa contratante era da raça branca.

Gráfico 7 – Ramos das empresas contratantes

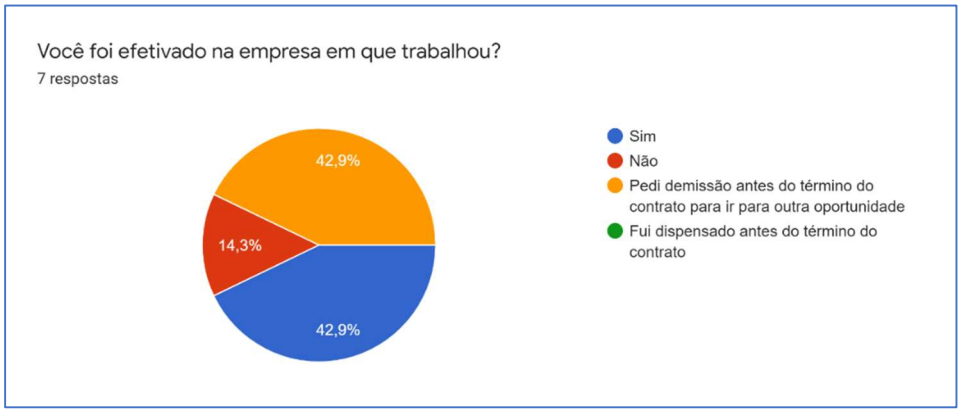


Fonte: Elaborado pela autora.

Essa informação demonstra a hierarquia de *status* existente entre as empresas e as funções que serão desempenhadas pelos aprendizes. A maioria dos jovens

brancos são selecionados pelas empresas de petróleo, suprimento e financeiro, restando ao jovens negros as empresas de saúde. Ao fazer a comparação com o gráfico de autodeclaração, percebe-se que há a mesma proporcionalidade entre os jovens negros e brancos. Essa hierarquização resulta em baixa autoestima dos jovens negros, pois eles não realizam as mesmas tarefas administrativas que os jovens brancos. Em algumas situações, exercem apenas funções operacionais, que requerem repetição e força física.

Gráfico 8 – Efetivação na empresa contratante



Fonte: Elaborado pela autora.

Dos respondentes, 42,9% foram efetivados na empresa contratante e igualmente 42,9% pediram demissão para ir para outras oportunidades antes do término do período de aprendizagem. Esse dado, associado ao lugar que esses jovens ocupam hoje no mercado de trabalho, permite ponderar que todo o processo de seleção da forma realizada sem cumprimento do procedimento estabelecido para isso, resulta no efeito do pacto narcísico e outros privilégios advindos da sua condição racial. Desde o recrutamento a ser selecionado por empresa específica contribuíram para a permanência no mercado de trabalho em lugares de mais poder que o original cargo de jovem aprendiz. Veja as posições ocupadas hoje pelos respondentes da pesquisa:

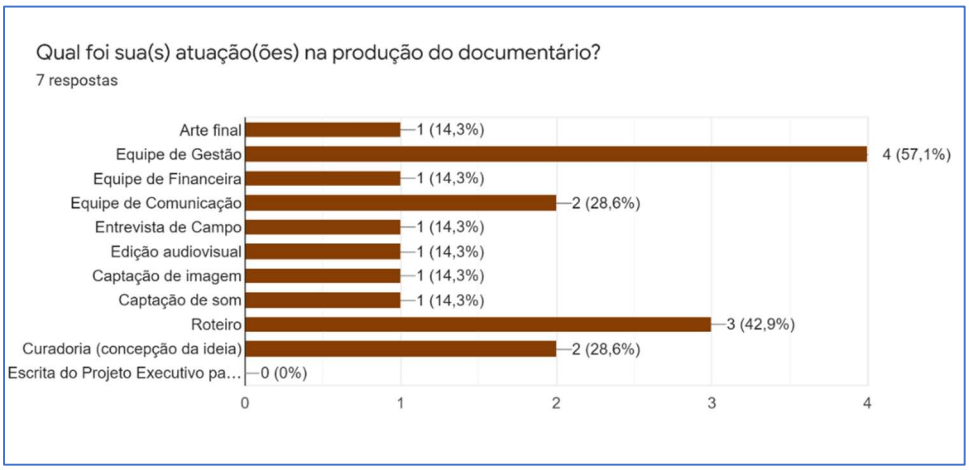
Quadro 1 – Dados do formulário de investigação

Ramo da Empresa	**Raça/cor**	**Função do Documentário**	**Ocupação atual**
Petróleo	Branco	Líder/roteiro, Arte final, Entrevista de Campo,	Editor e Redator de Promo Sports.

		Captação de som, Captação de imagem, Edição audiovisual, Equipe de Comunicação, Equipe de Gestão.	
Petróleo	Branco	Líder/Equipe de Financeira, Equipe de Gestão	Analista de relação com Investidores - atualmente trabalho no setor elétrico, no segmento de distribuição. A rotina envolve o auxílio/atendimento dos investidores e potenciais investidores da companhia, além do atendimento das exigências regulatórias do mercado financeiro.
Saúde	Pardo	Não participou	Assistente administrativo/faturamento
Petróleo	Preta	Não participou	No ramo de locação e manutenção de maquinários elétricos, atuo no setor de peças e serviços como auxiliar de serviços.
Saúde	Preto	Não participou	Assistente de OPME (Próteses, Órteses e Materiais Especiais utilizados em uma intervenção médica, odontológica, para diagnóstico ou terapia).
Saúde	Branco	Não participou	Almoxarifado (Assistente administrativo).
Petróleo	Preta	Curadoria (concepção da ideia), Equipe de Comunicação, Equipe de Gestão.	Atualmente, trabalho com Teatro em funções como: diretora assistente, diretora e dramaturga. Realizo oficinas teatrais, onde convidamos não-atores a contarem suas histórias de vida a partir do teatro ou de outra forma artística. Nessa imersão, fazemos o uso de ferramentas expansivas como Tarô e Reiki para facilitar a conexão dos participantes com as suas histórias e lhes abrir a coragem para contá-las. Também faço trabalhos no audiovisual e exerço a função de roteirista.

Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 9 – Atuação na produção do documentário



Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação à função desempenhada durante a produção do documentário, que aqui associamos ao lugar de poder de decisão e *status* dentro da hierarquia do audiovisual, destaco que apenas as pessoas brancas acumularam as funções tidas como mais nobres no empreendimento: curadoria, roteiro, entrevista de campo, edição audiovisual, captação de imagem e som e arte final, sobretudo a liderança do projeto.

A partir dessas especificidades apresentadas nos gráficos e no quadro, é possível delimitar o perfil do sujeito de pesquisa: homem, branco, que teve o privilégio da branquidade resguardado e usufrui atualmente desse privilégio e benefícios. Assim, ao analisar as narrativas oriundas da roda de conversa, foi possível observar em que medida a consciência de privilégios sociais decorrentes da branquidade refletiu nos discursos narrativos desses jovens brancos egressos do programa de aprendizagem, bem como seu posicionamento referente à contribuição para a luta antirracista, sua postura identitária e a tensão entre valores, ideologias e normas socioculturais.

Considero, a partir das declarações dos sujeitos pesquisados sobre a produção do documentário, e segundo o princípio da “centralidade do conhecimento experiencial”, por meio da Teoria Racial Crítica (TRC), que foi possível constatar sua aproximação e/ou distanciamento dos privilégios mantidos pela branquidade.

> Um dos princípios essenciais da Teoria Racial Crítica é que as narrativas e as histórias são importantes para entender suas experiências e como essas experiências podem apresentar uma confirmação ou contra-argumentar acerca de como a sociedade funciona. (LADSON-BILLINGS, 1999, p. 219).

Ao analisar as histórias contadas por esses jovens brancos, expostas no apêndice, observei, em alguns momentos, a reprodução do discurso e das narrativas

hegemônicas predominantemente contadas por brancos e a reprodução das relações sociais existentes, que constituem a branquidade e a mantém. Por meio de um dos recursos da TRC, às vezes chamado de "convergência de juros" ou determinismo material, pude notar o racismo avançar de acordo com os interesses das elites brancas (materialmente) e pessoas da classe trabalhadora (psiquicamente). A TRC foi a lente por meio da qual as trajetórias desses jovens, que herdaram bens simbólicos, *status* e lugar de privilégio social pudessem ser desnaturalizadas.

Apresento alguns argumentos que sugerem essa conclusão. Durante a roda de conversa, Miguel afirma que na época do surgimento da ideia do documentário nunca havia editado uma peça audiovisual, mesmo assim afirmou em sala de aula e garantiu que sabia:

> *"É... pra mim, olhando, eu falo do primeiro vídeo, que eu bati no peito naquela época de 'poh, sei editar, sei editar e a gente vai fazer esse negócio'. Da mesma forma que o [nome suprimido] falou à época 'poh, sou designer, sou designer'. Cara, ele tava no primeiro período. Foi poh..." (risos).* (Miguel, jovem branco, 26 anos).

Ao declarar isso na roda de conversa como algo vanglorioso, manifesta uma condição de segurança que a branquidade proporciona aos sujeitos brancos. Ele, jovem branco, fluente em inglês, tendo um intercâmbio como experiência, não seria questionado em sua competência técnica. E mesmo que não tivesse a competência linguística de outro idioma e a experiência de viver em outra cultura, tampouco seria questionado, pois sua cor determinou que o lugar de poder do conhecimento audiovisual poderia ser ocupado por ele.

Em outro momento, Miguel tenta trazer um discurso de distanciamento da condição confortável de ser branco, porém sem muito sucesso, pois, sem saber, aciona pontos que generalizam e o colocam em igualdade com os jovens negros, sem levar em consideração, no entanto, a desigualdade racial.

> *"Cara, eu... acho que a partir... cara, eu acho que. Não, eu tenho certeza. Naquele momento ali nós éramos 30 pessoas, cada uma com as suas realidades. Cada um com seus privilégios, eu acho que é esse nome: privilégio. A gente não... eu, tipo, sempre estudei em colégio público da 6ª série pra cá, então tipo, eu já estudei com bandido, já estudei com filhos deles. Então era bem assim, o colega tá ali com a gente e tipo dois meses depois ele não tá mais. E aí isso me retornou, me lembrou essas coisas. E eu acho que é isso, dos nossos privilégios. E todo mundo ali era Jovem Aprendiz, todo mundo tem sua realidade, tem os seus privilégios, e não tem como fugir muito dessa palavra, porque é isso. Um mora em cada lugar,*

> *cada um tem uma vivência. E a vivência do [nome suprimido] era aquela e era muito forte, entende? Por mais que eu já tinha estudado com... eu já perdi colegas, minha vó mora no Morro Fonseca... mas cara, completamente diferente de uma favela no Rio, em que acontece outras coisas e a vivência mesmo, muito sinistra. É algo que a gente vê né, geralmente em jornais ou coisas assim. É algo que a gente fica realmente impactado."* (Miguel, jovem branco, 26 anos).

Ele declara que são tantas pessoas, cada uma com sua realidade, cada uma com seu privilégio, e acrescenta que sempre estudou em colégio público, com bandidos, com filho de bandido; havia colegas que estavam na sala e que, depois de dois meses, não estavam mais. Isso para reafirmar que cada um tem sua própria realidade, sem a conexão com o contexto inerente, sem reações a efeitos externos e condições propícias para viver o bem-estar.

Após Miguel reconhecer que é uma pessoa com privilégios sociais, Rafael segue o mesmo caminho de reduzir o estranhamento ao fato da recuperação da criminalidade do pai narrado pelo colega negro a uma diferença de realidade de vida. Ele afirma que há diversas dimensões cotidianas, e demonstra uma insatisfação com a realidade específica, perguntando-se como ele esteve alienado a essa possibilidade de situação. Continua reforçando que ouvir o relato o fez sair da zona de conforto, porém percorre o mesmo trajeto que Miguel em tentar justificar seu posicionamento alheio ao fato, fazendo uso do discurso comum e essencialista sobre a estrutura de violência da cidade do Rio de Janeiro.

Tenta, ainda, igualar-se à situação trazida pelo jovem negro, evidenciando os argumentos de classe, alegando que, como morador da zona norte, está acostumado, mesmo com todos os privilégios que teve na vida: sempre estudou em colégio particular pertencente à classe média da zona norte do Rio de Janeiro; que sua família é como tantas outras famílias brasileiras que ascendeu à classe média nos governos Lula 1 e 2; para, então, narrar que foi criado em Acari, depois morou em Pilares; que até hoje 50% das suas amizades são de favela. Traz, novamente, um comparativo de situação que tenta igualá-lo à população negra periférica, alegando que, apesar de tudo, teve contato com essa realidade mais bruta do que a sua, e que apesar de ter convivido com essa "galera", sempre teve melhores oportunidades, pois seus pais puderam "fornecer e escolheram lhe fornecer essas melhores oportunidades", mas que mesmo tendo o contato lateral com essa realidade, algumas questões ainda o sensibilizam, ainda lhe causam incômodo. Rotula como incômodo positivo. Entende que o depoimento do jovem negro foi inspirador, pois mesmo sendo morador de favela, tendo poucos recursos, e ter vivido a experiência de ter um pai no tráfico, formou-se em Engenharia

no Cefet-RJ, e o pai saiu da vida do crime e se tornou mecânico. Fecha seu relato dizendo o quanto essa experiência é sensacional.

> *"'Caraca, cara! Como é que acontece isso e eu tô preocupado com isso aqui no meu cantinho?'. Faz muito a gente se questionar, sair da zona de conforto mesmo, se questionar do nosso próprio mundo, das nossas próprias dimensões. Mas é aquilo, como o Miguel disse, isso não é legal de falar, mas como carioca, infelizmente, morador da zona norte, a gente tá acostumado mesmo com todos os privilégios que eu tive na minha vida. Sempre estudei em particular, em colégio na zona norte no RJ. Minha família, assim como boa parte das famílias brasileiras, ascendeu a classe média ali no governo Lula 1, Lula 2. Então, sempre morei na zona norte. E cara, essa realidade é infeliz, mas realmente é a realidade, eu tenho amigos que viraram bandidos, morreram... eu fui criado em Acari, depois morei em Pilares, então, tipo assim, eu tenho até hoje, 50% das minhas amizades são de favela. Apesar de tudo isso eu tive contato com essa realidade mais bruta do que a minha, que apesar de ter convivido com essa galera eu sempre tive mais oportunidades, meu pai e minha mãe sempre puderam e me forneceram essas melhores oportunidades. Mas, mesmo assim, mesmo tendo esse contato lateral com essa realidade, algumas coisas ainda sensibilizam, sensibilizam mais, incomodam mais, como a senhora disse. Porque... mas nesse caso é um incômodo positivo, eu acho. Não sei se a gente pode falar essa palavra, se a gente pode fazer essa lógica "incômodo positivo". Mas, porque é inspirador."* (Rafael, jovem branco, 26 anos).

Durante essas narrativas, examinei que os jovens transitavam pelo discurso generalizado que mantém o *status quo* de desigualdade, apontando a violência social como a responsável pela situação de vida de pessoas periféricas, e não como efeitos de ações que produzem essa violência – ora se aproximavam para uma consciência de privilégio, sem ter a firmeza de atrelar a situação descrita à desigualdade racial.

A forma como os dois relatam o fato aciona o conceito de meritocracia, segundo o qual é possível vencer todos os desafios com base no esforço e determinação, e que todos têm a mesma condição de oportunidade. Isso indica o conforto de se viver em plenitude, com a ausência de racialização sobre si experienciada pelo sujeito branco e a dificuldade de se enxergar inserido em uma identidade coletiva racial. Por isso, um discurso que coloca as pessoas em lugares de indivíduos, quando necessário: o jovem negro venceu sua sentença coletiva de vida construindo outra trajetória para sua realidade – o sucesso; e os jovens brancos venceram por esforço e dedicação da família, que embora convivessem em lugares periféricos, fizeram escolhas que trouxeram resultado no hoje.

Por outro lado, é importante salientar que a interlocução ocorreu com a educadora social por quem eles têm estima e de quem reconhecem a negritude e a

consciência racial. Dessa forma, as narrativas podem ter sido amenizadas para que não houvesse um agravo ou desconforto em sua presença.

A investigação fundamental deste trabalho está em torno da posição de liderança exercida por esses jovens brancos. Infere-se, por meio das narrações, que essa liderança lhes foi concedida pelos recursos que a branquidade facilita para o viver dos sujeitos brancos. Quando perguntei durante a roda de conversa:

> *"Nesse grupo específico (e aqui não vou nem citar o nome de todos), é nesse grupo específico que é onde ficou a liderança. E aí eu pergunto pra vocês, o que vocês poderiam pensar o que aconteceu, por que aconteceu esse movimento? Porque eu tenho um grupo que eu posso dizer que a liderança, foi uma liderança racialmente branca. Por que aconteceu esse... vocês conseguem pensar sobre isso?"* (Fernanda, mulher negra).

Nesse momento, quando fui direta nesse ponto, ocorreu o silêncio, o olhar para o lado, o reposicionar-se na cadeira, que demonstraram o desconforto com a questão trazida. Miguel, sempre o primeiro a falar, explica que teve a ver sim com o privilégio de ter mais acesso, mas o conforto que mencionei em estar em posição de liderança não era natural para ele, que alega que precisou moldar-se, e que se viu exigido a tomar as decisões para que o projeto funcionasse. Ele narra:

> *"Cara... É... Eu acho que assim voltamos aquela estaca do privilégio, né?! De ter acesso a mais informações, de ter acesso... aquilo que você falou de conforto não era natural pra mim de tomar a frente, aquilo ali foi se moldando e as pessoas "oh, você tem que tomar a decisão". Aí tu tá num grupo ali e ninguém fala nada, "e aí Miguel, a gente tá esperando tu falar", e aconteceu com o Rafael. Então eu acho que cai muito nessa parte de privilégios, entendeu?! É notável que na nossa equipe, na nossa sala, era de majoritariamente pessoas pretas e de fato, essas pergunta me fez lembrar muito dessas coisas, mas de fato eu acho que é muito disso: de nossos privilégios que, além do social, ali cada um tinha uma vivência. E o local buscando pessoas... não sei. Talvez com mais informações que outras? Talvez que tornavam as 'paradas' mais ágeis, entendeu?! Eu acho que levando pra esse lado é muito assim. De pessoas que... cara, eu não sei. É muito complexo. É muito complexo...."* (Miguel, jovem branco, 26 anos).

Embora Miguel cite o que chama de "além de privilégio social", interpreto que ele quis referir-se ao privilégio racial. Ele retoma sua posição inicial de que cada um tem sua vivência particular, trazendo os infortúnios e sucessos atrelados à situação individual. Além disso, ao rotular vivência e local a "mais informação", demonstra que há uma desigualdade que separa pessoas e determina seus lugares de poder, mesmo em um microecossistema como a produção do documentário. Seu discurso permite

inferir que possuía mais informação que os outros, assim sua liderança ocorreu de forma natural, ou seja, dentro dos padrões determinados pelo sistema de branquidade.

Rafael também demonstrou, em linguagem corporal, desconforto, mas optou pela imagem de domínio do discurso diplomático:

> *"Eu concordo com essa última parte. Eu acho complexo demais. Acho que tem várias camadas, várias dimensões do porquê isso aconteceu. E aí, professora, peço perdão se eu falar qualquer besteira. A senhora é especialista no tema e eu sou só um rapaz branco falando da minha perspectiva sobre achismos pra ver se correspondem..."* (Rafael, jovem branco, 26 anos).

Ele alega que a situação é complexa demais, por ter várias dimensões que podem justificar porque essa liderança aconteceu. Aproveita e se coloca em um lugar de ignorância, pedindo perdão caso venha a falar algo que seja inconveniente e afirmando que é um rapaz branco falando da sua perspectiva sobre achismos. Inicia a argumentação retomando a fala do Miguel quanto à facilidade de acesso à informação, no entanto, traz a questão da baixa autoestima da pessoa preta, que a impede de se enxergar como liderança, colocando-a em posição de menos privilegiada. A partir disso. Seguindo essa lógica, o sujeito branco torna-se líder, já partindo desse lugar como se fosse algo natural, já que não existem líderes negros em quantidade.

> *"É daí a questão essa pode ser questão informacional, pode ser questão de uma pessoa branca ter mais privilégio e ter uma facilidade maior de mais acesso a essa via de liderança. Pode ser uma questão de autoestima, a pessoa preta por não se enxergar, não ver líderes majoritariamente negros, se sente numa posição menos privilegiada numa questão de autoestima. "Se eu sou preto, não existe cara preto... logo o cara branco vai ser líder". Então ele já cede esse lugar 'meio' como já se fosse uma coisa natural de 'pretos não serem líderes'. É, pode ser isso também. Essa é uma das dimensões. Mas podem... eu acho que é aquela coisa de problemas simples e problemas complexos. Acho que isso é uma coisa grande demais para a gente dar uma resposta só, sobre o porquê a gente acabou "naturalmente" se tornando esse grupo reconhecido como liderança. É o que eu disse... eu cresci em Acari, eu cresci em Pilares, a maioria dos meus amigos é de favela e por consequência a maioria é preta aqui, simples assim. E eu sou o Russo. Aqui na zona norte o meu apelido é Russo. Não tem um velho que não me chame de Russo, porque eu sou o único branco da situação, sou o único brancão que anda com a rapaziada aqui. E aí, graças a Deus, o meu grupo específico de amigos aqui, todos eles formaram, todos eles tão bem pra caramba na fita. Pretos. Bem pra caramba na fita. E são pessoas muito boas de cabeça, muito inteligentes. Alguns deles muito mais do que eu. E eu converso muito sobre isso hoje em dia com eles, pois eles tão nessa vibe de fazer trainee. E cara, a galera topo de cadeia mesmo! A galera muito boa! E essa galera fala, conversa muito sobre isso comigo. Alguns deles são*

> *militantes, outros não. Mas todos eles, obviamente, são preocupados com o tema racial. Faz todo o sentido na sociedade que a gente vive, tem que ser. A pessoa preta que quer galgar posições ambiciosas ela vai ter que lidar com isso de alguma maneira, com a questão racial. Ela vai ter que encarar isso... porque faz parte, infelizmente, não deveria, mas faz. E eles falam muito isso comigo, cara. É difícil... 'quando eu andava na minha empresa eu sou a única pessoa preta", isso eu escuto direto dos meus amigos.'"* (Rafael, jovem branco, 26 anos).

Ele acredita que esses fatores fizeram com que o grupo os reconhecesse como liderança. Encerra sua argumentação colocando-se em posição de defesa, uma vez que afirma que qualquer coisa que disser vai ser insuficiente, porque o problema é grande e complexo, estrutural, muito maior do que ele, pois não consegue compreender completamente. Miguel é um excelente orador e articulista, porém, tratando-se de subjetividade branca, ele não consegue afastar-se do privilégio do seu lugar racial, à medida que não assume a responsabilidade individual pela desigualdade racial e atribui toda a responsabilidade à situação estrutural e à organização social já estabelecida.

Como questão final, indaguei-os sobre a possibilidade de fazer diferente: se tivessem renunciado àquele lugar, o que fariam? Miguel relata que teria reunido as pessoas, teria sim conversado mais para trazê-las, questionado como elas se sentiriam confortáveis em fazer as atividades. Contudo, contrapõe que nem todos estavam interessados e, para isso, argumenta o quanto é difícil alguém comprar "uma maluquice de virar a noite, ter de levar computador para sala de aula". Nessa fala, ele demostra que foi necessário liderar, pois existiam pessoas que não estavam comprometidas com a ideia, e ele estava. Ao citar o uso do computador na sala, quer evidenciar seu esforço para que o projeto acontecesse e o quanto ele se comprometeu com isso. E vai além, citando um jovem negro que, em minha análise durante a convivência, não se autodeclararia negro; esse mesmo jovem assumiu a função de *designer* do projeto, e não quis responder ao questionário enviado por mim para esta investigação. Miguel utiliza a participação desse jovem com o intuito de amenizar a centralidade da liderança nos jovens brancos. Nesse momento, pôde-se observar o uso do tokenismo, trazendo toda a diversidade para a figura desse jovem que não se lia como negro.

Rafael escolhe o caminho da fragilidade e pondera que mesmo tendo assumido o papel de liderança, buscava a todo tempo alguém que questionasse suas ideias e decisões, mas ninguém o rebatia. Expõe que gostaria que fosse questionado para ter certeza do que estava fazendo, pois se sentiu inseguro em diversos momentos. Quanto à racialização da liderança, narrou que não havia pensado nessa questão, que essa

reflexão não estava em sua cabeça. Finaliza dizendo que não entendia o que estava fazendo na época, mas teria feito diferente se tivesse consciência.

Em contraponto, a narrativa de Luísa, jovem negra, permite ratificar a interpretação de que os jovens brancos não conseguiram afastar-se do lugar de conforto e pleno de ser sujeito branco na sociedade brasileira, que não conseguiram ceder sua posição de privilégio quando lhes foi oportunizado. Ao lhe fazer a mesma pergunta sobre a possibilidade de renúncia do lugar de liderança do documentário, e como se deu a formação da liderança branca no projeto, ela afirmou que a situação foi manipulada de acordo com a conveniência e necessidade deles.

Ela descreve uma situação peculiar, que foi mote para minha inquietação diante do trabalho realizado, e a qual faço questão de trazer à roda de conversa para ser narrada sob o ponto de vista dos sujeitos de pesquisa:

> *"Entendi. É... a turma, de vocês, era de maioria negra, tá? Dos pesquisados que eu fiz pelo questionário, eu tive o retorno de 56,1% de negros. 42,9% pretos e 14,3% de pardos, né, a maioria negra que me respondeu o questionário e também a turma era de maioria negra. Mas aqui eu tô dizendo e também estou afirmando que a liderança desse projeto, ela foi branca. A liderança foi branca. E o que que você acha que levou os jovens brancos à liderança do projeto? A liderar esse projeto... o que que você analisando e aí tentando lembrar que, como você já se colocou, que você não se via como liderança, então você tá com um olhar de fora dessa liderança, então você vê essa liderança branca... o que você poderia dizer?"* (Fernanda, mulher negra).

Ao final do projeto, em 2017, foi realizada uma apresentação na instituição capacitadora de aprendizagem. Nesse momento, os jovens organizaram-se para que cada um que esteve à frente fizesse a apresentação do material sobre o projeto. A maioria dos jovens de pé no auditório para a apresentação era branca. Esse evento incomodou-me, então me questionei internamente: onde estão os aprendizes negros? Eu sabia que havia jovens negros talentosos, e não os vi naquele lugar de protagonismo. Luísa traz isso em sua fala, quando diz que não se viu como liderança, mas percebeu que as pessoas brancas ocupavam esse lugar. Ela alega que houve uma valorização da própria imagem pelos jovens brancos. Relata um fato que contrapõe o que foi dito pelos jovens brancos, quando alegaram que naquele momento não haviam percebido que a liderança do projeto era branca.

Luísa narra que houve um momento em que eles a chamaram e disseram que precisavam de alguém com representatividade durante a apresentação. Ela me narrou isso às gargalhadas. Os jovens brancos alegaram que por se tratar de um projeto de

diversidade não poderia ter somente pessoas brancas falando, por isso a convidaram para o palco. Antes de eu fazer minhas considerações sobre o fato, continuo apresentando a narrativa da Luísa. Ela acrescenta que ficou incomodada com a distribuição de falas para a apresentação, e sentiu-se injustiçada por ter tido uma fala pequena. Luísa é do teatro, gosta de falar e não tem problemas com público. Além disso, incomodou-se com o desejo dos sujeitos brancos em querer uma menina negra junto com eles na frente, na apresentação. Ela se preparou, teve sua fala reduzida, questionou o fato, e o Rafael decidiu que o texto ficaria daquele jeito mesmo, sem dar atenção à sua reivindicação. Ela conclui sua narrativa dizendo que "na hora do brilho, a galera não compartilhou":

> *"Então tipo, 'eu quero' e tal, daí eu me preparei. Só que eu achei que na hora ali, no momento, quando foi ali, agora é a hora, [áudio ruim] e eu comentei isso com eles: 'eu acho que eu estou falando pouco, eu acho que estou falando pouco demais', 'daí eu falo isso aqui e depois falo só lá na frente'. Daí o [nome suprimido] falou 'não, vai ficar assim mesmo' e eu peguei e falei 'não', e meio que tipo assim, na hora que teve o brilho a galera meio que não compartilhou, entendeu? Eu senti isso, mas eu falei 'ah, foda-se também'. Mas isso eu tenho plena consciência que eu senti de que pra mim foi estranho. Porque eles me chamaram, mas eu achei que eu falei muito pouco assim. Eu queria ter falado mais, eu queria ter desenvolvido mais assim. E eles não... não que eu ache que eles não me permitiram, mas eu acho que não teve esse cuidado assim, sabe? Eu falei, mas na hora ali eles cagaram."* (Luísa, jovem negra, 25 anos).

O ponto de vista de Luísa auxilia-me na identificação do pacto narcísico, do tokenismo e da objetificação do corpo negro como recurso. Sua narrativa elucida como a liderança manteve-se unida pelo pacto narcísico da branquidade, já discutido neste trabalho. Com o intuito de se proteger e resguardar o lugar de poder naquele episódio, utilizam o tokenismo – uma jovem negra – para dar a impressão de representatividade e diversidade no trabalho realizado. Esse recurso é muito utilizado pela branquidade em diversos setores da sociedade. O objetivo é resguardar o lugar de poder, os privilégios advindos dele e o conforto de estar nesse lugar. Luísa ainda traz a problemática do lugar de fala, pois considera que muitas vezes o sujeito branco traz a temática da diversidade em voga, mas não é ele que vive a experiência de se estar num lugar subalternizado, de desconforto, de ser julgado como o diferente. E conclui que apesar do projeto ter esse selo de diversidade, quem ficou como porta-vozes foram as pessoas brancas. Acha que eles "são aliados, mas quando precisam de fato conceder o espaço do lugar deles é mais difícil".

Luísa trouxe outro fato que não diz respeito à produção do documentário, mas ocorreu durante seu período de aprendiz em uma empresa petrolífera, na qual seu setor era composto por pessoas brancas:

> *"Então teve uma situação que me incomodou e que até é importante falar. Um dia que eu tava lá e todo mundo entrou para uma reunião, menos eu. Eles não me chamaram e eu tava lá na [nome suprimido]. E eu era muito amiga da estagiária lá, menina branca né, ela fazia estágio de engenharia de produção na UNIRIO, e engenharia de produção na UNIRIO é uma piada, todo mundo fica zoando porque é uma engenharia de produção voltada para o meio artístico. Então só sabe quem é de lá (risos). Então todo mundo fica falando da engenharia de produção da UNIRIO e ela fazia engenharia de produção lá e ela falava pra mim o quanto que ela queria trabalhar com cinema e, na época, eu estudava teatro e tal né. E eu 'nossa, vale muito apena, segue seu sonho e tal', mas enfim ela tava lá na [nome suprimido], era estagiária e tal. E aí eu lembro que eu comentei com ela tipo assim 'o que que aconteceu na reunião, [nome suprimido]?', ela era bem legal. Todo mundo ali do meu setor era branco. E aí ela disse 'nada de mais' e aí eu disse 'cara, eu acho que eu podia ter participado', daí ela falou 'eu também acho, você podia ter participado'. Ela me confirmou assim que eu podia ter participado e eu fiquei frustrada com aquilo. Tipo 'gente, não me chamaram e eu sou do setor, o que que tá acontecendo?'. E aí depois desse dia eu comecei a me apresentar: 'olha, você precisa de alguma coisa? Porque eu posso fazer...'. E aí ele começou a mandar trabalho pra mim. E aí eu comecei a fazer e os trabalhos foram aumentando assim, depois. Mas essa que eles não me chamaram eu fiquei chateada, 'poh, eu tô aqui, nem pra me apresentar assim que eu sou jovem aprendiz'. E nada, nada. Eles entraram na sala, todo o setor e tu sabe como é lá na [nome suprimido] né? É um negócio um do lado do outro, todo mundo levanta e você fica lá estranha né."* (Luísa, jovem negra, 25 anos).

Nessa fala, Luísa evidencia a hierarquia intelectual sustentada e reforçada pelo sistema de branquidade. Além de estar em um lugar de inexistência e invisibilidade, é uma mulher negra – essa interseccionalidade a coloca em lugar de inferioridade em comparação à estagiária. Assim age o sistema ardiloso, no qual só quem sofre percebe o que acontece. Para os demais, todos os eventos são tidos como naturais.

Essa naturalização habitual de olhar no entorno e ver tudo como correto, no seu devido lugar, também foi trazida por Rafael, quando ele descreve o quanto as pessoas que não fazem parte da branquidade são invisibilizadas. E para que sejam percebidas como pessoas, como viventes, é necessária uma desestabilização na estrutura circunstancial:

> *"E, de vez em quando, aparece essas grandes histórias e experiências que balançam as estruturas daquilo que a gente acredita e daquilo que a gente tem convicção. Então, eu acho que é bem isso. Existe esse incômodo*

> *positivo, isso é um pouco ilógico, mas eu acho que é esse sentimento que eu tive, de inspiração mesmo. Houve aquela coisa de 'a realidade é muito diferente da minha e olha que maneiro, que incrível, uma pessoa com esse grau de dificuldade de vida e eu aqui' (mostrando com as mãos estar degraus abaixo). E a pessoa a anos-luz assim, fazendo uma coisa que é grandiosa. Mas é uma grandiosidade das sombras assim, que não aparece, que não é vista, não é celebrada."* (Rafael, jovem branco, 26 anos).

As narrativas dos jovens brancos e da jovem negra levam-me a concluir o quanto é sensível a fronteira entre ser racista e antirracista. Apropriando-me da fala da Luísa, são micropoderes que se põem em disputa e tensão. Minha pretensão não é transformar esse trabalho em um tratado de como se medir o nível de antirracismo de sujeitos brancos, mas de demonstrar quão sutil é a relação de cooperação entre racismo e branquidade, como eles convergem para manter pessoas em lugares determinados e como eles adoecem a população negra em pequenas doses também.

> Quando dá um branco
> em um negro
> não há moreno que salve
> nem mulato que apague
> o lixo que vem contido
> nesse medo antigo
> de escravo.
> (CUTI, 2002, p. 42).

4 Considerações finais

Assim como o racismo estrutural leva-nos a reproduzir o racismo, o sistema de branquidade também impede o sujeito branco de romper com os privilégios oriundos da identidade racial branca e a brancura. Esse rompimento, até certo ponto, pode estar alheio à sua vontade. Ser antirracista não parte apenas de uma decisão individual. Essa atitude precisa ser revisitada a todo o instante durante a trajetória, uma vez que há o contexto, a circunstância, o viés inconsciente, o racismo guardado dentro da pessoa como objeto de memória que emerge do imponderável, das tensões nas relações sociais.

Como apresentado no início deste trabalho, busquei identificar possíveis estratégias utilizadas pelo jovens brancos para transpor as relações impostas pela estrutura da branquidade, e aprofundar as reflexões acerca do lugar social inerente à identidade racial branca, especificamente durante a juventude.

Antes de trazer as considerações acerca da minha investigação, elucido sobre o título da dissertação. Quando utilizo o determinante “clara” para designar a juventude branca foco do trabalho realizado, faço uma alusão à série Cara Gente Branca (*Dear White People*), série de televisão estadunidense baseada no filme de 2014 de mesmo nome. A intertextualidade com o título da série é restrita a isso, pois quando as pessoas brancas brasileiras são heteroidentificadas no exterior, não são lidas como pessoas brancas, e isso não é levado em conta por muitas pessoas brancas no Brasil. Por isso, dizer clara juventude branca não é uma redundância, pelo contrário, é uma forma satírica de dizer que “nem branco você é”. Explicar esse ponto é importante, porque essa série foi muito criticada no Brasil por não entregar uma reflexão mais convincente acerca da estrutura da branquidade e seu efeitos na sociedade estadunidense.

Ao final deste trabalho, reforço à inquietação que me trouxe a esta jornada acadêmica: os jovens brancos que lideraram o projeto distanciaram-se dos privilégios da branquidade ou os mantiveram na produção do documentário? Como disse no primeiro parágrafo, ser antirracista não é apenas uma decisão individual, por isso sugiro, com base no resultado da investigação, que os jovens brancos sujeitos da pesquisa não se distanciaram dos privilégios da branquidade, mesmo demonstrando em diversos momentos intenção de fazer diferente disso. Há um contrato racial que define o lugar do branco e do negro. Nem todas as pessoas brancas são signatárias ou se sentem

confortáveis com esse sistema, mas são beneficiárias diretas desse contrato. O fato de não ser racista não para a máquina do sistema de branquidade, infelizmente.

A branquidade constitui-se num sistema político não nomeado e, juntamente com o racismo sistêmico, possibilita interpretações errôneas de como combatê-lo. Posicionar-se diante de um racista assumido é muito mais fácil que apontar ao nosso aliado branco que sua ação foi racista mesmo não havendo a intenção. É isso que ouvimos na maioria das vezes: “não foi minha intenção”. Além disso, analisando o posicionamento antirracista no campo político, nós, negros, já sabemos a agenda da direita, mas na ala esquerda temos um ponto de chegada, como se dissessem “daqui pra frente não dá para seguir”, e para isso utilizam o identitarismo como justificativa. No entanto, toda pauta social, econômica e jurídica é identitária, mas em acordo com a identidade racial do branco, da norma, do padrão, da naturalização. Por isso, as tentativas de combate a esse sistema nem sempre são eficazes.

Infelizmente, nesse percurso, não foi possível identificar se os jovens brancos conseguiram compreender a violência que o branqueamento e a redução ao essencialismo do discurso de igualdade engendram como mecanismos que atuam de forma a dissimular os discursos que acobertam o racismo e estabelecem a manutenção das relações de subalternidade (silenciamento/ausência como sujeito) e supremacias. Ter consciência dessa complexidade contribui para uma prática antirracista e de afastamento dos privilégios da branquidade de forma individual. Isso porque há diferentes estratégias de como os brancos mantêm e protegem suas posições, e diversos fatores contribuem para esse comportamento, tais como:

a) individualismo – uma ideologia que isenta o branco das forças de socialização. Generalizar o branco é um acinte. Exemplo: eu não sou como todo mundo. Ou ainda, como trazido durante a roda de conversa:

> *“tipo assim, pegando um pouquinho do que vocês dois falaram aí... tem certas reflexões, que do nosso ponto de vista, com a cor da nossa pele a gente não consegue pensar. A gente tá num lugar de conforto que as vezes a gente não sai. E no nosso dia a dia às vezes a gente só consegue pensar nisso quando você traz isso pra gente, quando você incita na gente esse incômodo, essa questão e a gente fala...”* (Rafael, jovem branco, 26 anos).

> *“E aí, graças a Deus o meu grupo específico de amigos aqui, todos eles formaram, todos eles tão bem pra caramba na fita. Pretos. Bem pra caramba na fita. E são pessoas muito boas de cabeça, muito inteligentes. Alguns deles muito mais do que eu.”* (Rafael, jovem branco, 26 anos).

b) meritocracia – trabalhei muito, me esforcei muito, “meus pais escolheram investir em mim”, como relatou o jovem sujeito da pesquisa. “meu pai e minha mãe sempre puderam e me forneceram essas melhores oportunidades.” (Rafael, jovem branco, 26 anos).
c) binômino bem e mal - a ideia simplista de que o racista é uma pessoa ruim, que conscientemente não gosta das pessoas baseando-se em raça. Logo, se sou uma pessoa boa, não posso ser racista.
d) superioridade internalizada – pergunte a uma criança o que ela quer ser socialmente ao crescer. Na fala do Rafael também iremos encontrar indícios dessa normalidade naturalizada que blinda a pessoa branca.

> *“A gente cresce escutando certas coisas, a gente cresce aceitando certos valores, porque é natural. A gente achou tesouro onde as pessoas não olham. Acho que essa é minha coisa assim, saca? Tipo assim, a gente vê muitas histórias de sucesso por aí e o sucesso padrão, ocidental, aquela coisa normal.”* (Rafael, jovem branco, 26 anos).

A importância de ultrapassar a bolha de proteção, ter letramento racial, desenvolver empatia com quem tem vivência diferente da sua são requisitos para uma mudança de comportamento para o antirracismo. Assim demonstra Rafael em suas declarações:

> *“enfim, pra mim foi muito positivo pelo menos por isso de sentar e ouvir a história da pessoa e também ter essa percepção com pessoas ao nosso redor, família, de tudo que a gente tem. Então, não sabia da história, mas falava “ah, beleza, essa história...”. Tinha uma profundidade, uma imersão, uma vontade de saber mais, entendeu? Aí depois disso a gente, pelo menos eu, parei e conversei com todo mundo e até hoje assim “cara, vou sentar com alguém e essa pessoa vai me ensinar alguma coisa”, principalmente com pessoas mais velhas e com outras histórias, mais de entender mesmo o lado do outro.”* (Rafael, jovem branco, 26 anos).

> *“o quão complexo é a realidade de cada pessoa, o quão a gente é inábil para ajudar, para entender certas coisas, certos processos, e o quão maior do que a gente certas coisas podem ser."* (Rafael, jovem branco, 26 anos).

> *“ficou uma coisa muito assim pra mim de ‘para e pensa antes de falar alguma coisa’, ‘as coisas são mais profundas do que parecem ser’, ‘a realidade, o tecido social ele é complexo’, ‘cada ser humano é um mundo diferente completamente diferente do outro’. Que carrega histórias de classe, histórias de grupos sociais de onde vem, mas também carrega uma individualidade forte, histórias que é um universo diferente.”* (Rafael, jovem branco, 26 anos).

Quanto aos brancos conscientes de seus privilégios, eles estão espalhados por diversos lugares sociais. Não convivemos abertamente com os nacionalistas extremos, mas com os liberais abertos que interagem com todos sendo agradáveis, bem-intencionados, aliados, mas continuam gerenciando e mantendo a situação do negro no mesmo lugar. São as sutilezas, os assédios. Eles não podem se isentar nessa configuração, não há branco convertido, não se tem menos racismo. Digo isso porque o pensamento é: quando me converto, passo a ser complacente; vou ter a certeza de que não sou, e ficarei na defensiva quando for questionado. Por isso não podemos deixar de "pregar" para o convertido. É preciso que o branco aliado se pergunte como fazer parte dessa construção e como pode intervir nela todos os dias.

Acredito muito que o conhecimento, a informação e o letramento possam fazer mudanças internas que se refletirão nas ações, no discurso e comportamento. De nada adianta promover a diversidade e inclusão em espaços, se os sujeitos brancos que sempre estiveram naquele lugar de poder não se tornarem conscientes e preparados para lidar com o outro. Esse é o ponto básico para que um aliado inicie sua prática antirracista, em posição de escuta muito maior que a de fala. Normalmente, esse aliado requererá um espaço seguro para seu antirracismo, dessa forma ele continua sendo o centro das relações, quando sua prática deveria estar voltada para o compromisso e a responsabilização de criar um espaço inclusivo e acolhedor.

Percebeu-se em algumas falas dos jovens brancos pesquisados o contrário disso, quando eles atribuem à falta de interesse da maioria na produção do documentário, composta por jovens negros, e buscam justificar a falta de comprometimento para ser líder.

Durante esta investigação, ficou evidente a dificuldade do sujeito branco quando é colocado no centro como objeto de análise. Os sujeitos da pesquisa demonstraram desconforto ao serem questionados sobre sua consciência racial e antirracismo, porém, com outros sujeitos brancos em outros setores da sociedade, é perceptível a fragilidade deles. Precisa-se de pouco para que pessoas brancas tenham uma erupção de reações como raiva de autodefesa e tristeza, mas o impacto dessa fragilidade não é nada frágil, é mais como um vidro quebrado, porque, por trás disso, tem o peso de um poder institucional histórico e da autoridade judicial. Assim, transforma-se em arma de defesa, que funciona para impedir que desafiem suas posições de privilégios e conforto. Contudo, esta investigação demonstrou como o diálogo, a ação intencionalizada, o acesso ao letramento racial e a reflexão sobre o *status quo* podem trazer mudanças de discurso e comportamento.

Carta aos futuros pesquisadores

Neste espaço, desejo registrar esse momento ímpar na vida de milhões de pessoas no mundo: a pandemia causada pela Covid-19. Desde março de 2020, estivemos reservados em casa até à vacinação, em 2021. Que loucura imaginável viver uma situação dessa. Mais louco foi realizar um mestrado nessa circunstância.

Não quero tecer lamentos, pois a entrega deste trabalho, para mim, soa como uma grande vitória, algo que por alguns momentos achei que não fosse possível de acontecer. Desejo levar a você, leitor, esperança e fé, pois foi por meio dessa estratégia que cheguei até aqui. Saúde mental, criação de filha, trabalho doméstico, *home office*, processo judicial, impotência diante da fome de comida e de estudo de muitos, tudo isso se emaranhou no decorrer desse período que se conclui agora.

Em julho de 2019, nas primeiras aulas no campus do CEFET/RJ, era tanta vontade, energia, ideias – a felicidade estava estampada no sorriso. Adentrar o espaço acadêmico é uma conquista, mas sair dele é uma vitória. Por isso digo-lhe que caso esteja passando por dificuldades, assédio, desmotivação, lembre-se que houve uma turma de maioria de pretos, pretas e pretes que teve a coragem de estudar temas-dores, e enfrentou tudo isso durante um período de incertezas, ansiedade e insegurança. Não esmoreça, não entregue os pontos facilmente. Nós resistimos, e você também conseguirá. Acredite!

REFERÊNCIAS

ANPUH-BRASIL – 30º Simpósio Nacional de História – Recife, 2019.

ASHCROFT, B. *et al*. **Key concepts in post-colonial studies**. London: Routledge, 1998.

BASTOS, Liliana Cabral. **Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais** - uma introdução ao estudo da narrativa. Calidoscópio (UNISINOS), São Leopoldo, RGS, v. 3, n.2, p. 74-87, 2005.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. Branquitude - o lado oculto do discurso sobre o negro. *In*: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Psicologia social do racismo** - estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 147-162.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. doi:10.11606/T.47.2019.tde-18062019-181514. Acesso em: 30 set. 2020.

BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray. (org.). **Psicologia Social do Racismo. Estudos sobre Branquitude e Branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. 1983. Disponível em: http://www.observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/04/a-juventude-e-apenas-uma-palavra-bourdieu.pdf. Acesso em : 13 abr. 2021.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. *In*: **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 62-63, juin 1986. L'illusion biographique. pp. 69-72. Disponível em : http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335- 5322_1986_num_62_1_2317. Acesso em : 13 abr. 2021.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma Teoria da Prática. *In*: ORTIZ, Renato (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1994, n. 39, p. 46-86. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

BRASIL. **Decreto Lei nº 5.452 de 01 de maio de 1943.** Dispõe sobre a aprovação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Brasília, DF: Presidência da República, 1943. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em: 13 abr. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.097/2000.** Institui a Lei da Aprendizagem, ampliada pelo Decreto Federal nº 5.598/2005, de 10 de janeiro de 2002. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10097.htm. Acesso em: 13 abr. 2021.

BUTLER, J. **Gender Trouble**. Londres: Routledge, 2007[1990].

CANO, Ignácio. Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 14, no 31, set./dez. 2012, p. 94-119.

CARDOSO, L. **O branco "invisível": um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957-2007)**. (Dissertação de mestrado), Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. 2008.

CARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida da Silva (org.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. São Paulo: Summus, 2000.

CERQUEIRA, Daniel. **Atlas da Violência**. IPEA 2020

CHAVES, Luís de Gonzaga Mendes. Minorias e seu estudo no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 149-168, 1970.

CRENSHAW, Kimberlé. "Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero". **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

CUTI, [Luiz Silva]. **Sanga**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2002.

DANNER, L. F. A teoria da modernidade de Habermas e a questão do racionalismo ocidental: uma crítica à cegueira e à romantização do racionalismo. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 45-72, 2016. DOI: 10.11606/issn.2318-9800.v21i1p45-72. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/110859. Acesso em: 28 out. 2021.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação, n.24, p. 40-52, Set /Out /Nov /Dez 2003.

DIANGELO, Robin. **Não basta não ser racista sejamos antirracistas**. São Paulo. Faro editorial: 2020.

DU BOIS, W. E. B. **A Reconstrução Negra na América**. 1935.

DYER, Richard. **White**. London and New York: Routledge. 1988.

EDSALL, Mary D.; EDSALL, Thomas Byrne. **Reação em cadeia**: o impacto da raça, dos direitos e dos impostos na política americana. 1992. Chain reaction: The impact of race, rights, and taxes on American politics. WW Norton & Company.1992.

EM PALESTRA-PERFORMANCE, Grada Kilomba desfaz a ideia de conhecimento "universal". *In:* MITsp. São Paulo, 2016. Disponível em: https://mitsp.org/2016/em-palestra-performance-grada-kilomba-desfaz-a-ideia-de-conhecimento-universal/. Acesso em: 13 abr. 2021.

ERIKSON, Erik. **Identity**: Youth and Crisis. New York: Norton, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008, p.26-27.

FERNANDES, Florestan. “Prefácio”. *In*: F.H. Cardoso e Octávio Ianni. **Cor e mobilidade social em Florianópolis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo, 1972.

FERREIRA, A. O consenso de 11 de setembro (e aquela vasta conspiração da direita). **- Margens/Márgenes: Revista de Cultura**, periodicos.ufmg.br – 2002.

FERREIRA, L. F. “Negritude”, “Negridade”, “Negrícia”: História E Sentidos De Três Conceitos Viajantes. **Via Atlântica**, [S. l.], n. 9, p. 163-184, 2006. 2017. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50048. Acesso em: 13 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Vozes, 1975.

FONSECA, Jr. Eduardo. **Dicionário yoruba-português**. 2. ed. 1976.

FRANKENBERG, R. *White women, race masters: The social construction of whiteness*. USA: University of Minnesota. 1999.

FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquidade não-marcada. *In*. WARE, Vron (Org.). **Branquidade**: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 307-337.

GALTON, Francis. **Inquiries into human faculty and its development**. Nova Iorque: AMS Press, 1973.

GIL, Carlos, A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo, Atlas, 2017.

GIROUX, H. A. Por uma pedagogia e política da branquidade. **Cadernos de Pesquisa**, Julho 1999. 97-132.

GOLDBERG, D.T. 2009. **The Threat of Race**: Reflections on Racial Neoliberalism. Oxford: Wiley – Blackwell.

GOMES, Nilma L. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONÇALVES, M. M. S. **As alquimias da brancura**: análises de performances da branquidade na série de tv breaking bad. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ. Rio de Janeiro, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**, 1984, p. 3.

GROPPO, Luiz A. Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude. **Revista Desidades,** nº 14, ano 5, mar 2017.

GROPPO, Luís Antônio. “Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis”. **Em Tese**. Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015. ISSN: 1806-5023. http://dx.doi.org/10.5007/1806-5023.2015v12n1p4.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredro Preconceito de marca. As relações raciais em Itapetininga. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [en linea]. 1999, 14(41), [fecha de Consulta 21 de Octubre de 2021]. ISSN: 0102-6909. Disponível en: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10704111.

HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2006

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante. 2019.

HUNTER, Shona & GRIMES, Diane & SWAN, Elaine. Introduction: Reproducing and Resisting Whiteness. *In*: **Organizations, Policies, and Places. Social Politics** - SOC POLIT. 2010.17. 407-422. 10.1093/sp/jxq020.

KEHL, R. **Lições de Eugenia** (2aed.). Rio de Janeiro: Canton & Reile, 1935.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação – episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó. 2019.

LADSON-BILLINGS, G. Preparing teachers for diverse student populations: a critical race theory perspective. **Review of Research in Education**, v. 24, p. 211-47, 1999.

MACEDO, Yuri. ESCRITA ÌYÁLODÈ. **Revista Calundu** –Vol.4, N.2, p. 246-249, Jul-Dez 2020. DOI 10.26512/revistacalundu.v4i2.29647

MAIO. Marcos Chor. O Projeto Unesco e a Agenda das Ciências Sociais no Brasil dos Anos 40 e 50. **RBCS** Vol. 14 no 41 outubro/99.

MANNHEIM, K. El problema de las generaciones, **Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)**, n. 62, pp. 145-168 [“Das Problem der Generation”, in Wissenssoziologie. Auswahl aus dem Werk, hg. von Kurt H. Wolff, Neuwied/Berlin: Luchterhand, 1964, pp. 509-565; “The Problem of Generations”, in Essays on the sociology of knowledge, edited by P. Kecskemeti, Nova York: Routledge & Kegan Paul, 1952, pp. 251-273] [1928]. 1993.

MANNHEIM, Karl. “O problema da juventude na sociedade moderna”. *In*: Brito, Sulumita de (org.). **Sociologia da Juventude**: **da Europa de Marx à América Latina de hoje**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1968.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. “La juventud es más que una palabra”. *In*: Margulis, M. (org.). **La juventud es Más Que una Palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 25.

MARGULIS, Mario (org.). **La Cultura de la Noche**: La Vida Nocturna de los Jóvenes en Buenos Aires. Buenos Aires: Espasa Calpe, 1994.

MBEMBE. A. **A Crítica da Razão Negra**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MELO, G. C. V.; ROCHA, L. L. Linguagem como performance: discursos que também ferem. *In*: Rodrigues, M.G; Melo, G.C.V; Rodella, V.L.A; Câmara, N.S; Manzano, L.C.G. (Org.). **Discurso: sentidos e ação**. 10. ed. Franca: Unifran, p. 101-120, 2015.

MIGNOLO. Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. DOI 10.17666/329402/2017. **RBCS REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS** Vol. 32 n° 94 junho/2017: e329402.

MIRANDA, Humberto. **O menorismo nosso de cada dia.** 2019. Disponível em: https://emporiododireito.com.br/leitura/o-menorismo-nosso-de-cada-dia. Acesso em 25 nov. 2021.

MOREIRA, Camila. Branquitude é Branquidade? Uma revisão teórica da aplicação dos termos no cenário brasileiro. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 6, n. 13, p. 73-87, jun. 2014. ISSN 2177-2770. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/151. Acesso em: 23 abr. 2021.

MOURA, Clóvis. "O racismo como arma ideológica de dominação". 1994. Disponível em: http://marxismo21.org/clovis-moura-marxismo-e-questao-racial. Acesso em: 20 jul. 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil***:* identidade nacional *versus* identidade negra**.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978.

NAYAK, A. After race: Ethnography, race and post-race theory. **Ethnic and Racial Studies,** v. 29, n. 3, 2006, p. 411-430.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de marca. As relações raciais em Itapetininga.** Apresentação e edição de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. São Paulo: Edusp, 1998. 248 páginas.

OLIVEIRA, Tatiana. "Mídia e cobertura das cotas raciais". *In*: OLIVEIRA, Dennis de (orgs.). **A luta contra o racismo no Brasil**. São Paulo: Edições Fórum, 2017, p. 199-219.

OYÈWÙMÍ,Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PAIS, Machado. A construção sociológica da juventude -- alguns contributos. *In*: **Análise Social**, vol. XXV (105-106), 1990 (1.°, 2.°), 139-165.

PIZA, E. Porta de vidro: entrada para branquitude. *In*: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Org.). ***Psicologia social do racismo:*** **estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

PIZA, Edith. Adolescência e racismo: uma breve reflexão. *In*: Simpósio Internacional do Adolescente, 1, 2005, São Paulo. **Proceedings online...** Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100022&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 13 abr. 2021.

QUINTELA, A. C. **A aculturação e os galegos do Brasil**: o vazio galeguista. Tese (doutorado em História), Universidade de Santiago de Compostela, Santiago, Espanha, 2009.

QUIJANO, A. **Coloniality and modernity/rationality**. Cultural Studies, 2007, 21 (2-3): 22-32.

RACHLEFF, Peter. “Branquidade”: seu lugar na historiografia da raça e da classe nos Estados Unidos. *In*: WARE, Vron. **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, (org.) 2004, p. 97-114.

RAMOS, A. G. **Introdução Crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editorial Andes Limitada, 1957.

RAMOS, Marcelo H. B. **Racismo e supremacia como forma de hegemonia: diálogos entre Gramsci e a crítica da questão racial em uma perspectiva histórica**. PPGH – Universidade Federal Fluminense – CAPES/MEC.

RIO DE JANEIRO. TUTELA PROVISÓRIA INCIDENTAL NA MEDIDA CAUTELAR NA ARGUIÇÃO DE DESCUMPRIMENTO DE PRECEITO FUNDAMENTAL 635 RIO DE JANEIRO.

RODRIGUES, Nelson 1950. **Complexo de vira-lata**. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco: Wikimedia Foundation]. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Complexo_de_vira-lata. Acesso em: 03 dez. 2019, às 22h25.

RODRIGUES, Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rua dos Ourives, 95: Editora Guanabara, 1894.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Edições Almedina S. A., 2009.

SANTOS. Roberta da Silva Calixto. ***“Sou daltônico, não vejo cores”***: novas [velhas] estratégias de manutenção do racismo no brasil neoliberal. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ. Rio de Janeiro, 2020.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHUCMAN, L. V.; FACHIM, F. L. **A cor de Amanda**: identificações familiares, mestiçagem e classificações raciais brasileiras. Interfaces Brasil/Canadá. Florianópolis/Pelotas/São Paulo, v. 16, n. 3, 2016, p. 182-205.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, P.E. O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. *In*: **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Tania Muller e Lourenço Cardoso (org). Curitiba: Appris, 2017.

SODRÉ, Muniz A. C. **Pensar nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017, p. 9.

SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca no Brasil. In: WARE, Vron. **Branquidade**: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, (org.), 2004, p. 363-386.

SPIVAK, Gayatrí Ghakravort. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VAINER, Carlos B. Estado e raça no Brasil: Notas exploratórias. *In*: **Estudos afro-asiáticos**, n. 18, pp.103-18, 1990.

VIANNA, Oliveira. **Evolução do Povo Brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015**. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil. Rio de Janeiro: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais - FLACSO, 2015. Disponível em: http://flacso.org.br/files/2017/04/mapaViolencia2015_adolescentes-1.pdf. Acesso em: 03 dez. 2019.

WARE, Vron (org.) **Branquidade**: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

WIEGMAN, R. 1999. **"Whiteness Studies and the Paradox of Particularity".** Boundary 2(26): 115–50.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura.** São Paulo: Zahar, 1979.

APÊNDICE A – Questionário mapeamento de jovem aprendiz

Mapeamento de Jovem Aprendiz

O objetivo deste questionário é mapear o perfil do jovem concluinte da Capacitação Profissional do Programa de Jovem Aprendiz no ano de 2017, orientada pela Educadora Social Fernanda Santos. Trata-se da primeira etapa para seleção de entrevistados da pesquisa de dissertação de mestrado em Relações Étnico-raciais do CEFET/RJ, com foco em Juventude.

Consentimento

Informamos que os dados colhidos neste formulário ficarão guardados por 1 ano, respeitando as diretrizes da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), não serão divulgados e não haverá publicização da referência entre nome e respostas. Assim, garantimos que toda informação divulgada cientificamente será anonimizada. Para que você possa participar do estudo, é necessário informar seu consentimento. Por favor, assinale a seguir:

1.EU:

- ☐ Aceito participar desta pesquisa.
- ☐ NÃO aceito participar desta pesquisa.

Questionário

2. Nome completo

3. Seu melhor e-mail de contato:

4. Número de WhatsApp com DDD:

5. Data de nascimento

6. Em qual cidade você mora?

7. Em qual bairro você mora?

8. Qual seu gênero?

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Prefiro não dizer

9. Como você se autodeclara raça/cor segundo o IBGE?

- ☐ preto
- ☐ pardo
- ☐ branco
- ☐ amarelo
- ☐ indígena

10. Qual era sua escolaridade em 2017, durante a capacitação de Jovem Aprendiz?

- ☐ Nível médio concluído
- ☐ Nível médio cursando
- ☐ Nível Superior cursando

11. Qual a sua escolaridade atual?

- ☐ Nível médio concluído
- ☐ Nível Superior concluído
- ☐ Pós-graduação em andamento
- ☐ Pós-graduação concluída
- ☐ Parei de estudar
- ☐ Realizei curso técnico direcionado à minha área de atuação
- ☐ Cursando curso técnico direcionado à minha área de atuação

12. Domina algum idioma diferente do português?

- ☐ Outro:
- ☐ Inglês

- [ ] Espanhol
- [ ] Francês

13. Você foi indicado por alguém a vaga de Jovem Aprendiz em 2017?

- [ ] Sim
- [ ] Não

14. Onde ocorreu sua entrevista de seleção?

- [ ] Na empresa contratante
- [ ] Na instituição capacitadora
- [ ] Nos dois lugares
- [ ] Não passei por entrevista

15. Qual era a área de atuação da empresa contratante?

- [ ] Outro:
- [ ] Área de Petróleo
- [ ] Área de Saúde
- [ ] Área de Suprimentos
- [ ] Área de Logística
- [ ] Área de Facility

16. Você foi efetivado?

- [ ] Sim
- [ ] Não
- [ ] Pedi demissão antes do término do contrato para ir para outra oportunidade
- [ ] Fui dispensado antes do término do contrato

17. Trabalha em que atualmente?

18. Você fez parte da produção do Documentário Empowerment (ProjetoSomos)

- [ ] Sim
- [ ] Não

19. Qual foi sua(s) atuação(ões) na produção do documentário

- [ ] Arte final
- [ ] Equipe de Gestão
- [ ] Equipe de Financeira
- [ ] Equipe de Comunicação
- [ ] Entrevista de Campo
- [ ] Edição audiovisual
- [ ] Captação de imagem
- [ ] Captação de som
- [ ] Roteiro
- [ ] Curadoria (concepção da ideia)
- [ ] Escrita do Projeto Executivo para Lei de Incentivo

20. Em julho e agosto de 2017, quando você esteve como jovem aprendiz, qual era sua concepção sobre ser jovem?

21. Atualmente, qual a sua concepção sobre a sua Juventude?

ANEXO A – Transcrição roda de conversa

Miguel: Olá, bom dia!

Fernanda: Bom dia!

Rafael: Bom dia!

Fernanda: Bom dia!

Miguel: Qual é?

Fernanda: Como vocês estão?

Rafael: Bem, professora. Tudo certo.

Fernanda: Arrasou!

Miguel: Tô bem também!

Rafael: Um pouquinho de ressaca... (risos)

Fernanda: Eu não tô muito bem não... tá em ressaca? Não acredito! (risos)

Rafael: Faz parte... (risos)

Fernanda: Ah, gente. Vida louca essa nossa ein. O que que aconteceu com essa nossa vida?

Miguel: Só tomando uma cervejinha mesmo...

Fernanda: Pois é. E eu nem sei a última vez que eu bebi... Tá difícil, tá brabo aqui pra tia, tá brabo... Vamo lá, vamos lá que é manhã de domingo. Né? Tivemos que acordar cedo. E eu fiz aí, não sei se vocês conseguiram escutar a música, ver a foto...

Rafael: Chega, eu quase choro. Eu sou emotivo. (risos)

Fernanda: É, Rafael?! (risos)

É, então, e aí? Nesse momento então que chegaram, que viram, o que que vocês sentiram?

Ah, sim. Tô gravando, mas essa gravação não vai ser disponibilizada, é apenas para depois eu fazer a transcrição. Tá bom?! Do áudio de vocês.

É... e aí, o que que vocês sentiram?

Rafael: É cara, eu falando por mim, obviamente. Foi um momento muito especial, em geral, na minha vida. Pena que foi curtinho. É, mas marcou muito assim. De maneira geral foi uma das coisas que fiz da minha vida que mais foram gratificantes. É doido né,

mas assim, tive várias outras experiências depois disso, eu brinco como Estagiário Sênior (risos). Em vários lugares, em vários anos.

Fernanda: E ralaram né, ralaram um pouquinho... (risos)

Rafael: Isso aí, mas... foi muito, muito especial mesmo, em várias dimensões. E eu até me emociono assim, sem exagero. Sem exagero mesmo.

Miguel: Eu... cara, não lembrava dessa música real e cara, eu acho que essa música deu todo um 'tchanzinho' pro negócio assim. E eu não lembrava. E a gente vê ali as nossas fotos ali né, há quatro anos atrás, quatro ou mais talvez, não me lembro.

Fernanda: Quatro, 17, 2017.

Miguel: Foram quatro anos. É meio bizarro, mas e assim, é completamente especial pra mim também. E foi uma época que, cara, não vou dizer que não tinha perrengue. Mas assim, em 30 pessoas a gente tinha que fazer um grande trabalho em grupo né, como foi. Mas assim, a gente, enfim. Uma galera se junto e "cara, vamo tocar isso" e, foi bem maneiro. Acho que o resultado ficou bem maneiro.

É... pra mim olhando, eu falo do primeiro vídeo, que eu bati no peito naquela época de "poh, sei editar, sei editar e a gente vai fazer esse negócio". Da mesma forma que o [nome suprimido] falou à época "poh, sou designer, sou designer". Cara, ele tava no primeiro período. Foi poh... (risos)

Mas cara, ele fazia, era pra fazer... E aí, mas é maneiro cara. É um vídeo que... é um projeto que eu olho com muito carinho, acho que até hoje eu recebo alguma notificaçãozinha de pessoas se inscrevendo no negócio, sendo que o negócio está parado. É... mas é maneiro cara. Olhar para trás assim e ver que é possível você fazer várias coisas. Pra mim, assim, pelo menos. Você fica meio assim "ah, será que eu consigo fazer um negócio assim, um projeto mais longo, uma parada assim?", você olha e fala "poh, é possível fazer!". Aí a gente olhou ali e foi maneiro. Cara, tinha gente que eu nem lembrava a cara aí e foi maneiro ver de novo.

Fernanda: E as caras estão diferentes, né? (risos)

Miguel: É, mais ou menos assim.

Fernanda: Tá! E agora me digam uma coisa, vocês lembram o que motivou vocês a ideia? Eu lembro rapidamente a ideia... Mas, assim, o que que aconteceu? Teve algum incômodo naquela época que "vamos fazer", "vamos botar pra rua isso". Para definir, chegar até a ideia ali final do que seria executado?

Miguel: Cara, pelo o que eu lembro, a ideia como foi. Eu acho que a gente teve alguma aula relacionada ao tema. A partir de alguma aula que as pessoas estavam dando ideias diversas assim. E as ideias meio "básicas", mas para algo que a gente poderia fazer algo bem maior. Ah, eu acho que foi logo depois do depoimento daquele nosso amigo, o [nome suprimido], sobre o pai dele. Aí a gente olhou assim e gerou um burburinho assim, e aí gerou a ideia e "cara, vamos fazer". E acho que a partir daí, tipo assim, meio

que centrou. E acho que você Fernanda, meio que olhou e falou “vai fazer isso? Então vamos centrar, vamos dividir como vai fazer”, porque tava todo mundo perdido. Vai fazer o que?

Rafael: Confusão...

Miguel: É, e eu acho que a parada começou meio que uma baguncinha, só que depois a gente meio que já tava no meio do processo, entendeu? Uns foram desistindo, uns foram se importando bem mais e já tava no meio do processo. E a gente “poh, não vamos desistir agora”. E aí botou um cabeça de cada um para “e aí, tu quer ajudar na gravação? Então vamo embora...”, e aí a gente ia. A gente fez acontecer lá a parada. E eu acho que foi tipo umas duas semanas para finalizar o projeto. Tinha um mês, só que de uns 15 dias de um projeto rolando e não tinha nada pronto, nada efetivamente, era muito um papo de ideias ainda, um papo de “tinha que marcar coisa”, coisa até que já tava marcada, mas enfim.

Mas eu acho que o que engrenou mesmo foi, óbvio, na parte da ideia inicial a partir de uma aula de um depoimento de um colega sobre o pai dele que foi bem sinistro. E depois foi porque a gente já tava fazendo e tava com vontade mesmo de fazer o projeto acontecer e “ah mano, vamo embora e a gente assume aí três ou quatro coisas nessa carguinha ai que a gente der e só vamo”.

Fernanda: Por que o que o [nome suprimido] falou é... incomodou né? Na verdade foi um incômodo né, tirou do conforto. Que que vocês acham?

Miguel: É... eu acho que assim, eu acho que eu não esperava de forma nenhuma ouvir um relato bem... muito forte. Primeiro que as pessoas não se abrem tanto na frente de uma galera, segundo que foi um relato muito forte. E eu não lembro direito como era a história do pai dele, mas parece que primeiro ele era um bandido, depois ele saiu dessa vida e retomou e teve uma outra vida, nessa vida ainda, teve outro caminho. E eu não sei. Eu acho que despertou uma coisa tipo assim de “bah cara, não é só o pai do [nome suprimido], não é só o pai do [nome suprimido] que está passando isso, não é só ele que está nesse recomeço”. E aí, como é que é?

E a gente fez uma coisa ali, que eu lembro que teve o [nome suprimido] que estudou comigo no ensino médio e tinha Síndrome de Down, umas outras pessoas assim... mas eu acho que foi muito isso. Eu lembro vagamente assim...

Fernanda: O que você lembra, Rafael?

Rafael: É, professora. Eu concordo com a maneira que se desenrolou que o Miguel descreveu né, a maneira como a história... É, a coisa ganhou vida depois dessa faísca né. Pegou fogo. Tomou vários rumos diferentes, dimensões diferentes. E as pessoas foram dando ideias e a coisa foi fervendo. Mas teve esse sentimento, eu acredito, que também, por esse primeiro sentimento foi o fascínio né, pela história do outro. Pela a grandeza da história de alguém que a gente não conhece e que as vezes é tão mais complexa do que a nossa história mesmo.

Então, a gente tá... nós somos ainda pessoas novas, naquele momento, mais ainda. Descobrindo, entendendo o mundo ao nosso redor. Entendendo a história de outras pessoas que não são iguais a nossa. Muito diferente, às vezes. E a gente ficou fascinado pela aquela história, pela aquela diferença. E “caraca, que doido, existe uma história assim”, “uma pessoa passou por uma coisa desse tamanho, dessa dimensão, dessa magnitude”. E poh, isso é inspirador. Isso é diferente. Isso dá pra gente uma perspectiva diferente do que a gente tava acostumado até agora de enxergar a vida, de sei lá, pensar. E cara, a gente pensou que deve ter do lado de fora... “a gente vai encontrar história tão grande quanto essa. E acho que isso vai mover, inspirar, emocionar”, enfim, trazer esse sentimento que acho que foi o pilar central da coisa assim, do Somos. Trazer essa inspiração, essa perspectiva de grandeza, vinda de histórias muito maiores do que a nossa. E eu acho que foi esse sentimento que me moveu naquele momento, de fascínio por uma coisa que “caraca... como é possível, né?”. Porque né, eu não consigo comparar a minha vida, por exemplo, com essa história do pai do [nome suprimido]. Um cara que tava na vida do crime, depois deu a volta por cima e mudou e girou e foi capaz de... e a gente viu tantas outras histórias tão grandes e boas assim no projeto. É, realmente foi uma coisa muito, como eu posso dizer, pesada assim. No sentido bom da coisa. Foi grandioso, pra mim, né. Apesar de ter sido um curto período de tempo foi realmente muito marcante. Por conta disso mesmo, a gente ouviu histórias e ideias que mudam, mudam definitivamente a nossa perspectiva, nossa opinião, nossa dimensão das coisas. E acho que foi isso, pra mim, no meu caso, foi esse fascínio, essa curiosidade, que “caraca, cara”, como que a coisa pode ser tão mais diferente das coisas ao nosso redor, como pode ser tão mais profundo.

Fernanda: Uhum... E vocês acham que agora, aproveitando a fala do Rafael, aquilo que a gente tá acostumado a ver, vocês conseguiriam agora conceituar por que aquela história impactou tanto aquele momento? Claro, vocês estão dizendo que algo foi diferente para vocês, mas por que foi diferente? Ou na situação de vocês, como pessoas, entende, o que que vocês poderiam exemplificar o que seria? Claro, muitas histórias impactam a gente... e é, alguns depoimentos ali foram fodas mesmo e... mas, naquele momento ali se vocês se olhassem, por que que eu estou vendo o outro como diferente? O que que nos difere naquele momento?

Miguel: Cara, eu... acho que a partir... cara, eu acho que. Não, eu tenho certeza. Naquele momento ali nós éramos 30 pessoas, cada uma com as suas realidades. Cada um com seus privilégios, eu acho que é esse nome: privilégio. A gente não... eu, tipo, sempre estudei em colégio público da 6ª série pra cá, então tipo, eu já estudei com bandido, já estudei com filhos deles. Então era bem assim, o colega tá ali com a gente e tipo dois meses depois ele não tá mais. E ai isso me retornou, me lembrou essas coisas. E eu acho que é isso, dos nossos privilégios. E todo mundo ali era Jovem Aprendiz, todo mundo tem sua realidade, tem os seus privilégios, e não tem como fugir muito dessa palavra, porque é isso. Um mora em cada lugar, cada um tem uma vivência. E a vivência do [nome suprimido] era aquela e era muito forte, entende? Por mais que eu já tinha estudado com... eu já perdi colegas, minha vó mora no Morro Fonseca... mas cara, completamente diferente de uma favela no Rio, em que acontece outras coisas e

a vivência mesmo, muito sinistra. E algo que a gente vê né, geralmente em jornais ou coisas assim. E algo que a gente fica realmente impactado.

Fernanda: A notícia distancia, né?

Miguel: E você se distancia, não tem jeito. Você fica assim “caralho... quão forte esse moleque tá sendo de contar, de abrir essa história assim”. E aquele momento ele se sentiu, ele era um cara super quieto e do nada ele abriu a boca e soltou e “cara, caralho, que parada é essa?”. E tipo, pelo menos pra mim, foi naquele momento que pelo menos a gente decidiu o negócio, que já tava seguindo pra esse rumo, como tocou o [nome suprimido] deixou ele confortável pra falar, entendeu? Ele se senti aberto ali e acolhido depois e enfim, eu acho que pra mim é muito isso, é muito isso. É muito do privilégio que a gente tem, que a gente ouve todos os dias das pessoas que moram no Rio notícias assim, coisas assim. Pessoas inocentes morrendo, né? E houve uma história de superação de um cara que tava na vida do crime e saiu, que era pai de um colega que tava ali. Tinha um contato, só que não era tão grande, mas ele se sentiu confortável a ponto de abrir uma das histórias da vida dele, que foi a do pai, que emocionou a todo mundo. Então eu acho que é muito isso.

Fernanda: Uhum... e você?

Rafael: Eu concordo, professora. Também, eu acho que puxando até um gatilho no direcionamento que a senhora deu há poucos minutos atrás na questão do incômodo por ser uma realidade totalmente diferente que a nossa, não só no difícil, mas toda uma realidade, mas é “Caraca, cara! Como é que acontece isso e eu tô preocupado com isso aqui no meu cantinho?”. Faz muito a gente se questionar, sair da zona de conforto mesmo, se questionar do nosso próprio mundo, das nossas próprias dimensões. Mas é aquilo, como o Miguel disse, isso não é legal de falar, mas como carioca, infelizmente, morador da zona norte, a gente tá acostumado mesmo com todos os privilégios que eu tive na minha vida. Sempre estudei em particular, em colégio na zona norte no RJ. Minha família, assim como boa parte das famílias brasileiras, ascendeu a classe média ali no governo Lula 1, Lula 2. Então, sempre morei na zona norte. E cara, essa realidade é infeliz, mas realmente é a realidade, eu tenho amigos que viraram bandidos, morreram... eu fui criado em Acari, depois morei em Pilares, então, tipo assim, eu tenho até hoje, 50% das minhas amizades são de favela. Apesar de tudo isso eu tive contato com essa realidade mais bruta do que a minha, que apesar de ter convivido com essa galera eu sempre tive mais oportunidades, meu pai e minha mãe sempre puderam e me forneceram essas melhores oportunidades. Mas, mesmo assim, mesmo tendo esse contato lateral com essa realidade, algumas coisas ainda sensibilizam, sensibilizam mais, incomodam mais, como a senhora disse. Porque... mas nesse caso é um incômodo positivo, eu acho. Não sei se a gente pode falar essa palavra, se a gente pode fazer essa lógica “incômodo positivo”. Mas, porque é inspirador.

O [nome suprimido] foi uma história, foi a faísca da coisa. A mais... Poh, o [nome suprimido] é um cara que faz engenharia no CEFET cara. O cara é engenheiro. E poh, o pai dele é um cara que saiu da vida do crime, deu a volta por cima, virou um mecânico

e criou um filho que o maluco é engenheiro. Então cara, essas paradas a gente olha e fala “poh, sensacional, velho!”.

Poh, numa escala faz a gente repensar o que é sucesso também. Vários valores, várias coisas que a gente carrega que já são pré-moldados ali meio que involuntariamente. A gente cresce escutando certas coisas, a gente cresce aceitando certos valores, porque é natural. E, de vez em quando, aparece essas grandes histórias e experiências que balançam as estruturas daquilo que a gente acredita e daquilo que a gente tem convicção. Então, eu acho que é bem isso. Existe esse incômodo positivo, isso é um pouco ilógico, mas eu acho que é esse sentimento que eu tive, de inspiração mesmo. Houve aquela coisa de “a realidade é muito diferente da minha e olha que maneiro, que incrível, uma pessoa com esse grau de dificuldade de vida e eu aqui” (mostrando com as mãos estar degraus abaixo). E a pessoa a anos-luz assim, fazendo uma coisa que é grandiosa. Mas é uma grandiosidade das sombras assim, que não aparece, que não é vista, não é celebrada. É uma grandiosidade... E eu acho que essa é a coisa do Somos, entendeu?! A gente achou tesouro onde as pessoas não olham. Acho que essa é minha coisa assim, saca? Tipo assim, a gente vê muitas histórias de sucesso por aí e o sucesso padrão, ocidental, aquela coisa normal. E essa história do [nome suprimido], por exemplo, é sucesso. E cara, eu até esqueci o nome do babalawo...

Fernanda: [professor nome suprimido].

Rafael: Cara, o [professor nome suprimido] foi uma história que me tocou muito cara. Eu não conhecia antes. E foi uma história de presença, foi forte. A gente conversou muito sobre essa experiência no dia. E cara, a gente, poh, vim e tal, ir lá na UFRJ bater na porta dele. Uma coisa que hoje em dia eu olho e falo “poh cara, como é que eu fui capaz de fazer isso, cara? Eu sou todo tímido” (risos). E aí, mas foi incrível assim, foi uma experiência muito boa. Foi um momento... o [professor nome suprimido] ele tem uma presença forte, uma coisa forte, que eu não sei nem explicar o que acontece, mas o cara chegava no ambiente e a gente sabia que ele tava lá e não precisava nem ter visto ele. Então, tinha uma força naquela... não só na história, mas na presença, no processo. E foi muito definidor, de várias ideias, de várias maneiras dais quais eu me identifico de enxergar o mundo hoje em dia. Então, eu acho que é isso.

Miguel: Cara, eu acho, só dá um adendo aqui. Eu acho que o [professor nome suprimido], principalmente desse lado da história, foi um grande... é, indiretamente ele contribuiu muito no nosso modo de pensar ali, foi o que eu falei, no meio do processo ainda. A gente já tinha feito um acordo... não, foi justamente isso que a gente fez depois de 15 dias que a gente entrevistou ele, a gente parou pra fazer e ele falou “cara... eu vou ser bem sincero, eu posso marcar outra data com vocês”, foi tipo “meio que se organizem”, entendeu?! Porque a gente tava fazendo histórias ali, perguntas genéricas para um cara que tava mandando uma grandiosidade enorme de coisas, então a gente meio que chegou e “cara”, foi meio o que o Rafael falou, “tem alguma coisa aí, alguma coisa de presença”. Enfim, uma experiência acho que bizarra. Bizarra não, tipo, acho que assim, muito foda. Mas que a gente, naquele momento ali, falou “cara, não é só isso que tá errado”, “cara, não é”. Pela fala dele assim né, para quem tava ali, a gente falou “mano, não é só isso que tá errado”, “temos que nos preparar melhor para um

entrevistado, né? É o mínimo", "vamos ver o que tá atrás". Poh, e foi quando a gente começou a puxar desde lá do zero e puxar tudo de novo, a gente viu uma porrada de erro e falou "cara, a gente não vai fazer nenhuma entrevista até isso estar certo, entendeu?". Aí foi poh, a gente caindo encima das paradas e agilizava os outros. E as outras surgiram naturalmente.

A segunda entrevista com o [professor nome suprimido] foi bem melhor e bem mais fluída assim, uma troca mesmo direta. A gente fez bem mais perguntas certeiras e ele respondendo com outras e a gente já tendo outras para fazer encima daquela. Sem escrever nenhuma, só tendo um direcionamento mesmo, entendeu?

Então, o que é natural disso, mas assim, o que eu acho que foi uma troca absurda mesmo. E eu acho que foi meio que nesse momento que girou a chave ali e a gente foi começar a recomeçar, foi olhar lá atrás como é que foi feito o negócio, como é que a gente construiu, quais as etapas que a gente passou. Para rever tudo, para não perder e no final estar tudo certo, entendeu?! E aí, só dar um adendo...

Fernanda: E aí, aproveitando esse mote de vocês com os entrevistados, e depois desses encontros aí com os entrevistados? Tirando a mim, né, porque a gente já tava acostumado, né, mas principalmente os outros. Para vocês aí, particularmente... aí se vocês quiserem também citar alguma coisa que tenham trocado com outros, que estavam na equipe, podem citar também aí o que que vocês sentiram, o que que foi impactante ou não... né? O [professor nome suprimido] a gente sabe que é uma pessoa que a gente pode ficar ali né, tá, ouvindo...

Miguel: Exatamente... Cara, eu acho que foi muito isso, eu acho que o Rafael citou uma parada que a gente fica "né, puta, são histórias e a gente já sabe que o sucesso é relativo". E a partir dali a gente principalmente que teve essa percepção de que o sucesso é relativo, cada um tem o seu e eu acho que naquela época ali, a gente tava muito mais disposto depois daquela primeira troca, depois do [nome suprimido] e tudo mais, da gente ouvir as pessoas, entendeu? As pessoas são incríveis e elas ali, cada uma, tem a sua história e algo a te ensinar. Pelo menos eu, falo por mim, que eu comecei a ver com esses olhos, "cara, essa pessoa vai me ensinar alguma coisa, porque cara, ela tem uma história muito foda".

Então poh, tinha o [nome suprimido] ali, moleque que estudou comigo o ensino médio inteiro e depois se formou, eu acho que depois foi o primeiro guia turístico com Síndrome de Down de Niterói, e a gente vendo isso, a partilha disso. Então eu acho que teve percepções prós e contra, mas eu acho que o contra de um todo em volta, entendeu? Tinha o [nome suprimido] contando as dificuldades dele e a gente meio que assim "cara, como é que uma pessoa e tal consegue tratar uma pessoa assim, como é que é isso?" e tipo, no caso dele, por exemplo, e dele em específico, tinha os pais né... que eu até comentei isso, foi muito duro, que ele não conseguiu se soltar na frente dos pais dele desde a época do ensino médio. Tinha aquele, aquela vontade meio controladora, assim... Só que cara, não. O moleque tem liberdade, ele consegue fazer as coisas dele. Só que ele não queria isso o tempo todo, só que ele não conseguia falar, entendeu? E a gente via isso, tanto que na hora que ele falou "cara, a gente vamo fazer a entrevista?",

ele olhou pra mim e falou “pode ser longe dos meus pais?”, eu falei “pode, vamo lá no canto”. E daí a gente olhou pra cara deles e falou “desculpe, mas o [nome suprimido] não quer. Fala aí, [nome suprimido]...” e ele “é, eu prefiro ficar sozinho”. Mas ele ficou “assim oh”, com o olho assim (mostrando cara de espanto). E o moleque se soltou, ficou rindo, ficou não sei o que e eu “cara, é sinistro isso”. Então eu acho que assim, só agregou. Ao meu ponto de vista, só agregou mesmo isso, tentar tirar uma lição daquilo dali, entendeu?! Acho que foi uma... é aquilo, sentar e ouvir, entendeu?! A pessoa vai sentar e falar a sua história sem cortes, a gente prometeu e, obviamente a gente leu as perguntas, e só que “vamo botar a entrevista na íntegra só que dividida em partes assim, então você, por favor, pode falar a vontade” e a gente foi conversando e tentando deixar a pessoa mais confortável pra ela se abrir mais.

É, mas pra mim, só teve... é. Pra mim foi muito positivo, como um todo. E a parte “negativa” que teve, não um negativo barra positivo, talvez? É cara, que você chega e “como é que tem pessoas cagando pra essa pessoa?”, aí tu chega e “cara, não vou fazer isso com a pessoa”.

Bom, aí era cada vez ali e vivência. A gente indo ali no meio de Copacabana ir gravar com um cara lá e no momento a gente via as pessoas olhando, as pessoas passando por uma loga cara, olhando com uma cara tipo assim “ihmm” (cara de nojo). E tipo assim “mano, comigo não tem como”. E no meu caso depois eu fui fazer faculdade na Escola de Comunicação e aí foi a cabeça abriu e tudo fez mais sentido.

Coisas, né, pegando lá o passado e a gente... enfim, pra mim foi muito positivo pelo menos por isso de sentar e ouvir a história da pessoa e também ter essa percepção com pessoas ao nosso redor, família, de tudo que a gente tem. Então, não sabia da história mas falava “ah, beleza, essa história...”. Tinha uma profundidade, uma imersão, uma vontade de saber mais, entendeu? Aí depois disso a gente, pelo menos eu, parei e conversei com todo mundo e até hoje assim “cara, vou sentar com alguém e essa pessoa vai me ensinar alguma coisa”, principalmente com pessoas mais velhas e com outras histórias, mais de entender mesmo o lado do outro. E eu acho também naquele momento de ver, porque a gente tava muito pra esse lado também de ver como que a sociedade em si lidava com ele. Não com ele, mas de como essa pessoa ficava no meio da sociedade, como a sociedade lidava com ele. E a gente começou a ver coisas horríveis assim. De xenofobia e, até mesmo da família do [nome suprimido]. Cara, isso não sai da minha cabeça assim, lá do pai dele. E cara, controlando mesmo, queria ficar perto, as vezes ele falava e ele tentava completar e dava vontade de falar “cara, para e deixa o moleque falar, entendeu? Você não tá falando por ele”. Então poh, na hora que ele falou que queria fazer sozinho a gente ficou “poh, alguma parada ali tem, ele vai soltar mais”. E bom, de fato, a gente foi lá pra trás e isso a mãe dele a gente conversou com ela, ela ficou toda sem graça, mas mesmo assim melhorou. Mas eu acho que é muito isso, pra mim foi bem positivo, bem impactante nesse sentido de parar e escutar o outro e absorver muito essa história, entendeu? Tem os porquês né, o porquê a pessoa está fazendo assim, não era pra ser assim, sacou?!

Rafael: É, tinha essa pegada social e tal, realmente, no trabalho, de a gente entender como o Miguel bem disse, não só a questão de como a pessoa se enxergava, mas esse

paralelo de como a sociedade enxergava essa pessoa, como as pessoas em geral enxergavam essa pessoa. Foi bem legal, bem interessante. E... é, cara, no meu caso assim, eu acho que a parada que mais ficou, e cara, muitas coisas ficaram, obviamente. Mas eu acho que o que mais ficou é cara, o quão complexo é a realidade de cada pessoa, o quão a gente é inábil para ajudar, para entender certas coisas, certos processos, e o quão maior do que a gente certas coisas podem ser.

É... então, a questão de sucesso também, sucesso relativo, essas coisas que a gente vem falando aqui. Cara, a história do [nome suprimido] é uma história incrível, cara. Poh, o cara veio lá da Síria fugindo de conflito, veio aqui empreender, veio aqui viver e ganhar a vida e poh, foi desrespeitado publicamente. E poh, tava lá feliz, tava lá sorrindo... "Poh, o Brasil, amo esse país", não sei o que. E cara, aquelas paradas mexem com a gente. A própria histódia do [nome suprimido] também... a cara, todas as histórias mexeram comigo em algum grau assim, em questão de empatia. E a gente enxergar também o lado ruim. E eu acho que ele passou bem o lado ruim. Por sermos inábeis, a compreender a história do outro com a grandeza que ela merece, de maneira geral. As pessoas tendem, e eu acho que isso é ignorância mesmo, as pessoas fazem maldade, crueldade. São xenófobas, enfim, tendo todo o time de preconceito que a gente pode imaginar, infelizmente recai sobre pessoas, sobre esse público que a gente decidiu captar a história, que é um público marginalizado: pessoa com Síndrome de Down, imigrante... então, cara foi bem forte assim, de maneira geral foi muito forte. E eu acho que a cosia que mais ficou no meu coração, além de toda inspiração e toda a felicidade de ter encontrado essas histórias, foi uma delícia assim, pra ser sincero. Foi uma delícia ouvir tudo isso. Eu sou muito feliz de ter passado por essa experiencia, muito feliz. Eu estava feliz no processo também. Foi uma coisa triste, mas não foi uma coisa pesada de maneira nenhuma, mas ficou uma coisa muito assim pra mim de "para e pensa antes de falar alguma coisa", "as coisas são mais profundas do que parecem ser", "a realidade, o tecido social ele é complexo", "cada ser humano é um mundo diferente completamente diferente do outro". Que carrega histórias de classe, histórias de grupos sociais de onde vem, mas também carrega uma individualidade forte, histórias que é um universo diferente. O ser humano é um universo completamente diferente. E eu acho que ficou muito isso pra mim: "para e pensa, antes de você simplificar as coisas, porque as coisas não são simples". Problemas complexos não tem soluções simples. Então eu acho que essa foi a coisa que mais no meu coração, que eu olho pro projeto assim, e sai assim, primeiro. Depois de tudo isso que aconteceu isso foi grande pra mim, de maneira geral tiveram várias dimensões. Mas eu acho que é isso.

Fernanda: Algum momento na vida de vocês aí, nesse ínterim de quatro anos, depois dessa experiência que vocês viveram, que em algum momento algo tenha acontecido que vocês falaram assim... ai vocês pararam pra pensar e se lembraram do projeto, fizeram uma rememoração, sabe? Alguma coisa que vocês pudessem, se aconteceu, senão... se aconteceu sim alguma experiência depois disso na vida de vocês que você ficou assim "caraca, eu já vi isso, é isso aí" e aí lembrou do projeto.

Miguel: Tipo assim, experiência que você diz de acontecer algo no exterior...

Fernanda: Experiência é alguma coisa, algum momento, um insight assim, alguma coisa... que ligou com o passado, com tudo.

Miguel: Que deu esse gatilho... Ah cara, eu tenho algumas coisas. Não só de ver né. Eu passei olhar as coisas na rua com outros olhos e isso é fato, as pessoas que estão ali, olhar mesmo essas, tipo assim, entendo... essa pessoa ali que tá "porra", a gente pede um negócio e fica tal coisa, ainda mais hoje morando na Glória, com a minha namorada. Cara, ali o que mais tem é isso, de pessoas assim em situação de rua, que estão ali pra gente né pedindo alguma coisa ali. E cara, as pessoas passam, cagam e andam. E tipo funcionário de estabelecimento que a gente tem isso e tu fica "cara", ele é só um funcionário do estabelecimento. "Você assim, você é só o funcionário do estabelecimento, você não é o dono e mesmo que você fosse o dono você não tinha que agir assim", entende?! Então a gente vê situações com pessoas que a gente fica assim "cara", acho que se engrandecem, não é se engrandecem, mas tipo assim, tem essa coisa de "vestir a camisa" de algum lugar, principalmente ali na zona sul... que cara, se acham pra caralho. E aí você para e analisa e tem aquele negócio, "você, por que você tá agindo assim? Você não sabe o dia de amanhã, você não sabe das cosias"...

Então, eu acho que tem essa vivência diária que a gente fica ali. Só que isso de lembrar do projeto, acho que eu lembro de uns durante o processo também. E... né, eu até botei naquele formulariozinho lá que com tudo que vem acontecendo no país hoje, o Somos ainda é muito presente, entendeu? É muito... parece que a gente tá fazendo hoje. Se a gente fizesse hoje, a gente faria de milhares, obviamente, de outra forma, porque cada ter ganhado mais experiência no que faz. Mas seria tão impactante quanto porque... cara, são histórias, e isso ainda vai se prolongar, vai se ter ainda né, sempre assim...

Mas pelo momento atual do país, pelo idiota que tá lá no poder falando só merda, poh, a cada notícia que você lê, você pensa que "isso aqui encaixa no filme com essa pessoa, isso aqui é dessa pessoa". A gente viu isso. A gente vê isso, diariamente. Então eu acho que é muito isso... e por processos né, foi aquilo que eu te falei, as vezes eu tento, as vezes a gente faz um recap assim de rememoração de coisas que a gente viveu, tentar se inspirar em outras coisas. Mas tipo assim, eu acho que em momentos que tu se sente se duvidando né, duvidando de você, "poh, não vou conseguir fazer isso, não vou conseguir fazer o negócio", a gente vai lembrando de quantas vezes já fiz isso pra me motivar, entendeu? E poh, o Somos é muito isso, várias pessoas depois viraram menores pessoas e a gente fez acontecer. Então cara, a gente conseguiu fazer. Eu não sabia editar, mas eu editei o negócio. O [nome suprimido] não sabia fazer tal coisa, o Rafael não sabia gestão de tal coisa e de não sei o que, a Fernanda tava ali só dando orientação de "vai aqui, aí tinha, entendeu?", "vão aqui". E o teu papel Fernanda de dar o direcionamento, foi aquele direcionamento de tipo assim, dar o direcionamento e vocês parar pra pensar "por que ela tá falando isso?". Aí gerava o negócio e "caralho, é isso!", aí dava certo, entendeu?! Então eu acho que é muito isso, mas de viver, disso de vivências né, a gente tem isso hoje, infelizmente, infelizmente, muito presente. São falas, são notícias, são coisas que né, são coisas que caberiam. Ou num possível novo filme.

A estrutura que a gente montou no Somos tanto como, não só de pessoas, mas o filme em si, o linear do filme, cabe. E a gente pensa e fala “bom, isso aqui é isso”. É muito presente, entendeu? É muito real ainda, infelizmente. São quatro anos atrás e hoje cara a gente tá muito, muito, MUITO presente. Entendeu?!

E pro meu lado eu acho que é isso.

Rafael: E eu cara, eu acho que eu no meu caso até vou dar um exemplo muito recente, pensando no que veio relacionado no projeto, uma história não muito feliz, mas deixando a questão, os conflitos no Oriente Médio, a questão da imigração né, da galera que vem de lá fugindo de conflito buscando aqui uma vida mesmo. Um lugar que te possibilite vida. Simples. Mas veio muito isso na minha cabeça a gente entrevistando o [nome suprimido], claro que é uma situação diferente né, mas em paralelo, o que tá acontecendo hoje no Afeganistão isso veio na minha cabeça a pouco tempo atrás. Então esse foi uma das paradas, mas de maneira geral, eu posso dizer que esse projeto tá no meu coração mesmo. Sem exagero também, porque vejo com muitas outras lentes. Foi uma calibragem – digamos assim – da maneira como eu enxergo o mundo. Até hoje é muito, muito, muito presente. Então, as opiniões que eu tenho, o ideal de sociedade que eu tenho, tudo isso de uma maneira que de algum grau foi calibrado pelo projeto. Então cara, foi um momento daquilo em que você sempre volta. Sempre volta porque a lente tá aqui. Então pode não ser uma situação especifica, uma pessoa especifica, mas então aquela maneira de olhar as coisas, de avaliar as coisas, de separar o joio do trigo, entender a situação, compreender a situação... ela é balizada, claro, por todas nossas experiências, mas eu acredito que no meu caso de uma maneira bem forte, eu acredito que moderada pela experiência que eu tive no projeto do [nome suprimido]. Então foi muito, muito, muito pesado assim, pesado num sentido bom da coisa, alugou uma parcela, alugou um condomínio na minha cabeça assim. Então, muitas das coisas vêm a minha cabeça, a questão que o Miguel estava falando, a questão do próprio desenrolar infeliz que o nosso país andou tomando, a presidência que estamos cansados de saber... mas trouxe até bastante essa antítese do que a gente viu no projeto. Do que o Projeto ensinou pra gente, né?! Essa insensibilidade com a história do outro, essa insensibilidade com a grandeza da história do outro, e eu acho que é isso que a gente vê todos os dias né, infelizmente, por parte das autoridades públicas a nível federal. E enfim, o horror de enxergar isso, o terror de enxergar isso vem da não ignorância que o projeto atribuiu pra gente em parte, nesse período há quatro anos atrás.

Então eu acho que é isso, existem algumas situações atuais em que esse projeto vem à tona, mas eu acho que ele tá sempre presente na minha vida, no meu ideal de sociedade, em várias e várias coisas. Então, aqui, tá no meu coração e tá na minha lente também.

Fernanda: E aí trazendo pra um lado mais profissional, o que que o projeto, vocês poderiam dizer... o projeto aqui, da experiência de viver o processo de construção, o resultado dele, o que que teria contribuído pra vocês profissionalmente. E né, não é só uma parte técnica, quando eu falo profissional eu falo todo uma questão de soft skills, tudo isso, nesse sentido, o que vocês poderiam dizer que contribuiu pro hoje de vocês? Né, pra chegar até hoje 2021 aí...

Miguel: Cara, no meu caso, eu acho que, tipo assim, em grandessíssima parte do projeto como um todo foi como o Rafael falou. A gente tem aquilo porque a gente fez o projeto rolar, o projeto é nosso, e aquilo mudou ali a gente, o caráter, a forma de se expressar, de as vezes olhar pras coisas e passar despercebido e não dar uma atenção pra ir a fundo. Então eu acho que ali assim, eu não tava na faculdade ainda, a gente tava... no meu caso, eu tinha sido antes, trabalhava de CLT no comércio e eu "cara, eu não vou... eu vou voltar a estudar" e eu quase comecei do zero. Você ganha um, sei lá, na época, no mínimo 300 reais e como Jovem Aprendiz, no mínimo 400. Mas assim, era aquilo... mas assim, as suas aulas eu acho que também tiveram bastante importância nisso. E o que a gente esperava das outras pessoas é que a cada aula ali era meio que uma resenha. Era um estudo ali, tipo, a gente senta e debate e fica ali atento e vai moldando cada vez mais. Até que rolou o projeto que englobou todas as aulas ali, que a gente pode viver isso, tudo que foi moldando. E eu me lembro bem disso, quando trocava de professor a gente ficava assim "cara, que merda... por que essa pessoa está há meia hora falando de coisas fúteis da vida dela?", entendeu?! Só fala de si, então o outro fala de uns negócios... e cara, a gente não queria mais isso. A gente queria um negócio mais né, tava ali... não é não querer, mas a gente tava tipo assim, poh, tava moldando, tava fazendo tal coisa...

Então no meu caso, eu passei pela Publicidade, aí eu tô no Design agora, eu não me formei em publicidade... mas foi importante porque ali no projeto que eu comecei minhas aulas, que eu vi que tinha uma parada meio que de comunicação. Por mais que eu exercesse ali um negócio que foi mais pro meio de criação gráfica, mais técnico e um monte de coisa. Também foi muito bom pra mim, muito bom pra eu aprender, né, porque eu também não sabia, embora falava que sabia, mas enfim a gente tem que aprender.

E eu acho que é isso, eu acho que enfim, a gente chegou ali de voluntário e né, na faculdade de comunicação a gente amplia isso tudo que a gente estudou em sala. E entende o quão complexo, a complexidade como um todo e quer ir afundo mais. Então, eu acho que pra mim foi muito isso, o lado profissional agregou não só... eu, pelo menos, tipo assim "vou fazer um vídeo, vou fazer alguma coisa, um projeto assim", cara, tem eu ali. Acho que o Somos foi muito isso, foi nós ali. A gente fazia tudo junto, a gente colocava a câmera e por mais que outro operasse a câmera a gente sempre falava "poh, tá bom isso aqui, tal não sei o que, tá maneiro..." e cara, é a visão de cada um que tava ali. Então eu acho que é muito isso, várias vezes a gente tem isso ainda muito presente, entende? Então para um lado pessoal agregou e para um lado profissional também. Na área técnica eu tive que desenvolver mais o que eu tava fazendo, tanto né que hoje eu ainda estudo vídeo, eu ainda tô lá. Mais tem muito do, eu pelo menos, a gente olha lá pra trás e a gente vê aquela vontade de querer fazer acontecer as paradas, de querer aprender e de meter a mão mesmo. Não importa o que der, pois depois a experiência a gente olha pra trás. E cara, quando eu olho aquele vídeo lá com uma visão técnica, eu falo "tá horrível". Com uma visão técnica essa montagem tá muito ruim. Mas pra mim naquele dia, naquele momento, estava ótimo. Eu nunca tinha feito um negócio daquela forma, entendeu? Então tava lá uma coisa maravilhosa. E eu hoje "é... dá pra mudar tal coisa ou podia ser outra coisa", mas a carga em cima, o vídeo em si, a gente vê e fala "cara, tava ótimo pra mim, tava ótimo". A gente conseguiu entregar o negócio que a

gente queria. Pelo o que eu sabia tecnicamente tava uma coisa esplêndida ali, então muito isso, entendeu?! E é aquilo, a gente vai ganhando mais experiência, vai consultando os nossos “eus” atrás “assim”, mas ainda tem muito muito, muito daquele vídeo de 2017 hoje e eu acho que sempre vai ter, assim porque eu sempre vou ficar olhando pra trás. Eu carrego comigo e eu tenho um puta carinho. E a gente abre uma rede social e vê ali o Somos e aí tu fica “cara, as pessoas tão vendo a páginas ainda com três anos inativada”. A gente não tá movimentando nada ali e as pessoas estão ali. Eu acho que é muito disso, tá lá fixada e a pessoa clica e vê, conhece e cara “eu sou isso aqui”, se vê... e óbvio né.

Voltando para a pergunta. Da área técnica eu acho que é muito isso, tem muito do Miguel de 2017 ainda. Obviamente, como a gente vinha conversando antes, se for refazer a gente vai fazer uma coisa muito “melhor” esteticamente. Talvez daqui uns anos eu vou olhar esse melhor e vou falar “cara, não é tão melhor”. O primeiro tem esse estética em si, mas eu acho que o principal não é nada de estética, não é nada disso. Mas é mais a carga e o que a gente quis mostrar. Mas tem muito do Miguel ainda e agregou profundamente no profissional, tanto com posicionamento, quanto modo de se portar, tratar comentário e várias coisas, entendeu?!

Rafael: No meu caso cara, eu acho que o Miguel também falou isso, botou um foco nisso e é verdade. Porque cara, a gente entrou e ganhava uns 500 reais e cara, buscando a vida, buscando uma oportunidade.

E cara, agora falando primeiro sobre o Jovem Aprendiz antes de falar sobre o Somos. Cara, ser Jovem Aprendiz eu não sei o que teria sido de mim, foi essencial, essencial. Eu tava quase dois anos procurando emprego quando eu fui indicado por uma pessoa, amiga da minha mãe pro Jovem Aprendiz. Ninguém me chamava e eu não tinha nada, a única coisa que eu tinha no currículo era que eu tinha passado pra UERJ na época e eu acabei nem indo, mas tinha lá no meu currículo “passou na UERJ”. Mas não tinha nada, tinha nada. Eu não sabia... e cara, tava muito difícil conseguir uma oportunidade, muito mesmo. Eu não tinha inglês, não tinha excel, não tinha nada que o mercado pedia para as vagas que eu tava aplicando. E eu tava em desespero já e aí eu “ah, vamos nessa, vamos encarar”, porque quando eu entrei no Jovem Aprendiz eu tinha quase 21 anos. Então como o Miguel também, que entrou bem mais velho, num projeto de juventude aprendiz. E cara, eu entrei assim de peito aberto, no sentido de “cara, vamos fazer esse sacrifício”. Foi essa minha mentalidade. E quando eu entrei, cara... eu olho pra trás hoje em dia e falo “cara, foi uma das minhas melhores experiências” e de maneira alguma eu faria diferente. Foi incrível, em vários aspectos, em várias dimensões. O projeto Somos foi uma dessas grandes parcelas, uma parte grande dessas dimensões. Mas tem várias... e cara, pra gente naquela época era super sucesso. E eu lembro com o Miguel que quando a gente começou a ganhar o vale refeição de 200 reais e 300 reais. Cara, a gente era só felicidade! (risos)

Nossa, bom demais, fala tu. Mas aí, cara foi muito bom. Foi definidor de águas, de maneira geral. Eu olho pra trás hoje e falo... cara, hoje me formei em economia, recentemente fui efetivado num lugar que eu sempre quis estar, numa empresa legal.

E eu ocupo um espaço... e é aquilo que... não sei assim como falar isso da maneira mais apurada possível. Mas eu ocupo um espaço, apesar de eu ter sido privilegiado, em diversas dimensões, comparada as pessoas com as quais eu cresci. Meus amigos, meu entorno. Eu ocupo um espaço que é muito diferente da onde eu vim, muito diferente. Nenhuma pessoa no meu departamento foi criada na zona sul, começa aí, nenhuma pessoa. Minha chefe foi criada em Copacabana, minha outra no Leblon e todas elas tem intercambio, moraram dois anos no Canadá, dois anos nos Estados Unidos... e eu. Essa é a ideia. O pobre vai passando no azeite ali, vai passando num buraquinho de um buraquinho pro outro e, às vezes, ele chega num espaço que as vezes é um espaço que eu não sinto que é meu. Porque as pessoas são diferentes, a cabeça é diferente, pensam de um jeito diferente do meu. E isso só foi possível, penso hoje em me adaptar, desenrolar esse papel porque houve um Jovem Aprendiz na minha vida. E aí a falta de skill técnica...

E aí já entrando na dimensão Somos. A falta de skill técnica, de coisa que eu não tinha do inglês, do excel, do barará-barará-barará, eu pude contrabalancear, provar para o empregador que eu tinha outras habilidades que talvez fossem interessantes pra eles. E aí eu fui passando nessas pequenas portas, nessas pequenas fechas de cada vez, até chegar onde eu queria chegar hoje. Então tudo isso começou eu acho que no Somos. E aí o que o Miguel falou, ali a gente tomou uma responsabilidade pra si. Que a gente não sabia o que tava fazendo, a verdade é essa. A gente nunca tinha feito aquilo antes. Era uma novidade, era um desafio. E a gente falou “vamos fazer... mas sabe? Não sabe, te vira, procura no google, pergunta pra alguém...” e é isso. E a gente foi perguntando pra ti também Fernanda, tu sabe, eu e o Miguel ficava ali todo dia “e aí, faz o que?”, “vai pra onde?”, porque a gente tava perdido também. E a gente foi aprendendo do processo.

Falando mais especificamente do ponto de vista individual, o Miguel por exemplo. Falando do Miguel, especificamente. Um cara que tomou o técnico pra si, jogou no peito ali a direção de arte, de câmera... e aí aqui, foi aquele líder... bom líder, no caso. Aquele cara que ouviu, que aglutinou as diversas opiniões e estéticas ali presentes, para criar uma coisa que era produto de um grupo. Apesar dele ser ali um cara que detinha ali um conhecimento de manipular o vídeo. Então foi ótimo isso, eu fui palpiteiro, o famoso. Quando falou “o palpite” eu falei “tá comigo”, então ficava “oh, vamos lá, faz isso, faz aquilo”. Mas ele era o cara que sabia fazer a coisa rodar. Mas no meu caso, eu acho que acabei involuntariamente, assim como Miguel, eu acho que estava muito motivado e acho que tinham pessoas mais motivadas do que outras, o que é natural. Acabou que eu acho que, eu o [nome suprimido], a [nome suprimida] na época, o [nome suprimido], tinha uma galera um pouco mais motivada que o restante da turma. E essa galera mais motivada acabou que voluntariamente assumiu um papel de liderança ali, porque aconteceu, as pessoas começaram a tomar a frente, outras pessoas não se importavam muito e aí foram deixando e aí aconteceu que um grupo de pessoas tomou a liderança e daqui a pouco, depois, foi “institucionalizada”, né. A gente separou, “fulano é líder disso, fulano é líder daquilo e aí a gente vai rodar a coisa dessa maneira”. E acho que foi minha primeira grande experiência com pessoas. De organizar um grande grupo de pessoas, isso foi um desafio muito grande pra mim, muito frutífero, porque a gente

enxerga e percebe certas coisas, certas características humanas diante do trabalho mesmo. Incentivo, de ter que ir pra um lado e pro outro, se a pessoa está motivada ou não tem. “Pra fazer isso, como é que faz? E aí quem é melhor pra fazer isso, quem é melhor pra fazer aquilo outro?”. E aí pra liderar um grande grupo de pessoas foi difícil pra caceta. E aí o Miguel já tava junto comigo nisso. Mas acabo que eu fiquei um pouco mais responsável porque o Miguel era o técnico da parada, tava ali 24h pa-pa-pá no vídeo, filmando... e acabou que eu ficava delegando, vendo se as pessoas estavam fazendo, se tava rolando, se tava acontecendo.

E isso pra mim, seu posso falar, foi a soft skill mais importante pra mim. Foi essa. Eu ter essa experiencia de liderar um número grande de pessoas que não necessariamente estava disposta a fazer aquilo que tinha que ser feito. Mas mesmo assim meu tinha que arrancar alguma coisa, porque se eu não arrancasse um pouquinho de todo mundo a coisa não andava. Então tinha essa balança entre usar, no bom sentido, a motivação daqueles que estavam motivados e motivar aqueles que não estavam, e fazer de tudo isso um produto bom, um produto médio bom, fazer de tudo isso um produto de grupo e não um produto de alguns. E acho que esse foi o maior... certamente carreguei isso na minha vida. Acho que essa visão de trabalho mesmo, de organização, de falar, de ser claro, por eu ter tido a experiência de ter estado na outra ponta... sei lá, 50x mais do que júnior, porque eu não era nem estagiário... É, é uma experiência que raramente uma pessoa júnior vai ter, né, de liderar pessoas, de organizar uma coisa maior do que um grupo de pessoas, de trabalho da faculdade de três ou cinco. É, foi muito importante. Hoje eu uso essa... por ter estado – de uma maneira muito diferente que da minha gerente ou algo do tipo – na ponta de quem lidera alguma coisa, eu tenho uma preocupação com comunicação, com clareza na comunicação, deixar meu líder entender claramente o que eu tô fazendo, como eu tô fazendo, qual é a minha intenção. Porque se não tiver alinhado ele já vai me orientar, já vai me direcionar. Então eu acho que foi positivo na minha carreira porque eu acho que ganho esse conforto com meu líder. Eu acho que meu líder fica mais confortável sabendo que eu sei a dificuldade que é o cara estar ali numa equipe de cinco, seis, sete, oito pessoas entender e tirar o caldo ideal de todo mundo ali, que é o produto final de cada departamento, cada personalidade. Então eu acho que soft skill mais importante pra mim foi essa. Aprendi várias outras, como de simpatia, skills – como eu posso dizer – que não tão valorizadas pro mercado de trabalho de uma maneira direta para o empregador, mas que fazem toda a diferença na hora que você trabalhar na equipe, trabalhar com pessoas, todo mundo gente, todo mundo funciona mais ou menos igual apesar de todas as diferenças. Então eu acho que a gente desenvolveu muito a nossa empatia, essa coisa de tratar problemas complexos como problemas complexos, problemas simples como problemas simples. Olhar as coisas e não simplificar tudo, ou tornar tudo trivial. Hoje... a própria relação pública, a relação humana de maneira geral. Eu trabalho no relacionamento com investidor, então a gente tem um contato um pouco diferente, mas ainda é com o público. Então tem esse tratamento humano da coisa, de entender menos o caminho da pedra e mais o das pessoas, de se relacionar, saber até onde vocês pode esticar a corda e até onde você não pode, onde passa a ser desrespeito e onde é só cobrança natural do dia a dia e esses limites do tratar com pessoas, eu acho que foi o mais importante. Pessoas que as vezes tu não conhece, que não são teus amigos, porque a gente até tá

acostumado, a gente organiza grupo entre as amizades. A gente vai lá tomar uma cerveja a gente organiza umas seis pessoas. É diferente. É diferente. Eu vou tomar uma cerveja com o Miguel eu vou falar “poh, Miguel, se apressa aí caralho” (risos). Só que com as pessoas a gente não pode falar dessa maneira que as vezes pra gente é simples, mas machuca, ofende, essa corda da sensibilidade do tratar com o outro, acho que foi um calibre que o Somos me trouxe muito. Tipo assim “Rafael, beleza, o projeto é importante pra você assim, aqui” (mostra escada com as mãos), “mas pro outro, é isso aqui”, “mas vocês dois vão ter que trabalhar juntos e tirar um resultado disso”. E aí, como é que faz? Como é que você usa essa motivação aqui... e aí você tem várias opções, você tem como fazer isso com a motivação do cara (mão do degrau debaixo sobe mais), você tem como? Qual a ferramenta que eu uso pra motivação do cara? Não tem, não tem como fazer isso? Então, beleza, como é que eu tiro o melhor dele com esse nível de motivação aqui.

Então essa coisa eu acho que foi bem legal e carrego bastante comigo, então acho que é basicamente isso.

Miguel: Cara, eu tenho... temos tempo ainda, Fernanda?

Fernanda: Tem!

Miguel: Ah tá. Cara, isso me lembrou uma parada que foi principalmente a percepção das pessoas, tipo como, né, trazendo pro programa faço as palavras do Rafael as minhas, desse nível de preocupação, tudo que ele falou assim do programa como um todo. E é aquilo a gente leva... eu né tinha vindo de um outro contrato antes, que a gente fazia curso no Senai, então era tipo 200 e poucos só pra comer. E então, claro, pensando no lado financeiro que sempre foi um lado que pesou as coisas... tipo, como é “eu tô ganhando 1300, vou ganhar 200?”, mas e aí, eu não quero trabalhar no comércio de pé dez horas por dia, ficar pegando peso lá. Não quero. Quero voltar a estudar. E eu tentei conversar, tentei continuar pra fazer minha faculdade e tudo e “não tem como, porque os horários não dão”. E tá, fui lá fazer. E cara, a gente foi de 200 reais e passou pra 300 e sempre que tinha dez reais pra comer no dia a gente ficava pulando de alegria, senão levava lanche. E depois o... mas depois do lado que a gente foi pra empresa, saindo ali do Viva Rio e a gente foi pra empresa a [nome suprimido], cara, eu passei por uma situação em que a pessoa era uma estagiária acima de mim e a gente né, como toda comunicação tem aquele negócio de “ah, vamos conferir troféu, vamos conferir não sei o que”. Só que cara, eu vi o papel da minha líder ali, cara, ela era minha líder e ela fazia essas paradas também. O dia que ela estava sobrecarregada era “você que vai fazer isso”, obviamente ela tinha muito mais indisponibilidade pelas 50 reunião do dia, mas quando ela tava ali ela fazia, pegava uma coisa e fazia não sei o que. Então cara, eu lembro perfeitamente. Eu tive isso até como exemplo na época, citando isso de entender as pessoas, eu acho que por limites até onde ela fala contigo. E de uma estagiária que ela tava conferindo troféu e mandaram ela parar o que ela tava fazendo lá no conforto da cadeirinha dela pra vir me ajudar a fazer o negócio, e ela pegar e falar assim “esse trabalho não é pra mim”, “esse negócio não é pra mim”. E daí eu olhei pra ela e falei então “é pra quem então?”, aí ela ficou quieta. E aí ficou naquela de tudo e eu falei “ah cara, eu vou deixar essa garota cagar”, porque já não era... teve outras

coisas, inclusive. Mas eu sentia que era aquilo da gente ter entrado um pouco mais velho no Jovem Aprendiz, como o Rafael falou, com 21 anos por aí. Gera aquilo “poh, o que que tu é?”, “jovem aprendiz”, “hm, com 21 anos?!”. Aí as pessoas ficavam tipo “assim” (careta de perplexidade). A estagiária tinha 23 e tava lá como estagiária, né.

Rafael: O pessoal no financeiro me chama de Velho Aprendiz! (risos)

Miguel: Pois é, eles falavam que eu já estava no Sênior. (risos)

Rafael: Jovem Aprendiz Sênior. (risos)

Miguel: É... Só que cara, a gente fazia aquelas paradas de mostrar o que a gente pode fazer e, além de tudo, como era uma empresa de engenharia, falando especificamente dali. E a comunicação, como em todo lugar, parece um mundo à parte, porque as pessoas da comunicação são tatuadas, colocam o cabelo que quer.

Fernanda: Uhum...

Miguel: Chegou no Carnaval, obviamente eu fiz isso porque eu já sabia que iria sair. E qual foi a parada, eu fiz uma entrevista e perguntei para o meu chefe:

– Cara, vamos ter alguma possibilidade? – Poh, Miguel. Não tem, pois a gente acabou de contratar uma nova pessoa.

Aquela garota lá que me chamou, que fez o negócio e disse que esse trabalho não era pra mim ela não ficou. E cara, ela devia fazer infinitamente mais merdas e ter uma soberba que não existe, que ninguém gosta disso, para ter sido mandada embora. Eu fiquei chocado e a galera da equipe também ficou. Alguns ficaram próximos dela. E porque ela voltou de férias a gerente simplesmente chegou e falou “a gente não quer mais ela aqui”. Tipo, a gerente, entendeu?! Uma posição da gerente com a coordenadora. E daí eu fiquei pensando “caralho, ela deve fazer infinitamente mais coisas com pessoas que a gente não vê. E as pessoas como tem esse senso de gerente e coordenação, sabem apurar isso, sabem ver como que a pessoa está lidando ali, com o modo que ela fala, aonde ela quer chegar com a fala, entendeu?! Então eu acho que isso é muito disso...

Então acabou que eu não fiquei lá, daí eu falei “poh, obrigado”, agradeci e tal e saí. E hoje, como o Rafael falou de lidar com o chefe e tudo mais, isso me lembrou agora hoje a posição que eu tenho lá na tv, tem um estagiário abaixo de mim. Então eu tenho uma nova chefe, minha chefe saiu e não avisou nada que ia sair e como eu estou há quinze dias pra sair “valeu”, entrou duas pessoas novas e eu sou o mais velho da equipe sendo que eu troquei de equipe vai fazer um ano agora em outubro. Eu fui para essa equipe que eu estou hoje de promotion em outubro do ano passado, então cara eu sou o mais velho só que eu sou recente na parada. Aí o que que aconteceu, a minha atual chefe é uma pessoa que me treinou na época que eu era estagiário de uma outra equipe. E ela me vê no trabalho hoje ela fala que evoluiu, só que... ela me ouve muito, e eu percebo isso de ouvir. Então a gente tem nessa experiência do Somos em si, falando ali do Somos em estar com pessoas, é como o Rafael falou e eu falei “cara, a gente tá aqui! Somos quantos de 40? Cinco. Cara, a gente vai ter que dar um jeito de extrair alguma

coisa disso aí!". Eu não tenho como... e eu acho que a sinceridade ali, o ser sincero para a pessoa que tem empatia contigo, falar a verdade sempre assim, é muito importante. Porque naquele momento a gente estava assim "olha, eu tenho faculdade tal hora, eu tenho coisa tal hora, mas eu vou fazer esse negócio no meio da parada". Eu tenho compromisso não sei o que não sei o que, e eu já falava, que cara eu não tenho como ficar cobrando as pessoas ali de tal coisa, sendo que eu estou metendo a mão aqui tentando aprender o vídeo. Jogando no YouTube, como cortar um vídeo? Entendeu?! Então foi muito disso e tem essas paradas mais "técnicas assim".

Então poh, tem o estagiário e como a gente vai medir o estagiário? Eu olhando hoje, vejo "o quão ele quer crescer, o quão ele está disposto mesmo, ou se ele está dando migué". Se ele está fazendo alguma coisa, entendeu?! Então a gente sabe medir essas paradas. E a gente só vai anotando, então tipo o estagiário tá mais motivado? Aí você vê naquela outra percepção, inclusive o Somos me deu por exemplo. "Poh, você se importa?" Se a pessoa se importa, se ela quer o negócio, se ela quer estar ali a gente consegue meio que "apurar", de saber na atitude das pessoas, pelo menos na forma de trabalho direta, se a pessoa está se importando ou não, entendeu?! A pessoa está ali, a gente dá ferramentas, a gente dá coisas, e aí a gente vai fazendo, como a Fernanda fez com a gente lá atrás, de fazer umas perguntas e deixar solto "vamos entender então o que esse cara está fazendo?". Daí chega minha chefe e fala "vamos treinar ele e montar então um negócio para melhorar". Daí vamos entender qual o problema dele... "o meu problema é cadastrar coisas 18h da tarde sendo que ele pega ao meio dia." Isso não faz sentido nenhum, mas como profissional a gente fala "beleza, então vamos tirar isso aqui. Daí vai ficar comigo ou com a [nome suprimido] que é minha chefe e a gente vai ter duas horas de trabalho a mais para tirar pra você evoluir". Indiretamente, entendeu?! E daí a partir disso, não evolui e como é que a gente faz? E daí chega um momento que realmente... eu já tive até uma conversa disso... mas é realmente, a gente vai moldando tendo cautela, porque tem pessoas que aceitam bem a sua forma de falar, que é uma forma "formal" assim e tudo mais, óbvio nunca sendo escroto. Mas tem pessoas que levam muito pro coração, então a gente vai lapidando... falando de uma forma mais clara, tentar ser o mais claro possível, para tentar extrair da pessoa ali. E, obviamente, a responsabilidade é da pessoa. É dela querer fazer ou não. A gente dá as ferramentas. "Poh, isso aqui tá me atrapalhando...", "então tá bom, se eu pegar isso e minha chefe pegar isso, não vai te atrapalhar mais, se você falou que não te atrapalha". Então vai... e se a pessoa não der um resultado tu vai ficar pensando... Vamos tentando lapidar as paradas, até tu ver. E eu acho que o Somos tem muito disso. E como o Rafael falou, acho que ele teve muito mais coisas de lidar com isso do que comigo, sendo bem sincero. Comigo ali no audiovisual era eu e o [nome suprimido] e tinha mais duas pessoas. As pessoas demandavam e a gente já sabia que a pessoa não ia mandar ou ia demorar dez anos pra mandar. Só que ao mesmo tempo a gente não queria falar "poh, me manda". Então o que eu falava com a galera quando a gente organizou aquela liderança ali, eu era muito sincero: "Oh, tá eu e o [nome suprimido] pegando esse negócio aqui e não tá adiantando.". E aí quando a pessoa mandava a gente tentava olhar com carinho e mandar um feedback pra pessoa. Se tivesse bom a gente falava, senão a gente falava "nós chegamos nesse resultado aqui". Se a pessoa mandou algo na quarta feira, a gente vai enviar na semana que vem.

Então a gente ia instigando a pessoa ali para além dela se sentir parte, obviamente tem pessoas que se desenvolvem mais e tem uma postura mais à frente do que outras, que querem participar só que não conseguem se mostrar tanto assim. Tem isso, mas tem pessoas que a gente realmente percebia que não se importavam. E essa coisa se importar... Tipo, você se importa tanto? E cara, aquilo era uma parada super importante, não só para a produção pessoal. Era muito além de um trabalho de finalização de um ciclo, entendeu?!

Pra mim foi muito mais um pessoal! E eu imagino também que para todo mundo.

E essas pequenas lições assim te leva como um todo a percepção se a pessoa se importa ou não, e para aquele sentimento de “se quer?”, “quantas pessoas querem tá no teu lugar aqui?”, entendeu?! Quantas pessoas querem ter essa oportunidade que você tem aqui e você não tá aproveitando... falando, obviamente, do mercado de trabalho, é claro, e lá na tv. Quantas pessoas que tão ali querem ter seu textinho falado por um cara num break da televisão? Quantas? Eu conheço várias! Entendeu?! Várias que queriam tá ali. E a pessoa que tá ali fazendo aquele corpo mole, tipo assim chega num nível que a gente percebe mesmo que não é um... como se diz... que não é porque a pessoa não tá conseguindo se mostrar, mas ela está dando realmente um migué, entendeu?! E daí a gente começa a pensar nisso “poh, tem várias pessoas que queriam estar usando essa oportunidade aqui”, eu já fui uma delas há quatro anos atrás.

Fernanda: Tem uma fila, né?

Miguel: É! Eu já fui uma delas há quatro anos atrás.

Fernanda: Tem uma fila fora.

Miguel: Exatamente! Eu já fui essa pessoa há quatro anos atrás. E quando eu tive a oportunidade... cara! Virava! Chegava em casa e consumia. E tipo, cara, eu sei editar! Só que eu mostrei lá, mostrei o som, mostrei não sei o que e, para um nível de estágio, é que eles tinham que me apreender. Só que quando eu entrei eu falei “mano, a parada é outra!”. Então o que que eu tenho, sempre tive, de olhar o outro fazendo e se o outro está fazendo certo eu vou aprender o que o outro tá fazendo e vou ser tão bom quanto ele, entendeu?! Se a pessoa edita rápido cheia de atalho no teclado eu ficava fascinado por aquilo, que eu perdia um tempo no meu mouse ali para... “Cara, eu vou treinar pra fazer isso!”. E era ali todo dia na tarde tentando até pegar essa rapidez, entendeu?! Então eu acho que vai muito daquilo – “você quer tá ali?”, “você quer?”, no caso do Somos, “você quer aprender, você quer tá aqui? Você quer tá tão dentro assim para absorver tudo que o Somos é e não só um trabalho?” – entendeu?! E é isso aí que motivava, que dava um gás pra gente, porque a gente queria pra cacete! Queria mostrar isso, queria que todo mundo visse, queria que todo mundo entendesse o que a gente teve ali de percepção social, de tudo... mas também queria entregar um bom trabalho, entendeu?! Então eu acho que vai muito disso.

Só dei um adendo aqui bem longo. Foi mal. (risos)

Rafael: E essa questão dos incentivos também, tipo assim. Eu vou fazer um comentário por cima do comentário (risos)... É que, é a coisa dos incentivos né, que a gente aprende a aprender que, cara! Acaba sendo uma aula sobre nós mesmos. Porque a gente é igual, todo mundo é gente. E a gente gosta de reconhecimento. A gente gosta de fazer uma coisa bem feita e ver o nosso líder falando "cara, parabéns! É isso, tá bem feito! Poh, beleza! Tu é o cara!". Isso é uma moeda tão forte quanto o dinheiro. E no final das contas, as vezes, o reconhecimento traz mais felicidade do que o dinheiro. Então, assim... a gente ia... a gente foi compreendendo essa economia que não é a economia monetária, que é a economia da felicidade humana mesmo, da realização. Que é o cara fazer uma 'parada' bem feita e contribuir para uma coisa que ele entende que é maior do que ele e ser reconhecido por aqueles que estão no seu lado ali durante o trabalho. Então é aquela coisa do cara tá aqui na motivação [gestos com as mãos mostrando degraus para a pessoa subir], tem como fazer isso? [subir um degrau] Pois se tem como, vai ser melhor pra mim, vai ser melhor pra ele, vai ser melhor pra todo mundo... vamos fazer desse jeito. Então é o que o Miguel falou, a gente foi pegando essa sensibilidade fina de liderar pessoas, de entender a motivação, a vontade das pessoas. E daí, eventualmente, tratar isso como nosso recurso, mas também como fonte de reconhecimento, de inspiração para aquelas pessoas que estão ali ajudando a gente em alguma finalidade. Eu acho que é isso.

Fernanda: Aproveitando que vocês estão falando de liderança, que esse era o ponto que eu ia trazer. Mas eu só quero dar uma informação pra vocês, né?! Nós tínhamos quase 40 pessoas na turma 30 e poucas, agora não sei o número de fato. O percentual da turma que nós tínhamos era de maioria negra. A turma. Autodeclarada. E depois que eu fiz essa pesquisa agora que vocês preencheram, também, a maioria que preencheu foi de que se autodeclarava negro.

A gente olhando para a estrutura do Projeto Somos, a gente percebe, claro, que durante o processo era visível, a importância com quem se identificavam, uma importância de identificação ou medo. A gente não sabe os motivos que levaram as pessoas a de repente estagnar ou a dar até um passo pra trás, algumas deram passo atrás no processo. E aí acabou se aglutinando num grupo específico, né?! Do qual vocês fizeram parte desse grupo específico. Nesse grupo específico (e aqui não vou nem citar o nome de todos), é nesse grupo específico que é onde ficou a liderança. E aí eu pergunto pra vocês, o que vocês poderiam pensar o que aconteceu, por que aconteceu esse movimento? Porque eu tenho um grupo que eu posso dizer que a liderança, foi uma liderança racialmente branca. Por que aconteceu esse... vocês conseguem pensar sobre isso? Sobre esse processo. Porque nós tínhamos outros talentos e potencialidades juntas ali, que na hora da ideia todo mundo quer, todo mundo "Tá, vamos fazer isso! Vamos fazer aquilo!", até chegar ao ponto e ter aquele momento que alguém, e isso é natural de se acontecer, né?! Alguém tem que tomar a rédea, e quem toma a rédea é quem de uma maneira ou outra ela está comprometida ou confortável com a situação ali. Mas também quando ela toma a rédea aquela liderança também precisa ser reconhecida, senão ela não consegue se manter. A liderança é isso, né?! Senão não adianta ser líder se você não é reconhecido como. Como uma liderança. Porque a liderança é diferente de chefiar, é diferente de gerir, é diferente! Porque como

liderança você precisa ser conhecida. E daí nós tivemos um grupo menor, que foi reconhecido como liderança, né?! E ali no menor, da sua formação majoritariamente racial branca. O que vocês poderiam falar disso, por que vocês acham que isso aconteceu?

Miguel: Cara... É... Eu acho que assim voltamos aquela estaca do privilégio, né?! De ter acesso a mais informações, de ter acesso... aquilo que você falou de conforto não era natural pra mim de tomar a frente, aquilo ali foi se moldando e as pessoas “oh, você tem que tomar a decisão”. Aí tu tá num grupo ali e ninguém fala nada, “e aí Miguel, a gente tá esperando tu falar”, e aconteceu com o Rafael. Então eu acho que cai muito nessa parte de privilégios, entendeu?! É notável que na nossa equipe, na nossa sala, era de majoritariamente pessoas pretas e de fato, essas pergunta me fez lembrar muito dessas coisas, mas de fato eu acho que é muito disso: de nossos privilégios que, além do social, ali cada um tinha uma vivência. E o local buscando pessoas... não sei. Talvez com mais informações que outras? Talvez que tornavam as ‘paradas’ mais ágeis, entendeu?! Eu acho que levando pra esse lado é muito assim. De pessoas que... cara, eu não sei. É muito complexo. É muito complexo...

Rafael: Também acho, principalmente essa última parte.

Miguel: Hã?

Rafael: Eu concordo com essa última parte. Eu acho complexo demais. Acho que tem várias camadas, várias dimensões do porque isso aconteceu. E aí, professora, peço perdão se eu falar qualquer besteira. A senhora é especialista no tema e eu sou só um rapaz branco falando da minha perspectiva sobre achismos pra ver se correspondem...

Fernanda: Não, à vontade... é do seu lugar de fala.

Rafael: É daí a questão essa pode ser questão informacional, pode ser questão de uma pessoa branca ter mais privilégio e ter uma facilidade maior de mais acesso a essa via de liderança. Pode ser uma questão de autoestima, a pessoa preta por não se enxergar, não ver líderes majoritariamente negros, se sente numa posição menos privilegiada numa questão de autoestima. “Se eu sou preto, não existe cara preto... logo o cara branco vai ser líder”. Então ele já cede esse lugar ‘meio’ como já se fosse uma coisa natural de ‘pretos não serem líderes’. É, pode ser isso também. Essa é uma das dimensões. Mas podem... eu acho que é aquela coisa de problemas simples e problemas complexos. Acho que isso é uma coisa grande demais para a gente dar uma resposta só, sobre o porquê a gente acabou “naturalmente” se tornando esse grupo reconhecido como liderança.

É o que eu disse... eu cresci em Acari, eu cresci em Pilares, a maioria dos meus amigos é de favela e por consequência a maioria é preta aqui, simples assim. E eu sou o Russo. Aqui na Zona Norte o meu apelido é Russo. Não tem um velho que não me chame de Russo, porque eu sou o único branco da situação, sou o único brancão que anda com a rapaziada aqui. E aí, graças a Deus o meu grupo específico de amigos aqui, todos eles formaram, todos eles tão bem pra caramba na fita. Pretos. Bem pra caramba na fita. E são pessoas muito boas de cabeça, muito inteligentes. Alguns deles muito mais

do que eu. E eu converso muito sobre isso hoje em dia com eles, pois eles tão nessa vibe de fazer trainee. E cara, a galera topo de cadeia mesmo! A galera muito boa! E essa galera fala, conversa muito sobre isso comigo. Alguns deles são militantes, outros não. Mas todos eles, obviamente, são preocupados com o tema racial. Faz todo o sentido na sociedade que a gente vive, tem que ser. A pessoa preta que quer galgar posições ambiciosas ela vai ter que lidar com isso de alguma maneira, com a questão racial. Ela vai ter que encarar isso... porque faz parte, infelizmente, não deveria, mas faz. E eles falam muito isso comigo, cara. É difícil... "quando eu andava na minha empresa eu sou a única pessoa preta", isso eu escuto direto dos meus amigos. Meus amigos são pessoas formadas, qualificadas, eles trabalham em empresas ótimas e, eles falam, "eu sou a única pessoa preta que trabalha pra diretoria", "eu sou o único cara, o único analista, de três andares, que é preto". Poh, isso é bizarro! Isso cria uma questão... tem um amigo meu da UFRJ, o [nome suprimido], que tava até falando isso comigo esses dias atrás, tem um mês mais ou menos. Ele trabalha numa empresa de Energia que se chama IDF, uma empresa francesa top. Um moleque excepcional, inteligentíssimo. Um rapaz preto, trabalha lá e ele fala: "Cara, a gente se sente como se não fosse o nosso lugar. Porque eu tô num lugar onde só tem loiro de olho azul e eu sou o único preto, sou analista que nem eles, mas cadê os iguais a mim? Cadê os que vem do mesmo lugar que eu?". E eu acho que todas essas questões podem e são gatilhos de autoestima que as vezes são imperceptíveis pra pessoa que é mais jovem, então isso pode ter levado então a essa percepção de "ceder", o "'ceder' porque esse lugar não é meu de direito. Porque as pessoas que estão lá não são as pessoas como eu."

E cara, eu acho que a melhor explicação que eu posso dar é essa. E eu acho que qualquer coisa que eu falar aqui vai deixar a desejar porque eu acho que o problema é grande. Complexo. Enraizado. Estrutural. Muito maior do que eu mesmo consigo compreender completamente. A verdade é essa.

Fernanda: Aproveitando e ainda continuando. Então lá para a gente fechar o nosso horário e liberar vocês pro domingo, né?! (risos). Deixa eu ver aqui o que que eu peguei. Vocês já responderam isso aqui, deixa eu ver só o meu roteiro para ver se isso tudo que eu perguntei foi respondido. É que eu deixei vocês à vontade...

Para fechar, pergunta difícil, ein! (risos)

Para fechar... Falando dessa questão aí que vocês trouxeram do conforto, do privilégio e tal, dessa questão. Se pudessem abrir mão, por mais que foi um trabalho muito colaborativo – e eu tô falando de um ponto de vista como orientadora que estava ali orientando vocês, tendo que supervisionar no sentido de encontrar o que tinha de pontos positivos e negativos de ser trabalhado em cada um, que a minha função era essa, mesmo que eu não ficasse explícita ali, mas trazer um ou outro – se vocês pudessem, falando hoje, olhando pro ontem porque já passou, porque é memória, mas a memória ela não é passado, ela tá aqui na cabeça da gente. Se vocês pudessem ter aberto mão de algo, para essas pessoas que não conseguiram acompanhar por algum motivo que a gente não sabe, estivesse ali, no momento ali, no lugar de vocês... porque vocês entendem que o lugar que vocês tiveram no processo, não só vocês dois, mas como

algumas outras pessoas que eu não trouxe aqui no momento, separei só vocês dois, né?! São lugares que são lugar de poderes. E por que é poder? Porque querendo ou não tem uma hierarquia ali dentro, né?! E você tá falando de liderança... se vocês pudessem fazer algo ou abrir mão de alguma coisa, fazer alguma coisa, que pudesse incluir essas outras pessoas... E Rafael falou bastante disso, sobre motivação, sobre entender e motivar e respeitar o momento de cada um. Mas se pudesse fazer, o que vocês fariam para que essas outras pessoas pudessem ocupar esse espaço? O que vocês fariam?

E aí é chute. O que vier na cabeça, o que vier na cabeça de vocês. Não tem resposta certa.

Miguel: Cara... eu hoje, olhando pro ontem, teria reunido... teria reunido as pessoas... acho que foi uma forma... não, ontem lá, acabou que foi um "vamos ver o que dá" e a gente vai indo. E naturalmente as coisas vão fazendo "assim oh" afunilando, chegando ali. E até aquela parte de assim, é bem preocupante essa fala de "você se importa?", porque cara, foi como eu falei: tinha pessoas que se importavam, mas né... se sentiram retraídas e tal. Eu acho não, eu tenho certeza 'assim', abriria mais a... faria mais conversas, chegar e atender cada um ali, perguntar "cara, você tá se sentindo bem?", "você quer fazer alguma parada específica?", "vamos tentar fazer isso aqui, você quer um prazo maior? Cada um faz um pedacinho...", entendeu?! Tentar fazer uma parada mais horizontal, né?! Não na vertical. Então eu acho que eu ia, ia para cada um. O que que cada um pensava sobre. O que cada um podia ajudar no momento ali na hora, o que se tava à vontade. Tornaria ele deixar ficar à vontade. "Poh, não tô à vontade com isso", então vamos tornar isso à vontade pra gente caminhar juntos 'assim'. Não tentar centralizar a parada em uma só. Porque de fato, foi como a gente falou lá atrás 'assim'. Cara, foi bem estressante 'assim'. Como é estressante ter a carga de responsabilidade atrás, e de estar ali e você ser referência. Porque cara, você ser referência... você é só mais um, a gente é aluno ali.

Rafael: O que que você sabe? Nada. (risos)

Miguel: É. A gente sabe nada... E tipo, e aí? A gente sabe que tinha um prazo, que tinha que cumprir o prazo. Daí vai lidar com a ansiedade de "vamos fazer para cumprir esse prazo?" e daí ficava a maluquice de ter que virar a noite, de ter que levar computador pra sala pra fazer, entendeu?! Tá, mas eu acho que tipo assim, eu lá atrás, com certeza, abriria mão dessa coisa de posição que né, colocaram ali de cima. Para entender mais e "oh cara, você tá à vontade no projeto?", "você tá... você tá... o que vai te tornar mais a vontade com o projeto?", "o que a gente precisa fazer pra você ficar à vontade, pra você entrar na parada?", entendeu?! Então eu acho que é muito isso de conversa e dessa troca individual ali, e não mais só em grupos com a gente definiu ali. E aí uns fazem, outros não, e a gente 'sabe' muito bem como é.

Fernanda: Uhum...

Miguel: Ali na equipe tem... no... nas pessoas ali... nos alunos tinham pessoas que realmente não queriam mesmo, que tava pra eles pouco, não só se importar com o negócio, mas 'tipo assim' "cara, não quero ter trabalho. Já tão fazendo? Tá bom!".

Rafael: Isso...

Miguel: É isso só pra ganhar uma nota. Pra ganhar uma parada, entendeu?! Oh, vamos fazer o trabalho de quatro pessoas? Uma não fazia. Mas por quê? Justamente não queria fazer mesmo.

Mas outras né, pensando nesse lado de... eu tô falando isso de pessoas ali próximas do círculo, porque a gente era dividido em grupos e sabia quem fazia as paradas normal. Então eu acho que é muito isso de chegar e conversar mesmo, “cara, tem um ponto que não tá... por que você não se mostra mais? Tá acontecendo... você tá bem? O que você acha do projeto? Você tá confortável? Tá precisando de alguma coisa?”. E, obviamente, ia ‘surgir’ e ia tratar cada um ali (entendeu?!) pra fazer todo, pra fazer o Somos seguir numa linha horizontal e não fazer afunilar aquilo, porque é como o Rafael falou, cara, as pessoas podem ter se sentido retraídas por uma falta de... de não ver uma pessoa igual a ela na liderança, e ficou na dela, tipo “não, não vou falar nada porque já tão decidindo ali, já tão na ansiedade lá...”, e o que eu vou fazer, uma hipótese, “por que eu posso dar uma ideia aqui será que vai mudar o processo todo?”, e aí no fim não fala nada, entendeu?! Porque a gente já tava na ansiedade e já tinha que fazer o negócio corrente, porque a gente vai fazer um negócio lá que... eu uso até o mesmo exemplo que eu dei, por exemplo, arte da minha parte que me cabia ali. Poh, a pessoa ia demorar uma semana ou duas semanas para entregar o negócio ali, pelos motivos dela. Só que, ao mesmo tempo, eu já tava antecipando o meu lado (entendeu?!) para a gente ver. Então eu acho que cai muito nisso. Voltando lá atrás nessa fala que eu falei, se a gente chegar e falar “cara, tu consegue fazer 50% dessa arte e eu pego as outras 50%?” e a arte junta, entendeu?! Mas a gente tem que esperar uma versão, para eu ter que ver, para mandar, para fazer tal coisa, entendeu?! Mas eu acho que é muito isso, de voltar atrás e de... eu hoje faria isso, de voltar e reunir a galera ‘assim”. E até mesmo porque a gente já sabia que aqui não, não só aquela galera do “vamos deixar porque já tão fazendo e eu vou ganhar mesmo o negócio, já tá maneiro”, mas até nessas pessoas, de chegar só para falar “oh, falei com todo mundo e a pessoa fez isso e a gente vai ali cada um com cada um e tentar seguir...”, chegar num consenso como um todo ‘assim’ pra gente ficar juntos ‘assim’ ali no horizontal, e não afunilando para chegar lá na frente e ter cinco pessoas tendo que tomar decisões por várias funções que a gente não sabia que era uma decisão, nem a importância daquilo, entendeu?! Então eu acho que é muito isso. Eu voltaria e conversaria com cada um, com cada pessoa mesmo e ver o que ela pensava sobre o projeto, sobre as ideias dela pra gente caminhar junto, e mesmo que se tivesse que voltar passos atrás para entender, entendeu?!

Rafael: É, no meu caso eu acho que... Cara, é uma hipótese que não existe, obviamente, mas daí como você trouxe para o presente, eu posso falar ela. Que é, se eu tivesse essa reflexão que eu não tinha na época, que você trouxe agora e que eu, sinceramente, nunca nem pensei, para te ser muito honesto. Essa questão da liderança branca de acabar tendo sido “naturalmente”, por diversos fatores, a liderança majoritariamente branca. Eu acho que a única pessoa negra que puxou alguma parte da liderança acho que foi o [nome suprimido] junto do Miguel, que era uma parte da tecla. Mas, eu nunca tive essa reflexão que você... e eu vou ser muito honesto. Mas dada a pressuposição de que ela exista, sim. Eu acho que eu pensaria melhor,

repensaria melhor e tentaria trazer pessoas negras com perfil de liderança que poderiam ajudar e que tivessem esse perfil de motivação também do [nome suprimido]. Que poderiam tá do meu lado “hierarquicamente” falando. É até bobo falar isso, porque acabou que essa hierarquia acabou acontecendo por vários motivos, mas não coisas do tipo “sentamos na mesa, todos e pronto, o Miguel manda, o fulano manda...”. Depois que a coisa estava acontecendo ‘mesmo’ que pronto, nego falou “tá, beleza! Tá mandando mesmo, então bota ele aí de líder”. A coisa foi acontecendo e por diversos motivos a gente entendeu como “natural” na época, mas sim, eu acho que a resposta é sim. Eu tentaria trazer uma galera que eu não tentei trazer, mas assim, sendo muito honesto, na época... e o Miguel sabe disso porque ele tava do meu lado assim, eu apesar de ter assumido o papel de liderança, de decisão, porque afinal das contas quem falava a decisão era eu, eu ficava o tempo todo buscando alguém pra me questionar. Eu ficava “gente, e aí?”.

Miguel: Exatamente... [tá em algum lugar do parágrafo grande]

Miguel: É isso...

Rafael: Eu soltava uma opinião no ar e ficava meio que esperando alguém me rebater, porque no final das contas eu queria, porque eu tava tão inseguro quanto todos os queridos da sala. Eu não sabia o que eu tava fazendo.

Miguel: Exatamente.

Rafael: E aí eu falo “gente, olha, isso aqui é legal?”. E as vezes umas pessoas falavam e eu concordava, as vezes não concordava e enfim, a gente fica negociando. Mas eu tava doido pra alguém me questionar, doido. Queria que alguém falasse “é isso aí”, então poh, se alguém tomasse a frente do meu lugar, eu até deixava. Porque eu tava tão inseguro, poh. E se eu tô fazendo certo, se eu não tô fazendo certo, se tá bom, se tá ruim. Enfim, mas acabou que pouquíssimas pessoas fizeram isso. E acabou que, bom, os motivos a gente já falou: n motivos. Pode ser uma característica... eu tenho um... o Miguel acho que é um pouco parecido comigo também com relação a isso. Mas eu acho que a gente é um pouco... mas também é um defeito meu e é uma coisa que eu tento controlar e eu pensei no projeto, que é quando eu fico muito nervoso, muito inseguro em alguma coisa, minha maneira de me proteger do externo é formalidade em excesso, que acaba me fazendo uma pessoa incisiva.

Fernanda: Hum...

Rafael: Dura, às vezes. Eu falo uma coisa como se eu tivesse tomando uma decisão, mas as vezes eu nem tô, entendeu?! Mas é quando eu to muito inseguro, muito nervoso com a situação, quando eu não tô à vontade, a minha defesa é ficar falando como se fosse um cara do Séc. XV. Então, tem isso também, as vezes eu pequei pela ausência de gentileza na comunicação. Eu tentava fazer o mais gentil possível, mas eu tenho esse problema que eu trato até hoje. Eu esperava um questionamento, mas por exemplo, eu falava “gente, o melhor é isso aqui”. As vezes é uma frase que não abre espaço pro questionamento. Então olhando pra trás de repente eu procuraria fazer uma comunicação mais aberta, mais leva, mais soft, uma coisa que permitisse, que fizesse

as pessoas se sentir a vontade pra me questionar. Porque é isso, as vezes eu sentia um medo de me questionar quando ao coisa tava andando, quando a coisa tava andando... no início não. No início todo mundo colaborava, bobôbo, babába. E a coisa foi como o Miguel disse: afunilando. E a gente acabou se tornando reconhecido como líderes ali naquele ambiente, e as pessoas claramente, algumas por vontade, se abstiveram de decidir porque "beleza" dá menos trabalho e tava ali fazendo um mínimo, então tranquilo. Mas eu senti que outras pessoas, de repente, se abstiveram de decidir não... porque reconheceram uma autoridade absoluta, déspota. E não uma conversa. Mas eu muito sinceramente, eu nunca pensei nessa questão racial. Não foi uma reflexão que estava na minha cabeça, não estava na minha cabeça na época, eu não posso dizer que estava. Mas eu muito, honestamente, quando eu entendi isso e, na época eu entendi isso de "poh, eu tô jogando as coisas e ninguém fala nada, ninguém me questiona", sabe?! Todo mundo tá 'cagando'? Não, não é porque todo mundo tá cagando. Não é porque todo mundo não tá nem aí. Então tinha algumas pessoas que eu sabia que queriam dar um palpite, mas 'meio' que ficavam me reconhecendo como autoridade absoluta da coisa e não era nem assim que na minha cabeça funcionava. Então eu ficava, o Miguel lembra que eu ficava para a [nome suprimido], para uma galera que... não, não tem nada a ver racial porque eu nem pensei na época, muito sinceramente. É só porque eu olhava nela as pessoas engajadas que poderiam contribuir com a coisa e que as vezes não chegava pra mim e falava "poh, isso aí tá ruim", "faz de outro jeito", "tem que pensar diferente isso aqui". E aí eu ficava – "e aí? O que tu acha disso" – o Miguel sabe que eu fiz isso com várias pessoas que eu achava engajada.

Fernanda: Uhum...

Rafael: Outras pessoas eu cagava. Porque eu sentia que elas estavam cagando também e que eu não ia tirar nada. E aí dessas pessoas, é aquele papo de motivação que eu tava falando. "Tem aqui" (mostra escada com os braços), "então eu preciso trabalhar isso aqui" (mostra subindo um degrau). "Faz uma coisa mais leve", só para a pessoa participar. Mas eu ficava tentando extrair essa coisa de "e aí, o que você acha?", eu ficava tentando... só que, realmente, a reflexão racial não tive. Não fiz nenhum movimento nessa direção. E, com essa reflexão na cabeça, muito provavelmente eu poderia ter feito diferente. Teria abrido mão, teria abrido mão com certeza se tivesse uma liderança que se sobreposse a minha. A questão é a seguinte: eu queria segurança. A questão é essa. Eu tava muito inseguro, eu não sabia muito o que fazer e se eu tivesse numa figura uma posição de segurança que eu pudesse me agarrar, eu me agarraria. A verdade é essa. Como me agarrei a sua figura de liderança, Fernanda. Porque você era o nosso barquinho (entendeu?!), a gente ficava ali em alto-mar e quando a coisa apertava a gente abraçava você, porque a gente não entendia muito bem o que tava fazendo. Mas a resposta é sim, teria feito diferente. Com certeza, com essa reflexão na cabeça. Teria aberto mão de várias e várias coisas, eu acho.

Fernanda: Bem gente, é isso. O que vocês querem deixar uma mensagem? Alguma coisa?

Primeiro eu quero agradecer a vocês por isso. A experiência foi fantástica e eu tô feliz pra caralho, sabe?! Demais assim. Porque eu venho refletindo, como explicar melhor pra vocês. Eu venho refletindo desde aquele projeto, mas na verdade foi no dia da apresentação para todo o Viva Rio ali no auditório. Aquele dia eu tive um incômodo quando vi todo mundo 'assim', eu disse "pera aí". Porque eu tinha, quando né... não foi algo, né?! Vocês lembram a aula que foi dada, foi uma aula que a gente tava falando sobre, na verdade, seria uma aula sobre projetos voluntários, sobre voluntariado. E aí eu peguei esse voluntariado e transformei em algo do tipo da gente trazer as cosias que são cotidianas e naturais pra gente e que a gente fica esperando algo de extraordinário acontecer na vida da gente. Para a gente sair do nosso lugar e se movimentar. Eu lembro que eu passei um... TED, se eu não me engano, de um rapaz falando da experiência dele, né?! Se eu não me engano, largando tudo, trancando a faculdade, né, e aí ele falava assim de uma história, uma narrativa de super-homem. E aí o [nome suprimido] falou da questão, do orgulho que ele tinha do pai e tal, né?! Que não precisa... a gente fica esperando que outras pessoas, atos extradiordinários para ser nosso super-heroi, e ele tinha em casa e começou a aprender. Aprendeu e trouxe isso pra gente. E a partir dali, e aquilo motivou, e a gente conversou bastante.

Mas e o objetivo, e eu lembro como o plano de aula foi pensado, era isso de levar vocês para que vocês reconhecessem isso. Entendessem que esse extraordinário não é nada que precise ser grandioso, é apenas o diferente. É aquilo que sai da ordem, que sai da nossa ordem que a gente tem própria, do nosso lugar ali naquele momento. E sim, tinha uma pegada, uma visão, porque sim, toda minha didática e pedagogia ela é pautada na pedagogia antirracista, porque pra mim é o problema crucial do Brasil ainda muito colonial que nós temos. E não vai ser resolvido porque tá muito ligada a economia, ao capital. O capitalismo ele precisa disso pra sobreviver, porque se acabar o racismo acaba o capitalismo. Ele precisa disso. Então, nesse sentido, de utilizar... quando chegou naquele dia maravilhoso, e eu vi aquilo lindo. O projeto todo pronto, aquelas apresentações, todo mundo ali super legal, né?! Lembro da fala do [nome suprimido], todo mundo ali parabenizando vocês, dizendo que era o melhor projeto que já tinha passado por todo o Viva Rio e tal. Eu fiquei pen... aí me veio isso na cabeça: "de eu, caraca! Eu não tô vendo todos aqui", assim, sabe? Ali na frente... e foi o que me incomodou. Me incomodou. E aí, não me incomodou num sentido do que vocês fizeram não, mas me incomodou 'assim': "o que eu fiz no meu caminho que chegou a isso? O que eu fiz, né?". Porque até então, o meu caminho era o mesmo planejamento, as minhas ações, o que eu discurso, tudo o que eu tava, que eu vinha trabalhando e sempre trabalhei em todos os lugares era pra trazer, e trazer essa última mesmo dos jovens, dos sujeitos negros, porque a gente sabe que isso é sabido, de que isso é fato, de se ter isso, de quando a gente não se vê, quando não tem representação... e ali me vendo como uma representação eu esperava que eles também quisessem estar naquele lugar ali, e não foi. E eu "ué, o que que houve?" e eu atingia a outros que não era o meu objetivo. Não era o meu objetivo. Meu objetivo era outro. E eu lá fechando isso e refletindo. Então, por isso que eu trouxe essa questão pra vocês... né... e aí, da questão racial, de entender o posicionamento de vocês e eu tô super feliz de ter ouvido isso de vocês. Da consciência, do privilégio e consciência do lugar de vocês. Da trajetória, de saber que por mais que nós não temos, nem vocês, nem eu e muita gente não se tenha,

o caminho e a solução, respostas prontas (que não é), mas o caminho e a construção disso... e hoje eu trabalhando diretamente com empregabilidade de profissionais negras, então faço consultoria para as empresas, projeto de treinee, desenvolvimento de lideranças, escuto diretores dizendo, falando “cara é muito difícil sair da empresa. Diretores eu tô falando de multinacionais imensas, entende?! “Eu sou sozinho. Você é a pessoa mais perto de mim no meu trabalho que eu tenho. E você nem da empresa é”. Entende? É louco ouvir isso! De um homem... porque ainda tem a questão do patriarcado, né?! De um homem negro lá nos seus 50 e poucos anos, no serviço... e, imagina com os jovens, isso? Imaginas com os jovens ali... como isso acontece?

E, agradecer muito a vocês. Porque eu fiquei muito contente. A minha investigação é essa. O que eu tô fazendo é, a minha investigação é essa. E vocês me trouxeram ‘assim’ pérolas. Muito obrigada, de verdade!

Rafael: Obrigado a você, professora! Foi uma experiência ótima. Eu tava com saudade de ambos.

Fernanda: (risos)... pérolas. A troca... sabe?! Eu nunca estarei no lugar de vocês e vocês nunca estarão no meu lugar, e é isso que é o mágico. É isso que falta e que faz a aderência do tipo que não existe igualdade e nós não seremos iguais. Querem impor uma igualdade que não existe, porque quando você faz uma igualdade você padroniza. E quando você padroniza, normalmente, você tem que escolher um ponto para padronizar. Né?! E quando você faz um ponto para fazer esse padrão, você está excluindo outros. Né?! Então eu acredito mais e gosto mais de falar da palavra equidade. Cada um no seu lugar, com as suas oportunidades, estando no mesmo lugar mas com as suas especificidades respeitadas, podendo ser do seu jeito. Da sua maneira. Com suas histórias. E vocês me trouxeram muitas coisas valoras mesmo, para se trabalhar. Assim, eu agradeço demais. Muito obrigada mesmo, pela abertura de vocês, pela sinceridade, pela confiança. Por que, né? Eu continuo sendo a maluca, a louca que cria um monte de coisa. E né, confiança, porque foi assim: “Oh, vamos fazer tal coisa?”, “tá bom, vamos fazer”. E tá lá. E nada, eu deixava vocês pegando fogo mesmo e o negócio nem... e eu vendo o desespero. Tentava controlar as ansiedades, mas eu sei dos desesperos que eram. Mas é isso, a gente tem que passar pelos desafios e passar pelas provas, pelas situações, para que vocês pudessem hoje ter essas reflexões. Podem ter certeza que elas são valorosas em todos os sentidos pra vocês, na vida de vocês. E eu fico muito conte por isso.

Miguel: É, cara. Agradeço também pela troca. Saudades também dos dois. É e Fernanda, valeu por todo ensinamento que a gente vem tendo, inclusive hoje nesse papo, com reflexões que não passava na cabeça nem de antes e também no pós isso a gente também voltou atrás para resgatar esse negócio, essas questões. Tendo esses questionamentos a gente voltou atrás, óbvio, a gente consultou lá atrás. Consultava, como tinha falado antes, com outras coisas, só que não nesses quesitos raciais e nesses outros pontos que você trouxe e nos questionou como sempre nos questionou lá atrás (né?!), nos moldando assim. Então eu acho que nos ensinou lá atrás e vem nos ensinando sempre.

E... É, eu acho que isso vai seguir. Então cara, conta comigo aí no que precisar. Se quiser outra pesquisa depois de novo e de novo, é só chamar. E só mandar... eu posso demorar um pouco pra responder, como eu demorei ai naquele dia lá.

Fernanda: Tranquilo, tranquilo! Tava dentro do prazo.

Miguel: Mas aí eu vi o e-mail também e daí eu “poh, daqui há pouco eu respondo que tenho que terminar um negócio”. Daí eu respondi, e foi no WhatsApp. E cara, é gratidão mesmo assim, pela troca lá atrás, por essa troca hoje. E conte comigo no que precisar, sempre que quiser aí umas paradas aí, a gente vai fazendo e vai fazendo e, quem sabe aí, um Somos parte dois? (risos)

Fernanda: Como eu não pensei nisso antes? (risos)

Miguel: A gente já vem pensando lá atrás...

Rafael: Só tem maluco, só tem maluco presente nessa sala. Não dá ideia não. (risos)

Fernanda: Maluco mesmo, gente! (risos)

Rafael: Mas professora, faço das palavras do Miguel as minhas palavras também. Foi... é isso que ele falou, tipo assim, pegando um pouquinho do que vocês dois falaram aí... tem certas reflexões, que do nosso ponto de vista, com a cor da nossa pele a gente não consegue pensar. A gente tá num lugar de conforto que as vezes a gente não sai. E no nosso dia a dia as vezes a gente só consegue pensar nisso quando você traz isso pra gente, quando você incita na gente esse incômodo, essa questão e a gente fala... “Poh! É isso!”... Tá, não só por você ser uma mulher, negra, líder, mas especialista no tema também, o que é outra história.

E é o que você falou cara, essa conversa tem muito valor e eu reconheço muito esse valor pra mim. E pro Miguel também. Tenho certeza que ele reconhece também. [travou]... entender a realidade do outro e, enfim, eu acho que [travou].

Miguel: Eu acho que deu uma travada na internet do Rafael.

Fernanda: É, foi a do Rafael.

Rafael: Nosso lugar no mundo, de maneira geral. E qual deveria ser nosso lugar no mundo de maneira geral.

Fernanda: É isso. Miguel, obrigada. Rafael está travando um pouquinho a internet dele. Deixa ele voltar pra gente encerrar dentro do planejamento, porque eu continuo sendo foda em gestão, me desculpe! (risos)

E eu quando tô com os jovens aprendizes eles ficam enlouquecidos comigo quando eu falo assim “vamos fazer isso e tal”, dai eu falo assim “bom, terminando agora, na hora, perfeito, dentro do planejamento porque eu sou foda mesmo”. Eu falo pra eles e eles ficam doidos. (risos)

Mas isso é desafio. Eu não quero ser a foda, eu quero é ter um monte de fodinhas. Né?! Vamos replicar isso aí, então eles ficam... poh, é tirar do conforto e eu tô desafiando o tempo todo, né?! Como eu fiz com vocês eu continuo fazendo aí com uma galera aí. Tem uma galera boa, no momento, e eu continuo desafiando eles a isso. E eles acabam não fazendo pela situação pandêmica, mas tem gente que volta 20h da noite, ou no dia seguinte, para falar do tema da aula, ein?! Você entende? Assim como vocês faziam. E "bah, caraca, aquilo me deu uma ideia disso e daquilo outro", "tô afim de fazer isso aqui, então acho que vou dar esse palpite lá na empresa, o que a senhora acha?". Então aquela coisa que eu falo: o meu salário simbólico é com ele que eu tenho que contar. Eu conto com ele. É a cachaça que faz a gente mudar, mudar e mudar. Entendeu?! E fazer... e eu nesse momento só digo que sou abençoada pra cacete por trabalhar com vocês, com as juventudes. Juventudes, porque cada uma tem uma experiência, né?! E das respostas que eu tive ali no questionário de juventude, cada um tem uma juventude, entende?! Então eu não posso rotular a juventude jamais. Jamais.

E, só dizer que tô feliz pra cacete. Muito obrigada, de verdade. E vamos ver se fazemos alguma coisa, tomamos uma cerveja pelo menos.

Rafael: Ah, pelo amor de Deus!

Miguel: Pelo amor de Deus! Vamo!

Fernanda: Vamos fazer alguma coisa! Um respiro, um respiro que tá difícil pra cacete. As minhas coisas aí se apertando, não sei o que será do ano que vem. Difícil, gente. Não sei não, ein?

Rafael: Pra todo mundo, tá difícil, tá foda.

Fernanda: É. Pra todo mundo. Tá. Tá. Então pra nós que já ajeitamos um pouco, calibramos a nossa lente, a gente sofre mais, infelizmente. Mas em compensação a gente também se sente mais responsáveis. Fica se cobrando, né?

Rafael: Que não necessariamente nos faz felizes... Na maioria das vezes é o contrário.

Fernanda: É isso aí, isso mesmo. E a gente precisa se cuidar. Se protejam em todos os sentidos. Protejam o emocional de vocês, que a gente sabe dos acontecimentos. Se cuidem, cuidem de vocês, cuidem dos seus. Porque a gente que tá um pouquinho mais a frente de entendimento acho que a responsabilidade é nossa, também.

Beijo! Até mais, tchau!

Rafael: Beijo, professora! Tchau! Abraço!

Miguel: Valeu!

ANEXO B – Transcrição entrevista Luísa

Fernanda: Pronto, eu estou gravando, ta?

Luísa: Alô, tudo bem?

Fernanda: Tá tudo bem... quer dizer, não posso reclamar não Luísa. Eu tenho que parar de reclamar. Eu tenho que parar de reclamar. Tá tudo bem sim. Tive alguns desafios, tô com alguns desafios. Desafio na dissertação, de concentração de escrita durante a pandemia. Era pra eu ter defendido já desde agosto, mas teve prorrogação para todos porque nós ficamos seis meses sem aula. Com aula suspensa. E tá sendo um desafio porque você sabe um pouco da minha vida, né? Então, daquela vida corrida que eu tinha lá, melhorou um pouquinho. Ou seja, eu tenho mais coisas pra fazer... tá me ouvindo? Porque travou.

Se você tiver me ouvindo você me responde. Ta? Tá bom. É que tá travando um pouquinho, tá intermitente a internet. E daí eu tive, depois que retomou o período todo, o semestre (porque lá é trimestre, né), no CEFET. E daí eu tive Covid. Fiquei com sequela da pressão alta da covid. Esta semana a minha mãe está saindo da covid. Então essa semana eu não consegui produzir nada, porque foi só para os trabalhos e você sabe que eu trabalho em mais de um lugar. Mais fora os projetos, fora os estudos, minha filha em casa e cuidando lá da mami, que tem que dar comida na hora certa, tá controlando, monitorando a saturação. E a cabeça tá aqui, mas não tá aqui. Tá preocupada, né?!

E aí são os desafios e eu só tenho a agradecer porque passou. Passou. Minha mãe amanhã tá liberada, já dá os dias todos de isolamento. Passou. Venci. Tô bem. E é isso. Mas é isso, então, aí eu consegui. Semana passada eu fiz uma roda de conversa com alguns jovens aprendizes, e minha mãe doente, mas eu não sabia ainda que era covid, só tava de cama. E aí eu consegui fazer porque já tava marcado e como eram mais pessoas, não era entrevista, era roda de conversa. É mais difícil né, para a agenda das pessoas. Mas você foi super gentil e generosa, muito obrigada de ter deixado transferir pra hoje. Num domingo, sei que você está aí com seus afazeres, com seu lazer, sua família, tudo isso. Muito obrigada.

Mas vamos lá... deixa eu abrir aqui o meu roteiro. Você respondeu o questionário e eu fiz duas perguntas sobre juventude, no questionário. A primeira pergunta que eu fiz no questionário foi de como vocês se viam né, qual era a concepção de ser jovem naquele período, há quatro anos atrás né, em junho de 2017. Em julho ou agosto, se eu não me engano, a gente apresentava o projeto do Somos na primeira semana de setembro para o Viva Rio. Então passamos o mês de julho, mais um pouquinho de agosto para preparar todo o projeto. E depois eu perguntei atualmente, hoje né. Qual era a sua concepção de juventude. E aí você me respondeu algo que me tocou demais, por isso eu te convidei.

Quando você disse – deixa eu tirar aqui das suas palavras – “não sei se tive uma juventude plena”, né. E isso que ficou na minha cabeça para te trazer para a entrevista.

Isso. Daí antes de você responder, eu queria que você falasse um pouquinho disso que você trouxe como definição né. Você diz que acha né, mas no seu conceito você não teve uma juventude plena. E aí você disser a sua idade hoje, é um dado sem fio hoje a idade né (risos). Aí se você puder dizer, diga a sua idade. Mas, a juventude vai até 29 anos. Então se você está ou não está dentro da juventude, você também pode dizer a idade. E o que seria essa juventude plena que você acha que não teve?

Luísa: Bom, tá me ouvindo, tá me ouvindo bem?

Fernanda: Tô.

Luísa: Eu tô com 25 anos. Anos completos aqui em 2021. E eu acho que uma juventude plena, em comparação até com as meninas da minha idade já vivenciam e eu não vivenciava, eu acho que tem a ver com o recorte racial, mas eu também entendo com uma educação que eu tive. Também tem a ver com o recorte racial que meus pais têm, que meus pais vivenciaram. Mas eu sempre fui... eu tive uma educação bem restrita, bem rígida. Rígida mesmo, assim. De ter que estar sempre com a família, de a gente ir na igreja e logo mais ter que sair de casa, e eu saí de casa cedo, saí com 19 anos. E foi bem restrita mesmo de tipo não conseguir viver [áudio ruim] com os meus amigos assim.

Então tem coisas que de fato eu não vivenciei. Por exemplo, uma coisa que parece boba, mas pra mim, eu até comentei com o meu psicólogo esses meses: festa de 15 anos. Eu recebi muitos convites de festas de 15 anos só que eu não pude ir em nenhuma festa. Meu pai não deixava assim. E era muito... era um desespero. Era um desespero porque eu chegava da escola e eu via as pessoas comentando “ah a gente fez isso”, “fez aquilo”, “ah, a gente falou com tal pessoa”. Até a questão das paixões assim, dos primeiros amores, eu acho que eu vivi isso muito tardiamente, e isso já relacionado ao fato de eu ser uma mulher negra também. Com a minha educação eu acho que fortaleceu assim, que tornou isso mais forte. E coisas assim que eu sinto que eu só pude viver agora e que quando eu era mais nova eu não vivia assim, tipo, principalmente em relação a confraternizar com amigos.

Então é [áudio ruim] que eu não criei, mas enfim, na cabeça do meu pai... [áudio ruim] eu só tinha que ficar em casa, como mulher que fosse respeitosa... e enfim, tinha uma coisa meio, meio não, assim, totalmente patriarcal, de um lugar do que a mulher tinha que fazer. Então eu já vivenciava isso de ter que ficar em casa, e eu vivia pra família e, em outras palavras era assim: “os seus amigos não são seus amigos, quem é seu amigo sou eu”. Então foi uma coisa meio assim, uma coisa meio bizarra. Minha mãe também, falava essa coisa de que eu não tinha amigos e que meus verdadeiros amigos que eu tinha era a minha família.

E isso é meio que a minha história. E a gente passa a semana em função de uma ‘imagem social’ assim. A visão era que a minha família era muito linda. Meu pai e minha mãe são pretos. Então, tipo assim “ah, sua família é muito linda”. Minha mãe teve como meu pai sempre. Ela tem um filho. Meu pai teve outras duas fora do casamento. Então foi tudo meio... passou uma coisa muito forte para as pessoas, sempre foi uma coisa muito bonita. [áudio ruim]

Fernanda: Luísa, repete o que você acabou de falar porque a internet deu um... você parou lá dizendo que, pelo que entendi, seu pai teve uma vida fora do casamento...

Luísa: Sim, teve e tem, na verdade.

Fernanda: Sim, teve e aí continua. É, ninguém deixa de ter. E continua... foi onde aí cortou um pouquinho.

Luísa: É, então para as pessoas a gente tinha uma imagem muito bonita de família assim, sabe? Meu pai era...

Fernanda: De família perfeita...

Luísa: Só que isso custou algumas coisas. Pra ele deve ter custado, eu não sei se custou pra eles, mas custou pra mim, né?! Que foi a minha... eu acho que foi uma parte de uma juventude mais com pessoas, pra confraternizar mesmo, porque eu criei uma coisa muito sozinha assim, de ficar sozinha, de me imaginar sozinha. Nossa, eu tô até com vontade de chorar... Mas, é isso assim.

Fernanda: Entendi, bem... agora entendi o que que há, você quis dizer que não teve uma juventude plena, que não sabe se teve. E aí com 25 anos, você ainda é jovem né. Você ainda é jovem. E anda tomando muitas decisões adultas? Me fale um momento do seu momento atual...

Luísa: Sim, totalmente, depois que eu saí de casa. Eu sempre falo que não foi uma saída planejada. É... (choro).

Fernanda: Fica à vontade, estou te acolhendo. A gente não tá pessoalmente... mas eu te acolho, viu?!

Luísa: Enfim, não foi uma saída planejada. Eu nunca pensei em sair de casa e isso nunca passou pela minha cabeça. Mas de fato, é estranho... mas teve um ponto assim que foi muito bizarro, que chegou a um ponto que eu falei “não, eu vou embora, não tem mais o que fazer”, sabe? “Ou eu vou embora, ou eu não sei”. E aí eu fui embora.

E na época, assim, também por um jeito pela minha mãe, assim... a minha mãe recebia uma pensão e que eu acabei recebendo direto na minha conta assim... Mas aí, ela voltou pra casa e eu não voltei. E aí eu demorei a entender um monte de coisinha assim. Eu não digo que foi totalmente sozinha, porque tipo, eu tive pessoas que me auxiliaram, mas mesmo assim, quando você tá fora e você assim... e independente do que ele seja, se é bom ou ruim, independente do que ele seja, quando você tá fora disso, daquilo que você tá acostumada, que tipo você se acostumou, que cresceu... você se sente um pouco perdida assim no começo, então eu saí e comecei a receber pensão e eu fiquei morando com a minha madrinha um tempo. E foi muito bom pra mim. Minha madrinha é ótima, assim. Foi muito bom pra mim, mas ainda assim eu me sentia deslocada. Parecia que eu era tipo, uma pessoa solta no mundo, sabe? E a minha madrinha não me fazia sentir dessa maneira, mas eu me sentia assim, tipo, era mais a minha impressão... eu via a minha irmã casada com um marido bem bom assim, via a minha mãe com o meu pai, mas eu nunca aceitei bem a relação deles. Mas enfim, foi o marido

que ela escolheu e é o meu pai. Então não tem muito o que fazer e eles estão casado até hoje. E os meus irmãos todos casados, todos com a família deles. E eu tenho irmão mais novo que também continuo, meio que continuou em casa porque era mais novo, mas agora ele saiu.

E eu me sentia assim, meio desamparada mesmo. Mas eu me comparava mais com a minha irmã mais velha, porque a minha irmã saiu de casa casada e eu sempre disse que iria sair de casa casada também. Tipo, eu tinha essa ideia de que eu tinha que sair de casa com um bom marido. Tipo, e aí foi, se você pensar com 18 / 19 anos que eu já pensava nisso. Porque sempre foi assim. Meu pai sempre falava também que “mulher saía de casa casada”, então eu torcia para arranjar um cara melhor que o meu pai (risos).

Era isso. E daí eu via a minha irmã, porque tipo a minha irmã era o meu exemplo assim mais direto, até mais do que a minha mãe. Porque eu sempre via a minha mãe, envolta daquele contexto familiar, enfraquecida.

Eu tô dando uma volta, ta. Mas eu vou te responder a tua pergunta.

Fernanda: À vontade...

Luísa: É, é isso assim. Minha mãe enfraquecida dentro daquele contexto familiar e eu via a minha irmã como alguém mais forte né. Que visitava o meu pai e que tinha mais voz e tal. Apesar de todo mundo achar que eu era mais parecida com a minha mãe, eu olhava pra minha irmã com admiração mesmo. Hoje eu admiro ela tanto quanto, mas é um processo assim [áudio ruim]... já são seis anos fora de casa.

É... e nesse processo todo de saída, de achar que eu tinha que sair com um bom marido e tal, tudo isso me fez a começar a pensar “bom, isso não aconteceu, não é assim a minha realidade, então eu vou ter que começar a estruturar a minha vida”, né? E não ficar lamentando pelo o que não aconteceu. “Porque se eu tô aqui, tem algum motivo”, “de certa forma eu acho que eu tô melhor aqui do que dentro da minha casa”. “Então eu não preciso de um marido nem de um casamento para me ver livre dessa situação”. E, então a minha irmã me deu muito suporte, mas mesmo assim a gente tem diferenças assim de vivências, então tem coisas que eu não entendo que ela não entende e ela também não entende que ela tem que explicar assim. E aí tem coisas... eu me sinto muito sozinha as vezes. E isso me faz pensar que eu tenho que tomar atitudes muito adultas, porque eu tenho a minha famí... um suporte né. Eu ainda sinto que tudo depende de mim. Tudo, tudo, tudo, tudo e tudo.

Então, hoje eu tô aqui na casa do meu irmão e tal, aqui é tranquilo, aqui é de boa. Eu falo que... eu tenho uma relação com meus irmãos muito boa assim. Com o meu pai e a minha mãe é uma coisa muito frágil, a gente conversa, a gente se fala, mas eu não vejo muito, eu não ligo muito, entendeu?! É uma coisa mais distanciada. Mas a gente tem um bom convívio depois desse tempo. Mas ainda eu sinto que tudo depende de mim, sabe? E eu sinto também que as pessoas estão esperando o dia que eu falhar. Que eu vou voltar pra casa... e eu acho que a minha mãe assim ainda espera esse dia,

acha que eu vou voltar pra casa, de que eu vou ficar lá com ela, tipo assim, isso me irrita muito.

Então eu acho que as decisões mais adultas que eu tô tendo que tomar é persistir na minha caminhada de continuar a minha vida sozinha né, porque eu fiquei um tempão com a pensão, aí agora quando acabou... eu tô agora... me formei no mestrado recentemente, já comentei com você. E assim, eu tô lutando pra viver o meu sonho que é viver da minha arte, né. Parece até uma frase de humanas né, mas não é isso (risos). Tipo, da minha escrita, eu escrevo. Então eu quero viver de dramaturgia, eu quero viver de roteiro, eu quero viver de peças teatrais. E assim, eu tô lutando muito pra fazer isso acontecer, ao mesmo tempo eu me encontrei com tarot cigana, então eu também ganho dinheiro com isso. Eu faço tarot né e também faço dramaturgia.

Mas enfim, eu sinto que a vida tem me dado respostas assim que no movimento eles tão acontecendo. Eu consigo pagar minhas contas, não sobra muito dinheiro, mas eu consigo pagar as minhas contas. Tipo assim... e meu objetivo é me tornar o mais independente possível financeiramente assim, sem ter que pedir nada pra alguém pra ter que pagar depois. Eu tenho amigos muito generosos que assim emprestam dinheiro que eu depois consigo pagar, mas assim, eu não quero mais essa vida de perrengue. É isso que eu quero. E... e pra isso eu preciso ser adulta. Adulta o tempo inteiro assim. E, é óbvio, os amigos também tão numa fase que eles precisam ser e pensar nisso e tal, mas comigo a vida é diferente, essa preocupação já vem quase que... quando eu tinha pensão eu já me preocupava com isso, porque eu ficava “vai acabar a pensão um dia, o que que eu vou fazer?”.

Mas, apesar de tudo, eu me sinto abençoada. Porque tudo que aconteceu tem um propósito. E não é assim... tem um lugar espiritual porque hoje, apesar de eu não estar dentro da igreja, eu sou uma pessoa muito espiritualizada. Então eu rezo muito, eu me conecto com meus guias assim, eu acendo uma vela. Ontem mesmo [áudio ruim]... eu escuto muito o que a espiritualidade tem a me dizer, independente da forma que ela está presente, independente da religião que ela se apresente. Só que eu não faço com os meus pais fazem, que é uma forma muito rígida, uma forma muito dura, entendeu? Que por vezes me distanciou até mesmo da minha espiritualidade, porque eu olhava e me lembrava de coisas em casa e me distanciava. E aí eu percebi que eu tinha que ter a minha própria, não a que os meus pais tentaram tipo projetar em mim, sabe? De uma forma violenta até. E hoje eu sinto isso assim, eu sinto que não poderia fazer a arte que eu faço hoje em dia, alcançar os lugares que eu alcancei hoje se eu tivesse em casa. Se eu tivesse em casa eu não iria conseguir fazer. [áudio ruim] Então eu ia deixar assim... ia fazer uma coisa totalmente diferente do que eu faço.

E eu sinto que eu – a espiritualidade vem me dizendo isso – que eu tinha que ter saído naquela hora mesmo. Então eu tive todo um apoio financeiro de uma forma que eu não estava esperando, por um bom tempo. E agora eu tô meio que ralando um pouco mais em relação a dinheiro, mas eu sinto também que é um momento assim, eu acredito que é uma fase. Mas assim é solitário. Eu sei que eu posso contar com pessoas, mas ainda assim é solitário e eu não sei explicar.

Fernanda: Eu sei... é, eu entendo. Eu não tô no teu lugar, porque nós temos trajetórias diferentes, mas eu entendo perfeitamente o que você diz. É muito próximo. Somos mulheres negras, né? E você hoje é uma menina-mulher negra, sabe? Ainda... e é isso. Eu só tenho que te agradecer você estar compartilhando isso comigo, de verdade. De verdade. Está me trazendo respostas e aí fugindo completamente da minha pesquisa, tá? Eu tô falando pessoal, de tudo. Do que eu acredito, das coisas que eu acredito, das coisas como eu vejo. Eu posso dizer que eu sei o meu propósito aqui no mundo. Tô com 42 anos, não foi assim, não foi aos 25 anos que eu achei e encontrei, demorou muito, tá. Mas hoje eu sei o meu propósito. E só peço a minha ancestralidade que me dê sempre condições e dignidade pra honrar o propósito que eu tenho aqui no mundo. Muito obrigada por isso!

Mas continuando a nossa pergunta... você, eu queria que você falasse um pouquinho, que você não chegou a falar. Você falou da sua situação, do seu momento atual, mas fala um pouquinho do que você meio que falou um pouquinho comigo pelo áudio, dessa questão do mestrado né. De que você é mestre, do que você passou, pode abrir também conosco, porque você trouxe algumas coisas de racismo. Né, então se você quiser dividir agora neste momento, pode fazer.

Luísa: Mestrado, vamos lá... eu fiz a graduação muito rápido, muito rápido. Quando eu fiz a graduação eu tava em casa ainda, mas quando eu terminei eu não tava mais em casa. Eu saí de casa em 2017, se eu não me engano. Não, eu saí de casa em 2016, 2017. E meus pais foram no meu TCC e tal, apesar daquele turbilhão de coisas. [áudio ruim]. Eles foram e tal, me parabenizaram. E foi muito rápido, [áudio rum] porque eu também não precisava trabalhar. [áudio ruim]

E eu acho que assim os professores brancos contratam os pretos aliados, porque é tipo uma forma de se protegerem. E eu percebi que eles tentaram fazer isso comigo, os professores brancos. Eles te escolhem, tipo assim, pra te dominar tu é escolhida. Eu sinto que o ambiente branco faz isso, acadêmico. Aí você vai sendo escolhida e se você não procurar acaba sendo uma fachada do racismo deles. Então os professores brancos adoravam me elogiar, “nossa, você faz isso”, mas eu falava assim “mas eu não trabalho e a galera aqui trabalha muito, por isso que eu tenho esse tempo aqui dedicado aos textos, para poder fazer os trabalhos na hora”, e isso incomodava muito eles. Aí eu fui percebendo depois quando eu saí de casa, porque até o racismo dentro da minha casa, o meu pai protegia muito a gente disso assim. Tipo, isso eu acho que é uma coisa até bem admirável. [áudio ruim]

Fernanda: Ele te protegia sobre a questão do racismo, é isso?

Luísa: Sim... tinha um lugar muito do meu pai dizer assim pra gente, tinha uma coisa tipo assim, olha... meu pai elogiava muito a gente, mas ao mesmo tempo ele tirava a nossa autoestima em muitos lugares, mas ele sempre dizia que a gente era potência, que tinha que sempre andar de cabeça erguida nos lugares e tudo mais. E ele tinha essa coisa contraditória, que apesar de alguns momentos ele reforçar essa coisa de se esforçar e ser forte, ele tirava nossa força de outros lugares, é muito bizarro. Então, eu

saí muito assim “o racismo não existe desde que eu tenha postura”, meu pai trazia uma coisa assim. [áudio ruim]

Mas não é bem assim. Meu pai trazia muito isso em casa, “se não tiver bem, aí sim eles vão ter o que falar de ti” [áudio ruim] [travou]

Fernanda: Luísa, travou. Travou. Eu não ouvi você desde que você falou a questão do racismo. Travou bem, bastante. Acho que quase uns bons segundos.

Luísa: Voltei... Eu falei que meu pai falava sobre o racismo que ele sofria, meu pai é militar. Ele falava sobre o racismo que ele sofria, só que com o tempo ele fazia, o que ele dizia pra gente é que desde que a gente fosse pessoas competentes, isso não ia passar pra gente, entendeu? Tipo assim, “ah, se tu for muito competente isso não vai acontecer”, sabe? Mas não é bem assim! E até ele já mudou... mas no começo quando a gente tava lá em casa era assim, então eu tenho competência, eu sempre fui uma aluna exemplar, que estudava até tarde, que ia em todas as aulas. Eu não dava “brecha”. E no início eu acreditava nisso, só que no final das contas eu nunca ia ter um reconhecimento tão... do mesmo nível que um aluno branco, pois tipo assim, tem muito o estereótipo do aluno que vai ganhar o Jabuti, só que esse cara não faz porra nenhuma. Chega de chinelo, não faz nada, aí chega lá e fala as mesmas palavras que vários e passa. Aí tu “quê?” (risos). “Eu acabei de trazer um seminário pra você e ele tipo falou um poema que ele fez ali, tipo fumando e bebendo uma cerveja e ele é melhor que eu?”, é bem assim.

Mas enfim, tentando fechar: eu fiz a graduação muito rápido, terminei a graduação e passou seis meses eu já, sei meses, sete meses e eu entrei para o mestrado. E eu entrei no mestrado porque eu achava que eu tinha que ter alguma coisa em artes cênicas, porque eu fiz minha graduação em letras. E eu falei “eu preciso ter uma formação em artes cênicas e tal”, então eu cismei que eu precisava disso. Só que eu já fazia teatro e na graduação eu já tinha feito a minha primeira peça. Eu já tinha ganhado um prêmio com a minha peça. Então tipo assim, eu já fazia teatro... mas eu achei que ainda precisava dessa formação. [áudio ruim]

Mas assim, eu já tinha tido um problema de orientador na graduação. E eu lembro que eu só consegui romper com meu orientador, porque a minha mãe acabou rompendo com meu pai. [áudio ruim]. E aí eu saí e minha mãe acabou voltando pra casa. E aí eu saí e aí, enfim. E aí eu saí desse orientador na graduação que foi ruim, encontrei uma orientadora super incrível. Fui pro mestrado sem escolher orientador nenhum. Entoa tinha uma professora lá, que era uma professora que insistia muito, muito... e a gente acha que é a gente sempre que escolhe o orientador, mas as vezes é o orientador que escolhe os alunos. E eu lembro que elas fez alguns caminhos pra ser a minha orientadora. E eu estudo o Teatro de Machado de Assis e ela é uma grande estudiosa do Machado de Assis, ela tem um livro sobre ele que é referência bibliográfica. E eu não queria ser orientada por ela porque eu já tive aula com ela na graduação, então eu sabia um pouco como ela era. E assim, nesse momento, que eu peguei a orientação, eu tava tão assim, eu tava com medo mesmo. E assim, todos os professores, nenhum eu achava que poderia ser bom pra mim como orientador. [áudio ruim]. “Eu não quero

passar por isso, eu não quero passar por aquilo”... só que eu via ela insistindo, ela fez três convites e eu “ah, eu acho que não, mas como ela tá insistindo eu vou aceitar” (risos), “vai que ela quer realmente trazer alguma coisa diferente, alguma abordagem diferente”. E eu não devia ter aceitado, por mais que ela tivesse insistindo. Porque eu podia ter isso um pouco mais confiante em mim e ter pesquisado um pouco mais os professores. Tinha uma que eu queria fazer, só que quando eu perguntava para as pessoas como ela era, todo mundo falava mal. E aí “porra, todo mundo fala mal dessa professora”. Então eu acabei nem chamando ela, nem mandando convite pra ela, e aí apareceu essa outra que me pediu mesmo, me pedindo pra ser orientada por ela. Aí eu aceitei. [áudio ruim]

Fernanda: Ficou baixinho, não sei se o dedo tá, se o dedo tá na saída do som... Ainda tá baixo.

Luísa: Melhorou, professora?

Fernanda: Melhorou, agora melhorou.

Luísa: É... um dos objetivos da minha pesquisa era fazer uma montagem cênica de uma das peças de Machado de Assis. Por que eu fiz essa escolha? Porque dentro da historiografia dele, todo mundo estuda as peças literariamente, só que quando você fala de teatro você não pode estudar só o texto, você tem que estudar a cena. Então a minha proposta era essa, era criar a cena, aquilo que eu sentia falta enquanto pesquisadora. Era o mais óbvio também, eu estudo teatro eu tenho que fazer teatro, eu não vou estudar só o texto. Eu não vou fazer um estudo literário do teatro. E era isso que as pessoas faziam e era essa a minha proposta. E quando eu cheguei e, ela tinha lido o meu trabalho né, a primeira coisa que ela falou foi “você não vai fazer teatro, você não vai fazer cena. Você vai estudar, vai fazer um trabalho monográfico”. E assim, a minha... eu lembro que eu fiquei muito paralisada assim, eu só disse “tá”. E eu fui levando, fui levando, fui levando... só que chegou uma hora que eu não conseguia nem olhar pra minha pesquisa. Eu não conseguia olhar pra minha pesquisa, eu odiava tudo. Odiava tudo. Tipo assim, eu já tava falando de Guerra do Paraguai, um negócio nada a ver, até hoje eu não entendi tipo assim o porquê que ela queria meter Guerra do Paraguai no meio. Porque ela falou que tem uma peça que tem tudo a ver com a Guerra do Paraguai, cara! Eu já tava assim “cara, eu preciso falar, eu preciso...”. E eu lembro que eu marquei uma reunião pra falar com ela e aí eu te juro professora, eu tava tão nervosa que eu já cheguei, meu olho tava lacrimejando e eu sou uma pessoa que choro fácil assim. E falei “professora eu tenho uma coisa pra te falar e tal, eu quero muito voltar pro processo de montagem. Eu vou fazer um trabalho monográfico, mas eu também quero fazer a montagem” e eu comecei a falar e na hora ela me cortou. E assim, eu não ia propor mudar de orientação não, eu só queria que ela aceitasse que eu fizesse no trabalho monográfico um trabalho cênico. E aí cara, ela começou a não me ouvir e aí ela falou “então eu não posso mais te orientar...” e aí depois disso ela começou só a falar “sabe os seus trabalhos? Os seus trabalhos eram muito ruins”. Isso porque ela lia meus trabalhos para saber se cabia alguma coisa na dissertação, ela fazia questão de ler os meus trabalhos. Só que assim, quem corrigiu os meus trabalhos foram os outros professores e eu posso até mostrar o meu histórico, eu tirei 10, tirei 9, tirei 10, tirei 9,5,

então tipo assim, não é possível que os professores não saibam corrigir e só ela sabe. E aí ela falou “os seus trabalhos eram MUITO ruins”, assim, com essa ênfase, “MUITO ruins”, “você nunca vai fazer teatro se você não enfrentar a teoria, você não quer enfrentar a teoria”, como se eu tivesse com preguiça, tá ligado? E daí eu fiquei tipo é... e daí teve outras coisas que ela falou, “sabe o que você precisa? De alguém que não saiba nada de Machado de Assis!” e aí eu falei pra ela “o que a senhora quer dizer com isso?”, “quero dizer que você precisa de alguém pra te deixar livre, te deixar livre pra você fazer o que você quiser”. E cara, sabe, eu não tive reação. Eu não tive reação. Eu só fiz escutar e eu queria sair daquela sala o mais rápido possível. Eu queria que a conversa acabasse. E aí ela ficou falando “ah, eu comprei um livro de Guerra do Paraguai pra você, mas eu não vou mais te dar né, porque você não quer, você não quer estudar”, tipo como se eu não quisesse estudar, sabe?

E aí a última coisa que ela falou e, tudo pra mim já tinha sido racismo, então tudo que eu... pera aí.

Fernanda: Fica à vontade, Luísa!

Luísa: Então tudo que eu... tudo que eu... enfim, e aí ela falou isso e aí no final... ah, uma coisa importante, eu conheci uma aula sobre teoria decolonial e aí eu me apaixonei. E eu conheci no mestrado mesmo e não conheci na graduação. E na graduação eu não ia conhecer mesmo, na graduação eu não ia conhecer. Mas no mestrado eu conheci através de um professor e tal, o único professor negro que tem no departamento. E ele deu né, a gente leu [áudio ruim], a gente leu Aníbal Quijano e assim, eu comecei a pensar “eu tenho que ler o Machado de Assis decolonialmente” e aí eu botei na minha cabeça que a parte dos meus estudos, o teatro era decolonial. Eu estava tratando de um Machado de Assis que era jovem, eu não tava tratando de um Machado de Assis que todo mundo bate palma né, um Machado de Assis que já tava tipo assim no ápice da carreira e tal. Eu tava tratando de um Machado de início da carreira, aquele que ninguém ainda dava muita bola. Então isso faz parte do processo de teatro dele, que ele traz enquanto jovem. E aí eu pensei, comecei a pensar assim e, pra mim, fazia muito sentido.

Bom, no mestrado a gente é pesquisador, a gente não faz o que nossos orientadores “mandam”, a gente inicia uma pesquisa. E aí a gente defende aquela sensação, aquela ideia. Então no final de tudo isso eu já tinha conseguido colocar o Machado decolonial assim, nos estudos com a minha ex-orientadora e ela tinha aceitado. Só que quando ela teve essa conversa comigo, ela falou assim: “cuidado, porque o Machado de Assis não gostava dessas coisas não”. Ela falou bem assim, juro pra você.

Fernanda: Ela viveu no momento de Machado, né? Ela tomou café da manhã com Machado de Assis pra dizer isso. (risos)

Luísa: Tipo isso e eu fiquei pensando nisso: “como assim?”. Parece que o Machado tava ontem na casa dela. E aí no final ela falou “sabe o que você devia fazer? Você devia se juntar com o [nome suprimido]” e assim, como assim me juntar com o [nome suprimido]. O [nome suprimido] era o único professor preto da universidade que foi, que

me deu, na verdade, que eu conheci a teoria decolonial a partir dele. E eu tirei 10 com ele e eu fiz um trabalho que ela odiou, esse que eu tirei 10 com ele, ela odiou. (risos)

E foi na aula dele. Ele me deu 10 e eu falei “caraca, ele me deu 10 no trabalho!”. E esse ela odiou. E ela falou isso. E eu, “como assim me juntar com o [nome suprimido], o [nome suprimido] não sabe...” e assim, foi isso que eu falei, porque eu já tava chegando no absurdo de ela falar tanta coisa. “Como assim me juntar com o [nome suprimido], o [nome suprimido] não sabe nada de Machado de Assis. Ele sim, eu aprendi a teoria decolonial com ele, mas bom, ele não sabe de Machado de Assis, não é o território dele. Não faz sentido só porque ele é preto”. Daí ela, “não, é porque do negócio da teoria decolonial e não sei o que, que você aprendeu com ele”. E cara, tipo assim [áudio ruim], eu já tava chorando desde o começo e eu saí chorando da sala. [áudio ruim]

E aí eu peguei uma outra orientadora também branca, mas tipo, outra abordagem né. Uma pessoa mais solicita que me orientou, mas deixou eu fazer o que eu queria, mas me orientou. Ela não foi e falou... não me deixou livre assim, sabe?! Não me tratou como aquela aluna de “faz o que você quer fazer e agora eu vou aceitar o que você tá falando”, não, ela tinha a opinião dela, mas ela me respeitava.

Fernanda: Entendo, ela te respeitava e trazia questionamentos também, te fazia questionar o que você estava fazendo mesmo sem domínio do que você estava pesquisando.

Luísa: Exatamente, exatamente! Eu não me sentia assim “ah, ela deixa eu fazer o que eu quiser”, não. Ela me orientava! E eu até escrevi isso na minha dissertação, ficou no meu anexo. E ela até me perguntou sobre isso, se eu queria tirar. Ela ficou com medo. “Você tem certeza que você quer botar?”, e eu “não, eu vou botar até porque eu não cito o nome de ninguém”. E ela me orientou a entrar, a entrar de forma mais administrativa sobre esse assunto e eu falei que eu não queria. Primeiro, porque eu já vi o que os professores são capazes de fazer quando eles são denunciados por assédio e eles tem um nome assim super forte como dessa minha professora. O meu ex-orientador da graduação, ele também foi acusado de assédio, de uma forma muito mais... meio bizarro mesmo. Uma aluna branca denunciou ele e ele veio pesado, veio com advogado do PSOL, chegou pesado mesmo. Então, tipo assim, essa minha professora ela é muito renomada dentro da academia, muita gente conhece ela, ela já tá lá há anos já. E então tipo até eu compreender que ela foi agressiva comigo e eu tendo uma abordagem doce com ela, abri o meu coração e ela agiu daquela forma, imagina se realmente eu fosse pra guerra. Com a raiva que ela tinha e ela jogou em mim. Eu tinha certeza que seria um estresse enorme assim.

E eu tava na pensão assim, tava no processo da pensão e também vivi coisas jurídicas e não foi legal. E é chato, é cansativo, o processo judiciário. “E cara, eu não vou fazer isso”. E eu botei na minha cabeça tipo que “a minha vingança é o meu sucesso”. Então eu peguei o Machado e eu fiz da forma que eu acreditava como pesquisadora. Tipo assim, eu criei uma teoria sobre ele e essa teoria é a que eu defendo. E essa teoria é realmente uma teoria decolonial e é uma teoria absolutamente contrária ao que se apresenta a bibliografia recente sobre o Machado de Assis. Recente não, a bibliografia

permanente sobre Machado de Assis, aquela que ficou e que se cristalizou. Então eu faço uma crítica a isso, mas faço a partir do teatro que é onde eu estudo. Então eu já meio que decidi assim, a minha vingança que é isso né, é o meu sucesso. Tipo assim, eu vou ser muito decidida. E assim, eu fiz uma boa dissertação, eu fui muito elogiada pela minha banca. E eu escolhi uma banca que eu sabia que ia ler o meu trabalho, que não ia ficar só elogiando ou só criticando, que ia ler o meu trabalho. Eu escolhi muito bem a minha banca. Foi uma banca que assim, foi incrível assim.

Muitas pessoas foram na minha dissertação, na minha defesa e tal. Então, tipo assim, eu me senti feliz assim. E eu consegui ver pessoas que "nossa, eu nem sabia sobre o Machado de Assis assim enquanto dramaturgo, nossa o seu trabalho é incrível", sabe? Porque esse era o meu objetivo. Era tipo, tornar acessível. Tipo assim, desmistificar o negócio do "gênio". Ele não nasceu um gênio, ele teve que estudar muito. E os professores têm um certo vício na academia. O problema da academia é o seguinte, eles criticam quem quer ser criador, assim como eu quero ser criadora. Então tipo assim, eles estudam os criadores, mas eles não permitem que os pesquisadores sejam criadores. Então a partir do momento que eu como artista, criadora, os acadêmicos param isso, eles querem que tu seja uma pesquisadora sem a veia artística. Tipo assim, cumprindo é... cumprindo, sei lá, um perfil assim do pesquisador que não tem o potencial de criação, mas tem o potencial de análise, de dizer o que é e o que não é. Então eu acho que é isso, eu criei uma antítese do Machado de Assis né, que é *O Mago Teatral*, porque tem o *Bruxo do Cosme Velho* que todo mundo conhece. E o que é o Bruxo do Cosme Velho, ele é velho né, ele é branco e ele é da literatura. E o que que é o Mago Teatral, ele é preto, ele é novo e ele é do teatro. E aí eu faço uma análise, eu faço vários recortes, eu pego, enfim... eu pego e estudo o Machado de Assis dentro da sua juventude, analiso ele no teatro e vejo o quão ele foi importante para aquela época no Séc. XIX para o que a gente tem no teatro hoje.

Fernanda: E você conseguiu ver o Machado de Assis negro?

Luísa: Consegui, consegui ver no... eu até falo nesse projeto...

Fernanda: Não, mas você assim, na sua pesquisa, analisando o Machado na juventude, nesse processo de dramaturgia dele. Você conseguiu vê-lo, como pessoa, ele se reconhecendo como negro ou ele não... em algum momento ele dá pistas que ele tá ligado a isso, naquele momento?

Luísa: Eu acho que não e eu tenho uma teoria sobre isso. Eu tenho uma teoria sobre isso. Eu não via o Machado dentro da sua literatura como um negro, mas eu via ele como um romancista. [áudio ruim]. Eu vejo ele pela arte. E eu acho que algumas coisas da história enfatizam que existe um companheirismo negro dentro da história. Então quando a gente fala do Machado de Assis a gente pensa "ah, o Machado de Assis era um cara tão bom", que as pessoas brancas viram que ele era bom e trouxeram ele pra perto. E não é bem assim não. Quem trouxe o Machado foi uma pessoa preta e as pessoas não falam isso.

Fernanda: Eu não sabia. Tô aprendendo agora. Eu sei que ele era casado com uma portuguesa. Que ele era muito amigo do irmão dela e que eu agora esqueci o nome dele.

Luísa: O Franscisco, o Francisco Novaes Xavier, acho que é esse. É, o que que acontece, o Machado ele era novo e naquela época, para uma pessoa ser alguém tipo, você devia estar em contato com as pessoas, tipo famoso, tipo networking. E naquela época, um dos lugares bom pra você fazer networking era as Sociedades Literárias e tinha uma sociedade literária que era muito famosa que era a Sociedade Petalógica. Quem cuidava dessa sociedade era o Paula Brito. O Paula Brito foi o primeiro editor de Machado de Assis, ele é negro, ele é um homem preto. As pessoas não falam isso na história. E ele foi o primeiro cara que editou os livros de Machado, que pegou Machado e trouxe ele pra perto. Ele viu que, tipo assim, isso é uma cosia que só uma pessoa preta poderia fazer por outra pessoa preta. Na consciência que... tipo, dentro daquele contexto, o Paula Brito atingiu um lugar, ele viu o potencial do Machado e trouxe o Machado pra perto. Foi o primeiro quem trouxe Machado, ele colocou o Machado na Sociedade Petalógica e, que naquele lugar, o Machado teve acesso a pessoas muito influentes na época. Inclusive a pessoas que editaram a Proclamação da República, né, que foi um golpe... que também foi um golpe.

Todo mundo tava lá, os artistas, os políticos, os pensadores, geral tava lá na Sociedade do Livro do Paula Brito. Quem trouxe o Machado foi o Paula Brito, o Machado tem profunda gratidão pelo Paula Brito. E assim, eu penso assim, se hoje tem pessoas ainda que não afirmam sua identidade enquanto pessoas negras. Ficam num lugar meio “assim”, imagina um homem no Séc. XIX querendo chegar nos lugares em que Machado queria? Cara, o que ele fez é estratégico! O que ele fez não foi porque ele tinha vergonha, o que ele fez é estratégico, pra mim!

Fernanda: É o acesso né aos lugares...

Luísa: É, por acesso. E tipo assim, o Paula Brito que é um homem negro e ninguém diz, ninguém disse na história que Paula Brito é um editor do Machado de Assis. Que é um homem preto quem editou o Machado de Assis. Que quem editou o Machado de Assim foi um homem preto e não foi um homem branco que trouxe o Machado de Assis, foi um homem preto.

E aí, nessas pequenas coisas dessa história eu fui ver que já existia um certo “aquilombamento” assim. [áudio ruim]. “Ah, Luísa, mas como é que você pode ter certeza disso?”, aí eu pergunto “como é que você pode ter certeza que o Machado era branco?”, “como é que você pode ter certeza que não era o que eu tô falando?”. E tipo assim, é perspectiva. Cada um tem a sua perspectiva. Eu entendo, dentro do que eu estudo, que o Machado de Assis foi estratégico, de que tudo que ele fez foi uma estratégia para poder atingir.

Ele sempre foi ambicioso e ele sempre disse isso. Alguém que a ambição dele, levou ele para lugares muito altos. E ele só poderia fazer isso sabendo jogar o jogo assim. Ele não ia conseguir chegar onde ele chegou se ele, tipo assim, já chegasse de cara com um cartaz assim, “ah, eu sou preto”. Ele não ia conseguir. Eu acho que foi estratégia,

eu acho que ele não é burro, e eu não acho que ele tinha vergonha de ser preto, eu não acho nada disso. Eu acho que foi estratégico e foi pensando tipo “eu vou conseguir chegar nesse lugar”. E quando eu vejo o Paula Brito ser esse primeiro editor do Machado de Assis, que é um homem negro, e aí ele ficou entre os primeiros editores do RJ. O Paula Brito também tinha a mãe branca, assim como o Machado de Assis também tinha. Então tinha... tem um lugar ali, um marco de reconhecimento. Que é impossível, é impossível, pra mim, é impossível. E o Machado ele era contra, ele era contra a escravidão. E o Machado chegou e as pessoas gostam de dizer que “não, não se sabe direito o que o Machado era”, ele era declaradamente contra. Ele só não falava isso de forma tão clara nos romances e nos contos dele. E... tanto que ele assumiu cargos públicos, tem um livro chamado assim “Machado de Assis afrodescendente”, que é esqueci o nome do cara que fez. Mas é uma coletânea de textos que mostra como o Machado ele atuava dentro da literatura dentro de casos raciais. A forma que ele atuava.

Ele assumiu um cargo público muito forte dentro da monarquia brasileira. E aí o que ele podia fazer para facilitar a vida de pessoas que tavam aforriadas, ele facilitava. Entendeu? Ele usava o poder dele pra facilitar. Só que as pessoas preferem acreditar que o Machado de Assis era uma pessoa que não era tão preta assim, entendeu? É porque ele foge do estereótipo, ele foge, mas fugir de um estereótipo não quer dizer que você não seja aliado à causa. O bom é que você tem uma empatia por aquela situação. Pra mim, é: por que os brancos podem falar tão fortemente sobre o que o Machado de Assim era e o que não era?

Quando eu falo o que o Machado de Assis era, eu recebo “tem certeza que ele era assim?”. O que que prova o que você fala que Machado de Assis era assim? É a minha palavra contra a de outra pessoa, entendeu?! É bem complicado, tanto que pra mim foi estratégico. De foi uma questão, pra mim, de tolo que ele era. Foi totalmente estratégico.

Fernanda: Entendi... eu vou colocar aqui um pedacinho de uma música, não sei se eu vou conseguir aqui mostrar o vídeo... eu não vou conseguir mostrar o vídeo, eu vou botar só um pedacinho da música pra você ouvir. Tá?

Música: Somos quem podemos ser – Engenheiros do Hawaii

Luísa: Eu lembro dessa música porque você meio que pensou ela pro projeto Somos.

Fernanda: Eu queria mostrar uma foto, deixa eu ver se eu consigo... acho que não tá dando, pera aí a foto... Sabe, né? Lembra dessa música que ela foi a introdução, né. Do documentário. Só abrir aqui, um instante. Vai te lembrar, te trazer memórias. Você é de trabalhar com memórias também...

Consegue ver essa fotografia?

Luísa: Consigo, lembro.

Fernanda: Você se achou dela?

Luísa: Tô procurando... ah, me achei! (risos)

Fernanda: Então, eu coloquei a música e essa fotografia, que tá aí todo mundo, os envolvidos no projeto, no documentário. Agora a gente vai partir para – deixa só eu interromper aqui – eu já lhe reascendi a memória. Até porque a memória não é perdida, ela só é selecionada, né. A gente faz seleções. E eu queria saber o que que isso te remete, o que vem assim na tua cabeça quando você ouviu a música e viu essa foto, o que você poderia dizer sobre isso?

Luísa: É, foi um momento muito bom assim, eu gostei de trabalhar como Jovem Aprendi, foi um projeto muito incrível e eu vi o como a galera se dedicou assim. O [nome suprimido] é uma das pessoas que eu mais falo até hoje assim, de todo o projeto. Ele, inclusive, foi a pessoa que me ajudou no mestrado assim. Ele editou o meu vídeo, porque eu acabei fazendo uma montagem cênica, mas em vídeo. Ele editou todo o meu vídeo assim do mestrado e tal. [áudio ruim].

É, e eu fico vendo assim as potências que, a [nome suprimido] também, eu falo com ela, ela é minha amiga. Com a [nome suprimido] eu falava no Viva Rio, mas depois que eu saí eu comecei a falar mais com o [nome suprimido]. E ali a gente fica pensando o quanto que é... o quanto a gente precisa gerar oportunidades, né, com as pessoas. [áudio ruim]. Então assim, eu lembro até uma coisa de você, eu acho que foi até você que falou pra mim, alguém falou e eu acho que foi você, quando a gente chegou na empresa da [nome suprimido], alguém chegou e falou que as vezes as pessoas ficam um pouco apreensivas por fazer um Jovem Aprendiz, por que “ah, sei lá”, tem um pouco de preconceito, exclui, mas as vezes é mostrar para o que veio né, eu isso trabalha muito a nossa autoconfiança. Como se apresentar e se preparar pra exercer a função que a gente tá ali né.

E eu aprendi muito assim, sobre gestão e valores né. Para se pensar uma empresa, para se pensar qualquer projeto – tanto agora que eu trabalho com arte – eu percebo o quanto isso é importante. Então sempre trago isso para os meus projetos né, o que é então valores, o que venho fazer aqui, tá tentando observar, é artista... mais ou menos. (risos)

Como é um planejamento, como é uma estrutura, tem que ter um fluxograma. Então tudo isso eu lembro. (risos). E foi muito importante assim para eu entender que você pode ter qualquer sonho, você precisa ter uma base, você precisa criar uma base forte. E depois que criar essa base forte, confiar nela. Confiar nela né. Eu já criei, agora poh é confiar. Mostra que você é forte, mostra que você tem capacidade. Tudo isso. Então a gente não usava como jovem aprendiz... mas eu fui lá, falei assim, e aí eu comecei a ganhar muito trabalho. (risos).

E foi muito bom assim, e eu saí de lá... mas eu saí porque eu consegui uma oportunidade assim que não me pagou tão bem financeiramente a [nome suprimido], não que pagava tão bem, mas é que era bom porque eu né, o meu plano saúde, o meu vale refeição. Pagava um pouco menos que a outra oportunidade que eu tive, mas era uma oportunidade que eu queria muito de assistente de direção. Aí eu saí de lá pra ser assistente de direção. E a [nome suprimido] foi muito boa assim, eles falaram pra eu ficar uma semana lá pra ver se eu teria certeza daquilo, e aí se eu não quisesse eu

podia voltar. E aí eu ainda pensei que “vou pender uma semana de trabalho, se eu chegar lá vou pedir demissão” assim, mas eles “não, vai lá, fica uma semana”. E assim, foi muito rico, eles humanizaram a minha opção, eu saí de lá com respaldo, respeitada. [áudio ruim]

E a [nome suprimido] foi uma experiência muito boa. Foi um aprendizado profissional lá. E entender que você pode procurar uma oportunidade, se a pessoa quer, ela via atrás. [áudio ruim] [cortou bastante]

Fernanda: Entendi. É, deixa eu ver aqui a próxima... Vou fazer a pergunta: você se sentiu uma liderança durante a produção do documentário? Você se viu como liderança?

Luísa: Isso pra mim não foi um problema não, mas naquele projeto eu vi outras pessoas como liderança assim. Não eu.

Fernanda: Entendi. É... a turma, de vocês, era de maioria negra, tá? Dos pesquisados que eu fiz pelo questionário, eu tive o retorno de 56,1% de negros. 42,9% pretos e 14,3% de pardos, né, a maioria negra que me respondeu o questionário e também a turma era de maioria negra. Mas aqui eu tô dizendo e também estou afirmando que a liderança desse projeto, ela foi branca. A liderança foi branca. E o que que você acha que levou os jovens brancos a liderança do projeto? A liderar esse projeto... o que que você analisando e aí tentando lembrar que, como você já se colocou que você não se via como liderança, então você tá com um olhar de fora dessa liderança, então você vê essa liderança branca... o que você poderia dizer?

Luísa: Cara, eu acho que a liderança, eu acho que eu não me via como liderança, mas eu percebi que a liderança eram as pessoas brancas. Eu percebi isso, mas eu não me incomodei. “Tá, tá rolando, tá acontecendo, tá bom...”, mas eu enxergo como a questão de imagem, sem querer fazer uma crítica as pessoas, como protagonismo, mas eu acho que teve uma questão de imagem, tanto que teve um momento que até o próprio [nome suprimido], que era um dos líderes, ele chegou pra mim e disse assim “Luísa, a gente precisa de alguém para estar lá na frente”. (risos). Eu acho engraçado isso. “Alguém que... o projeto, é um projeto que fala sobre diversidade e só tem pessoas brancas falando”, eles falando isso pra mim, “então a gente queria mais você”, e aí eles me chamaram pra ficar lá na frente, mas teve uma coisa que me incomodou, eu achei que a repartição das falas não tavam justas...

Fernanda: Isso para a apresentação do projeto para a Viva Rio?

Luísa: É... eles me convidaram para se apresentar quatro dias antes e tal e “oh, você tem que estar lá na frente, uma menina negra e tal, não sei o que”, eu não sei se a [nome suprimido] estava, sei lá se a [nome suprimido] tava, não sei se ela tava na apresentação... eu não sei se chamaram ela, mas me chamaram também. E aí ela me falou “vai ter a apresentação e tal e vão chamar você, você quer participar?” e eu “eu quero”, tipo... e assim, eu gosto de falar em público, eu gosto de aparecer nesse sentido. (risos).

Então tipo, “eu quero” e tal, daí eu me preparei. Só que eu achei que na hora ali, no momento, quando foi ali, agora é a hora, [áudio ruim] e eu comentei isso com eles: “eu acho que eu estou falando pouco, eu acho que estou falando pouco demais”, “daí eu falo isso aqui e depois falo só lá na frente”. Daí o [nome suprimido] falou “não, vai ficar assim mesmo” e eu peguei e falei “não”, e meio que tipo assim, na hora que teve o brilho a galera meio que não compartilhou, entendeu? Eu senti isso, mas eu falei “ah, foda-se também”. Mas isso eu tenho plena consciência que eu senti de que pra mim foi estranho. Porque eles me chamaram, mas eu achei que eu falei muito pouco assim. Eu queria ter falado mais, eu queria ter desenvolvido mais assim. E eles não... não que eu ache que eles não me permitiram, mas eu acho que não teve esse cuidado assim, sabe? Eu falei, mas na hora ali eles cagaram.

Fernanda: Entendi.

Luísa: Eu acho que tem uma questão de imagem, uma questão de imagem, e eu acho que inconscientemente a gente aceita assim de “ah, chegou uma pessoa branca, então é assim”, a gente escuta mais e tudo mais, então eu acho que o jovem preto não tem um incentivo pra falar. Tipo assim “vai lá, fala e tudo mais...” e tipo assim, eu lembro que os meninos pretos da Viva Rio eram super tímidos assim, mais pra dentro, entendeu? Mas tinham muitas opiniões. Se você chegava lá pra falar com eles, eles falavam à beça. Mas eram tímidos, tipo assim, em frente a outras pessoas. E pode ser até que os meninos brancos também fossem, só que eu acho que eles tem mais oportunidades de fala, eles tem mais oportunidades de... [áudio ruim].

E pra mim, uma coisa que eu acho que fica: é que mesmo quando você tenta liderar, por exemplo, mesmo quando eu tentei estar a frente, teve uma certa barreira. Todas as vezes que eu tentei assim. Mas aí eu lembro que... é difícil assim, porque quando a gente já tem uma liderança que, eu não sei se é só branca, mas independente da liderança, mas quando a gente pretende dar um passo a frente é mais difícil. No caso ali eram pessoas brancas e tal, então eu senti que o projeto ficou mais com o [nome suprimido], com a [nome suprimido], com aquela também a [nome suprimido], ficou ali mais com eles ali que eu lembro assim.

Fernanda: Uhum... e agora falando um pouquinho, você conhece o conceito de branquitude né? Então, que é a questão do privilégio, do lugar social, do espaço ocupado sem nenhum esforço, né? (risos)

E aí, associando esse conceito a como foi a produção e essa liderança, que acabou havendo uma liderança, o que que a gente poderia associar ao conceito e as características do sistema de branquitude, nesse momento? Você já deu algumas pistas na tua fala, mas se você quiser trazer e explicar e dizer mesmo os nomes, isso não é problema nenhum, tá? Pode ficar à vontade.

Luísa: Associar a questão da branquitude com a questão da liderança do projeto, é isso?

Fernanda: É, se você acha que o que ali aconteceu foi visivelmente – o que a gente tem como conceito de branquitude, que né, é um lugar de privilégio, é um lugar social

de privilégio – se essa liderança do documentário, do Somos ali, foi realmente um lugar de branquitude, um reflexo do sistema de branquitude?

Luísa: Ah, eu acho que sim. Acho que sim. Porque uma das coisas que a branquitude faz é pegar uma temática que tá em voga, que muitas vezes quem passa não é ela, e ela acaba meio que sendo porta-voz, né? Então, tipo assim, a gente tratava sobre, a gente tratava sobre diversidade né, sobre questões que a branquitude não vive, sobre uma margem que a branquitude não vive e, quem tava ali como porta voz, quem tava ali. Apesar de terem me chamado e eu acho engraçado isso, "não, vai lá na frente, tipo precisa de uma imagem sobre representatividade", não, o projeto É sobre representatividade, não precisa de uma imagem sobre representatividade, o projeto É sobre isso. Então, apesar de ter esse tema, o porta-voz ali, sempre foi esse selo, quem ficou colocando marca foram as pessoas brancas. Foi uma coisa... só que assim, eu acho também que – como tava todo mundo, como a gente viveu, como a gente criou um laço, de tudo – muitas vezes é difícil você falar sobre isso. Você até pode ter o incômodo, mas você falar "nossa, fulano, cara, então..." [áudio ruim]. É mais difícil assim, mas eu tenho plena consciência que foi assim, pra mim foi... teve um reflexo assim de brancos que eles sempre dialogam, apresentam algo, mas com ações assim que quando eles precisam de fato abrir espaço para o lugar deles é mais difícil.

Fernanda: E essa pergunta era a que eu ia te falar, a que eu ia te fazer agora: se houve ou não um rompimento com esse privilégio? Eu sei da minha situação que sou "branco", que eu tô privilegiado aqui e eu vou romper com esse privilégio para que o outro que é categorizado como um grupo minoritário (mas não é), menorizado (mas não é), que eles sejam protagonistas. Ou seja, eu vou abrir mão do meu protagonismo para que o outro apareça, você acha que isso aconteceu em algum momento?

Luísa: Nunca... nunca. Não, não. Eu acho que não.

Fernanda: Não tô nem falando da apresentação, mas no decorrer...

Luísa: Cara, no decorrer eu lembro que teve algumas reuniões que a gente fez, eu meio que me coloquei, mas depois eu falei "ah, vou nessa", "eu vou entrar nessa". Aí eu lembro que a gente fez algumas reuniões assim e eu fiquei incumbida de cuidar do texto e tal, mas eu cuidei do texto por algum momento, mas a coisa vai se esvaindo assim. A coisa foi se esvaindo e eu também não tomei partido. Tomei partido é que eu digo assim, também não peguei mais. Eu fiquei mais pensando nas cosias das mídias sociais e num texto de apresentação que a gente ia escrever, acho que era isso, agora não vou lembrar.

Mas assim, eu não sinto assim. O que eu lembro é que o projeto, na continuidade do projeto, o que ficou foram as pessoas que já eram as líderes, que já eram as pessoas brancas. Então, não sinto que teve uma abertura. Acho que foi a mesma coisa.

Fernanda: Você vê por que essa liderança, por exemplo, você acha que essa liderança desse grupo específico de pessoas brancas foi uma liderança que foi imposta, ou seja, eles tomaram à frente. Ou você vê assim que as outras demais pessoas concederam sabe, elegeram eles como líderes. Você em algum momento... claro que isso não é

nítido, as vezes é velado né, uma disputa de poder ali velada, mas o que é que você poderia dizer, o que que no seu entendimento você acha que ocorreu?

Por que que não teve pessoas negras nessa liderança?

Luísa: Então, eu acho que, eu acho que tem uma coisa muito de imagem. Agora na minha cabeça assim não vem nenhuma lembrança de alguém preto falando e um branco cortando. E tipo assim, eu não lembro disso, porque se tivesse eu falaria. Mas eu não lembro. Então eu acho que foi uma coisa natural. E os brancos assumiram a posição naturalmente também. Foi tipo abrindo o espaço, foi uma coisa abrindo espaço assim. Porque eu acho que é uma coisa estrutural mesmo, culturalmente assim, as pessoas pretas já não têm... já não têm essa capacidade – digo, não é capacidade –, mas eu acho que não são incentivadas a falar o que pensam, a falar e se apresentar como expoente, a serem líderes, né, tipo "ah, fala o que você pensa e tal". Porque é isso, toda a vez que a gente fala o que a gente pensa tem uma respiração foda, e eu sofri no mestrado assim, e eu acho que a gente é eliminado assim desde sempre, a não ser que você viva assim num espaço muito saudável para você ter essa pessoa que fala o que pensa, para você ser líder e tudo mais.

E eu acho que foi uma coisa natural assim, acho que eles não se colocaram, mas eu também acho – e aí é uma vírgula – que não se colocaram, mas também não teve abertura. Ou seja, "eu estou aqui, eu estou confortável aqui, mas se outra pessoa quiser eu também não sei se vou aceitar", tipo, ficou meio que num poder assim, por conta do que eu passei e que eu reclamei "eu acho que eu tenho poucas falas". E de nada fez sobre isso. O [nome suprimido] falou "não, deixa como tá". E eu não queria já... e "tá bom", eu aceitei. Eu aceitei. E era no dia da apresentação, então tipo eu não ia ficar fazendo um escarcéu, entendeu?

Mas eu lembro que eu senti, eu falei "nossa, achei isso chato". E eu não levei nem como uma mágoa, mas pra mim foi claramente os pequenos poderes, né.

Fernanda: Entendi. É a branquitude se fazendo né, sem perceber. Porque não é percebido né – é o não dito, é o não dito, na verdade – essas coisas, como isso acontece.

É, eu terminei o meu roteiro aqui do que eu queria investigando com você, porque é isso, aí eu te digo o porquê te convidei pra te ouvir, porque quis te ouvir, por isso. Porque como eu tô estudando branquitude e o meu corpus é a produção do documentário, porque no processo me incomodou ver aquela frente branca num projeto de diversidade. E aí eu não tava entendendo como aquilo, como se chegou naquele resultado, uma vez que o projeto, a intenção, a ideia inicial, seria atingir os jovens negros na sua autoestima. E acabou acontecendo ao contrário. O protagonismo foi todo dos jovens brancos.

Luísa: É e isso aí é muito importante. E eu lembro muito de uma fala, tem uma coisa que me impactou assim, que o cara lá na Viva Rio, aquele [nome suprimido], tava todo bonitão de terno assim.

Fernanda: O [nome suprimido]... então, era o gerente...

Luísa: Esse aí, ele estava diferenciado. E ele chegou e falou “eu estou impressionado, esse é o melhor projeto de Jovem Aprendiz que eu já vi”. E cara, aquilo me espantou, me soou bom, mas ao mesmo tempo me soou estranho, sabe? Eu fiquei pensando “será que gente, jovens aprendizes não são capazes de fazer...?”, eu fiquei pensando. “Gente, o que que impressionou ele? Foi o vídeo? Ou foi sei lá?” e eu fiquei pensando nessa coisa de que “será que foi por conta das pessoas brancas?”, e eu fiquei me questionando isso no fim “será que gente, é por conta das pessoas brancas aqui representando, ou não sei o que...?”. E eu lembro que saiu um burburinho assim sabe e eu pensei tipo, “se alguém ganhar uma oportunidade com esse comentário dele, com certeza serão os líderes”, foi o que eu pensei assim. Foi o que eu pensei. E eu achei engraçado porque “gente, não é possível, o que que os outros jovens apresentaram? Será que não foi tão bom realmente? O que que impressionou ele, foi só o vídeo?”.

Eu achei legal o comentário, mas eu fiquei desconfiada. E foi tudo muito assim, eu comigo. Eu fiquei falando com a [nome suprimido], por exemplo, sobre isso e tal. E a [nome suprimido], apesar de ela não ser uma menina preta, ela tem uma vivência de comunidade, então ela entende o que eu falo, mas em certo tempo existe uma distância racial, então eu nem fiquei comentando nada disso com ela. Eu não comentei nada disso com ela. Mas foi isso assim.

E eu acho muito interessante a senhora estar pesquisando isso, porque foi exatamente o macrocosmo se representando no microcosmo, né. Apesar de ter uma população muito maior de negros e pardos tem essa diferença assim. E uma coisa que eu sinto essa diferença, e alguém como a [nome suprimido], por exemplo, a [nome suprimido] é parda. Eu considero ela parda, mas eu acho que ela deve se reconhecer como uma pessoa negra. Então tinha uma diferença assim. Eu me considero mais retinta, tinha uma diferença de representatividade, da beleza do que seria uma menina preta, entendeu? Então eu sinto que tinha algumas cosias ali que me incomodavam assim e não foi frescurela, mas foi do processo ali, da interação, entendeu?! E as vezes ela tinha mais voz do que seria uma mulher negra, as pessoas escutariam mais ela do que a mim.

Fernanda: Entendi, por você ser uma mulher preta, retinta.

Luísa: É, então, o que a [nome suprimido] fala e o que a Luísa fala, eu escuto mais a [nome suprimido] do que a Luísa. Tinha um pouco isso, também. Mas isso é um processo que eu não dou responsabilidade a ela. Eu dou responsabilidade ao...

Fernanda: Isso faz parte também do sistema de branquitude, né.

Luísa: Sim, isso faz parte. Mas tipo assim, as mais claras acabam tendo mais espaço assim. Os mais claros, os mais claros. Mas não que eles não passem por uma situação...

Fernanda: Também de racismo e de opressão.

Luísa: É. E essas coisas eu lembro.

Fernanda: Caramba, Luísa. Que riqueza, viu? Que riqueza! Porque eu sabia, “gente eu só vou estudar branco, eu não vou olhar pro jovens negros”, todo mundo fica fazendo

só trabalho sobre juventude negra e assim, é como se fosse solucionar olhando pro negro. E assim, eu acho que a solução tá em olhar pra outro lado, quem oprime. (risos)

Né? É isso. E aí apareceu a sua resposta e eu não ia trazer ninguém negro para entrevistar, só brancos. Mas eu falei assim “cara, eu não posso perder isso aqui”, “isso aqui é um diferencial”. E aí como você falou e eu também vou falar sobre heteroidentificação, e aí você me confirmou e eu posso confirmar que a liderança foi branca. E com a heteroidentificação a gente tá dizendo que eles se autodeclararam brancos e a gente tá dizendo que eles são brancos, né, pelo IBGE. Pelo o que a gente como constituição de branco na sociedade. E aí você me trouxe riquezas assim, riquezas que contrapõem muitas questões e ratifica algumas coisas que eu tinha em mente de hipótese, inclusive. Mas eu tenho que provar né, comprovar né. E aí tá, muito interessante, muito interessante de verdade essa questão.

E dizer né, que me incomodou demais ao final aquela ação. E “cara, como aconteceu isso?”, eu queria ter visto aquela frente toda preta, sabe? Porque esse era o objetivo pelo menos da minha prática pedagógica. E quando eu vi que no final da prática o resultado foi ao contrário, eu queria entender como é que deu. E aí a questão não era eu analisar a minha prática, mas era como que foi se comportando aquele contexto. E aí, por isso que eu vim parar em branquitude né, vim estudar branquitude para ver como ela se comporta e como ela age.

E é isso né, a gente tá vendo aqui um pequeno exemplo do que acontece no mundo maior, no macro né, como você disse. Como se manipula as questões para que no final de tudo o brilho, os louros, continuem com os mesmos que tem privilégio...

Luísa: Exatamente. E uma coisa bem interessante que é o complemento que tu está me instigando a fazer. É que assim, existem, como podemos dizer, alguns racistas né. Do tipo assim “oh, vou dar um suporte”, assim como a minha orientadora fez, quem me convidou pra passar o projeto foi ela. Ela fez três convite – “ah, mas tá Luísa, tu aceitou...” – mas teve um convite, eu não fui em busca dela, eu não procurei ela em nenhum momento. Assim como tem um lugar de “vou falar sobre isso aqui porque isso aqui é importante”. Mas, quando você dá o passo a frente, mas eu não preciso de você me segurando, porque eu posso ir à frente existe “não, fui eu que...”. Tipo assim, é como se a branquitude lançasse o seu papel enquanto opressor... enquanto oprimido, na verdade. Mas não o quanto que supera a opressão. Tipo assim, quando você está ali sendo oprimido é tipo assim “ah, coitado de você”, “ah, tá bom, mas agora eu quero brilhar”, “mas como assim agora você quer brilhar? Tá tudo bom, fica no seu lugar de oprimido”. (risos)

Fernanda: Entendi. E tem a questão do salvador branco também né. Eu vi muito essa questão do salvador branco ali né. Vou falar disso que é importante, que é legal e, na verdade, é uma ação de que no final no final é eu que sou o bonzinho legal e desconstruído. E daí na prática diária que a gente precisa ver essa desconstrução, isso não ocorre né? Na mini ação, ali na prática, isso não ocorre.

Luísa: É, é exatamente isso. Foi como que eu me senti assim na dissertação e dentro do projeto só naquele momento específico, como eu te falei. Mas não rolou nenhuma

ação, não aconteceu nenhuma ação de tipo “tá se sentido assim? Então fala sobre isso”. Foi tipo “eu não vou mudar o que já está feito”, sabe? (risos)

Fernanda: Para uma pessoa que é escritora né, mas tudo bem. (risos)

Luísa: Me incomodou, mas eu achei muito interessante você olhar assim, você falar sobre isso. Porque até então a gente como aluno acha que os professores não tão vendo certas cosias, sabe? E tipo, quando você vem e fala sobre isso eu fico pensando “cara, o que que tá acontecendo?” (risos). E tipo “ela tava vendo o que tava acontecendo”, porque tem professores que não estão nem aí e tal, eu nunca achei isso de você, eu sempre achei que você tava vendo, mas agora você se superou “nossa, ela tava vendo MESMO”. Comentava com algumas pessoas, então é mais interessante ouvir isso e perceber que teve o incômodo também da senhora e como isso reflete em muita coisa. E eu nem sei se reflete na contratação, por exemplo. Mas eu fico pensando “tem pessoas que foram contratadas lá na [nome suprimido], que a maioria era branca quando a maioria era preta e tudo mais”.

E o que eu lembro é assim, eu lembro que dentro dos comentários de “como é que tá o seu setor?”, eu lembro tipo assim que os alunos brancos gastavam e os pretos assim, correndo atrás... Eu lembro que o [nome suprimido] falava que tava fazendo coisa pra caramba, tipo assim “não, eu tô fazendo isso, isso, isso e isso...”. O [nome suprimido], não falei tanto com ele, mas a [nome suprimido] também fazendo coisa pra caramba. Tipo, coisa pra caramba. Já parecia que ela trabalhava há anos na tv. (risos)

E eu cara, eu lutei um pouquinho pra receber as coisas. Eu lembro de uma vez que o cara lá da [nome suprimido] olhou diferente pra mim, porque... começou a me olhar diferente porque eu tinha, sei lá, eu ia faltar um dia porque eu ia prestar a prova pro mestrado. Eu ia prestar a prova pro mestrado. Então eu tinha que pedir alguma coisa pra ele, eu tive que mostrar a inscrição. Então tem que ver a cara que ele fez. E eu cheguei assim “oi, tudo bem? Eu preciso da sua permissão porque eu vou fazer a prova pro mestrado” e a cara que ele fez assim foi “caraca, então você é boa, então você é foda”. (risos)

Fernanda: Tipo, ele te descobriu ali.

Luísa: “Nossa, tu vai fazer a prova pro mestrado?” ... foi tipo assim “parabéns, ein”, o parabéns no olhar. Ele ficou surpreso, foi um surpreso positivo, mas também é um surpreso racista também né. E aí eu falei “cara, esses caras tá achando que a gente tá aqui de sacanagem” (risos). Ele acha mesmo que a minha vida é só quatro horas aqui? Tipo assim, “eu tenho muita coisa pra fazer querido”. E as pessoas que só têm as quatro horas ali devem estar se dedicando muito pra ir além. Então é, ninguém tá lá de brincadeira não. É jovem aprendiz que tá querendo ser mestre.

Então tipo, eu lembro desse olhar e eu fiquei “tipo, esse pessoal não sabe de nada aqui” (risos). Eu ria. E beleza, depois eu fui embora, fui embora.

Fernanda: Você acha que as empresas tendem a infantilizar o jovem aprendiz?

Luísa: Como?

Fernanda: As empresas tendem a infantilizar. Você acha que na sua experiência de jovem aprendiz tendo assim, como você disse né, ele ficou assim “ué, fazer mestrado, como assim?”, né? E de repente até outras pessoas, se você ouviu né, de repente, essa experiência de outro jovem. Mas assim, tentando infantilizar, “eles são meninos” ... né?

Luísa: É, eu acho que tipo assim, eu não sei se eu utilizaria o infantilizar, mas eu acho que tem um estigma assim de que a gente tem menos recursos do que eles. Então com menos recursos tem que ser trabalhos assim que não vão demandar muito da nossa capacidade, aí né, “não pode demandar muito da capacidade dessa pessoa”.

Fernanda: Entendi, eles veem o aprendiz como alguém que não seria capaz. Não alguém que tá ali pra aprender tudo, mas pelo contrário, que não estivesse capacitado. Não tá porque você tem que capacitar, porque você é aprendiz...

Luísa: Exatamente, como se não tivesse capacitado. Então teve uma situação que me incomodou e que até é importante falar. Um dia que eu tava lá e todo mundo entrou para uma reunião, menos eu. Eles não me chamaram e eu tava lá na [nome suprimido]. E eu era muito amiga da estagiária lá, menina branca né, ela fazia estágio de engenharia de produção na UNIRIO e engenharia de produção na UNIRIO é uma piada, todo mundo fica zoando porque é uma engenharia de produção voltada para o meio artístico. Então só sabe quem é de lá (risos). Então todo mundo fica falando da engenharia de produção da UNIRIO e ela fazia engenharia de produção lá e ela falava pra mim o quanto que ela queria trabalhar com cinema e, na época, eu estudava teatro e tal né. E eu “nossa, vale muito apena, segue seu sonho e tal”, mas enfim ela tava lá na [nome suprimido], era estagiária e tal. E aí eu lembro que eu comentei com ela tipo assim “o que que aconteceu na reunião, [nome suprimido]?”, ela era bem legal.

Fernanda: Branca, né?

Luísa: Branca. Todo mundo ali do meu setor era branco.

E aí ela disse “nada de mais” e aí eu disse “cara, eu acho que eu podia ter participado”, daí ela falou “eu também acho, você podia ter participado”. Ela me confirmou assim que eu podia ter participado e eu fiquei frustrada com aquilo. Tipo “gente, não me chamaram e eu sou do setor, o que que tá acontecendo?”. E aí depois desse dia eu comecei a me apresentar: “olha, você precisa de alguma coisa? Porque eu posso fazer...”. E aí ele começou a mandar trabalho pra mim. E aí eu comecei a fazer e os trabalhos foram aumentando assim, depois. Mas essa que eles não me chamaram eu fiquei chateada, “poh, eu tô aqui, nem pra me apresentar assim que eu sou jovem aprendiz”. E nada, nada. Eles entraram na sala, todo o setor e tu sabe como é lá na [nome suprimido] né? É um negócio um do lado do outro, todo mundo levanta e você fica lá estranha né.

Fernanda: Eu sei o que é isso de ficar sozinha numa sala, todo mundo sair para a reunião e tu ficar. (risos)

Luísa: Muito cara, muito ruim isso.

Fernanda: Ficar pra atender o telefone... deles.

Luísa: Não e nem pra isso, nem pra isso eu podia. Não falavam nada ainda comigo.

Fernanda: É, é complicado. Realmente. E essas coisas acontecem conosco não só por uma questão do lugar que estamos ocupando no âmbito social, ou seja, você jovem aprendiz e eu na época era secretária júnior. É, não só isso, mas a questão da cor também pesa. Pesa.

Luísa: Claro que pesa. E por mais que você esteja bem arrumado, não adianta. E isso contrastava com o que eu ouvia de casa né, com o que eu vivi. E eu só fui viver, só fui sentir esse racismo mesmo, depois que eu saí de casa. E as pessoas ainda duvidam mesmo de pessoas que você tem que falar e repetir, “isso aconteceu comigo”, “é mesmo? Ah, mas nunca aconteceu comigo”. É óbvio, você é branco! Nunca vai acontecer.

Enfim, mas de qualquer forma, não adianta. Você pode estar bem arrumada, pode ser uma pessoa educada, pode falar duas ou três línguas... não adianta.

Fernanda: Isso não vai impedir, não vai te defender. Não é né, e a gente sabe disso.

Luísa, terminei. Não sei se você quer deixar alguma mensagem, alguma coisa. Eu só quero te agradecer muito e dizer que você tem um caminho lindo. Pode ter certeza disso! Lindo e ainda muita coisa pra... só tá começando. Tá com 25 anos né, tem muito ainda, e eu sei que vou ver teu nome ainda escrito em muuuitos lugares e eu ainda vou ler muito sobre você. Pode ter certeza que o sucesso faz parte da sua caminhada.

Luísa: Eu só quero agradecer, porque eu realmente não estava esperando – eu ia sair com o [nome suprimido] para ir à praia – e realmente não estava esperando passar por muitas emoções hoje (risos). E justamente hoje que eu tava refletindo sobre autoconfiança, autoestima né e como eu quero ser essa pessoa que cria segurança pra mim mesma né – a gente sempre precisa de ajuda – mas ter a minha base muito fortalecida né. Saber para onde correr e que eu possa recorrer a mim, sabe? Eu sou um pouco solitária, mas eu sinto que é importante também. Eu me sinto forte comigo mesma. E como esses espaços acadêmicos, esses muitos espaços que eu vivo, sempre questionaram. Questionaram minha capacidade, questionaram se eu podia ir, se eu podia falar... e como isso afetou né. Tipo assim, me afetou.

Então, é isso. Foi um desafio e foi muito bom poder dizer isso com você e eu desejo muita prosperidade pro seu trabalho, de verdade assim. Que você defenda, que você consiga escrever a sua dissertação no seu tempo, no seu processo, porque não é uma corrida assim. Você vai ter o seu título independente do tempo que você demorou, independente dos que fizeram a frente ou atrás, você vai ter o seu título. E que você faça da melhor maneira assim e falando o que você acredita, e não o que você acha que eles querem ver.

Fernanda: E é isso... deixa só eu parar aqui a gravação. Mas deixa eu te falar uma coisa...